



**O Golfe Como Pólo de Desenvolvimento da  
Região Autónoma da Madeira  
Contributos para uma reflexão**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**Francisco Renato Rodrigues da Silva**  
MESTRADO EM ACTIVIDADE FÍSICA E DESPORTO



UNIVERSIDADE da MADEIRA

*A Nossa Universidade*

[www.uma.pt](http://www.uma.pt)

Maio | 2011



O Golfe como pólo de desenvolvimento da Região Autónoma da Madeira

- Contributos para uma reflexão -

Orientador: Prof. Doutor Helder Lopes

Co-Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Doutora Catarina Fernando

Francisco Renato Rodrigues da Silva

Maio 2011

Para ti mãe, por não conheceres o  
longe e o nunca e por seres sempre  
o aqui e agora.

## Agradecimentos

Com a conclusão deste trabalho chega o momento de olhar para trás e verificar que o caminho percorrido ficou a dever-se ao esforço e dedicação de todos aqueles que de uma forma ou de outra deram um contributo imprescindível, não só para a continuação da minha formação académica, mas essencialmente na construção do Homem que terá de ver para além do que a luz ilumina.

A eles é chegado o momento de expressar a minha gratidão:

- Ao Prof. Doutor Helder Lopes, pelo seu rigor, exigência, apoio, orientação, honestidade intelectual, paciência e amizade que demonstrou ao longo de todo o processo e na superação de algumas barreiras, a esmagadora maioria delas impostas pela minha insipiência. Será sempre uma referência intelectual que mantereí para a vida, a sua sabedoria só é superada pelo humor e prazer da sua companhia.
- À Prof.<sup>a</sup> Doutora Catarina Fernando pelo seu empenhamento pessoal, competência e persistência na orientação deste estudo, assim como a disponibilidade demonstrada. O seu exemplar profissionalismo e personalidade foram um grande estímulo para a realização deste trabalho.
- Ao Dr. Paulo Sousa, Presidente do Conselho de Administração da Sociedade de Desenvolvimento Ponta do Oeste, pela sua amizade e disponibilidade na cedência de dados fundamentais para a realização deste estudo.
- Ao Dr. Ricardo Abreu, Director Geral do Clube de Golfe do Santo da Serra, pela prontidão da sua ajuda na disponibilização de dados e facilidade no trato pessoal.
- Ao Luke Gough, profissional de Golfe do Clube de Golfe do Santo da Serra pela sua paciência na resposta a várias perguntas que coloquei. As suas aulas de Golfe foram momentos de absoluto prazer e revelaram-se cruciais, por um lado para a minha aprendizagem, por outro para que houvesse uma consciencialização prática do âmbito deste trabalho.

- Ao Andrew Oliveira, profissional de Golfe do Porto Santo Golfe, que sempre se disponibilizou para esclarecer as minhas dúvidas mesmo quando estas eram colocadas por telefone ou por correio electrónico.
- Ao Vítor Franco pela colaboração na procura e cedência de dados bibliográficos.
- Ao Francisco Fernandes pela sua amizade incondicional e paciência na leitura de vários esboços do trabalho.
- A todos os meus irmãos pelo sentido de solidariedade que nos une, e que foi fulcral em momentos menos bons da vida.
- Ao meu irmão Rafael Silva, que demonstrou-me que a lealdade e amizade não têm limites, e que foram essenciais em momentos de descrença.
- Por fim, quero agradecer à minha mulher, Sara Silva. Se não fosse a sua paciência, apoio e atenção ao pormenor, este trabalho não teria sido realizado. A minha gratidão para com ela é incomensurável, assim como o meu amor.

## Resumo

O propósito deste estudo foi o de contribuirmos para uma reflexão que abordasse o Golfe como um dos pólos de desenvolvimento da Região Autónoma da Madeira.

Começamos por fazer um enquadramento do problema, caracterizando e analisando algumas relações entre a legislação de suporte, a política desportiva regional, as características e potencialidades do Golfe, em geral, e mais especificamente do Swing, através da bibliografia que acerca dos mesmos é produzida, nos seus mais variados contextos e níveis de análise.

Apresentamos uma conjectura alicerçada na Sistemática das Actividades Desportivas, mais concretamente, através do Modelo dos Desportos Individuais de Almada *et al* (2008), onde, identificamos os diferentes tipos de capitais susceptíveis de serem rentabilizados através do Golfe, nomeadamente os capitais Turismo, Saúde e Educação, de modo a que a modalidade se possa constituir como um pólo de desenvolvimento regional.

Como forma de refutação da conjectura efectuada analisamos a título exploratório a viabilidade de algumas situações aplicativas ao nível dos capitais identificados.

Foi possível concluir que o Golfe pode assumir-se como um pólo de desenvolvimento da Região Autónoma da Madeira caso se considerem, de forma articulada, os diferentes tipos de capital em jogo, pois os mesmos podem ser relevantes no desenvolvimento de uma região ou país.

Palavras-chave: Golfe, Turismo, Saúde, Educação, Sistemática das Actividades Desportivas, desenvolvimento.

## **Abstract**

The purpose of this study was to contribute to a discussion that addressed Golf as a center of development of Madeira Islands.

We have started with a framing of the problem, characterizing and analyzing relationships between some support legislation, the regional sports policy, the characteristics and potential of Golf in general and more specifically the swing through the literature that is produced about it, in their more diverse backgrounds and levels of analysis.

We present a conjecture based on Systematics of Sports Activities, specifically through the Model of Individual Sports Almada *et al* (2008), where we identify the different types of funds that could be capitalized through Golf, including the funds Tourism, Health and Education , so that the activity may be incurred as a core for regional development.

As a refutation of the conjecture made, we analyze the viability of some situations concerning funds identified.

It was concluded that Golf could be seen as a pole of development in Madeira Islands, if considered in an articulated way, the different types of funding at stake, as they may be relevant in the development of a region or country.

Key words: Golf, Tourism, Health, Education, Systematic of Sports Activities, development.

## Résumé

Avec cette étude c'est notre intention de contribuer à une réflexion où on puisse attirer l'attention sur le Golf en tant que pôle de développement de Madère.

On va faire d'abord caractériser et analyser les relations entre certaines législations de soutien, la politique sportive régionale, les caractéristiques et le potentiel du golf en général et plus particulièrement le swing à travers la littérature qui est produite sur sujet aux contextes horizons plus variés et aux niveaux d'analyse.

Nous présentons une conjecture basée sur la systématique des activités sportives, notamment à travers le modèle des sports individuels à Almada *et al* (2008), où nous énumérons les différents types de capital qui pourraient être rentabilisés par le Golf, nomment du tourisme, de la santé et de éducation, de sorte que la modalité puisse être engagée en tant que plaque tournante pour le développement régional.

En tant que moyen de réfutation de la conjecture faite à titre provisoire d'analyser la viabilité de certaines situations, le niveau de capitaux identifiés.

Il a été possible de conclure que le Golfe pourrait être assumé en tant que pôle de développement de Madère, lors de l'examen de manière articulée les différents types de capitaux en jeu, car ils peuvent être pertinents dans le développement d'une région ou d'un pays.

Mots-clés: Golf, Tourisme, La Santé, L'éducation, systématique des activités sportives, le développement.

## Índice geral

Agradecimentos .....	iii
Resumo .....	v
Abstract .....	vi
Résumé .....	vii
Índice geral.....	viii
Índice de quadros.....	x
Índice de tabelas .....	xi
Índice de gráficos .....	xii
Índice de figuras.....	xiii
Índice de Anexos.....	xiv
1 Introdução.....	1
2 Enquadramento do problema.....	5
2.1 Política desportiva regional.....	7
2.1.1 Quadro legal de Intervenção da RAM no desenvolvimento desportivo .....	8
2.1.2 Interfaces com o Desenvolvimento Regional .....	9
2.2 Conceito de desenvolvimento.....	10
2.2.1 Desenvolvimento regional.....	12
2.2.2 Desenvolvimento Sustentável.....	14
2.3 Um olhar sobre o Golfe .....	18
2.3.1 O Swing.....	22
2.4 O Golfe e a Saúde.....	27
2.5 O Golfe e a Educação .....	32
2.6 O Golfe e o Turismo .....	35
3 Definição do Problema .....	46
4 Metodologia .....	48

5	Resposta ao problema – construção da conjectura .....	51
5.1	Golfe como desporto individual – Sistemática das Actividades Desportivas .....	52
5.1.1	O Swing – A caracterização do Golfe à Luz do Modelo taxonómico dos Desportos Individuais.....	54
5.2	As potencialidades do Golfe .....	61
6	Refutação da conjectura .....	70
6.1	Ao nível da Educação .....	70
6.2	Ao nível da Saúde .....	78
6.3	Ao nível do Turismo .....	84
7	Considerações Finais.....	91
8	Sugestões para Futuras Reflexões.....	95
9	Referências Bibliográficas.....	97
10	Anexos.....	109

## Índice de quadros

Quadro 1 - Dados relativos à demografia federada por região, número de campos e a média de golfistas por campo em cada região .....	20
Quadro 2 - Benefícios do exercício físico ao nível fisiológico e psicossocial.....	30
Quadro 3 - Mercado do <i>golf travel</i> pelas motivações principais e os mercados que servem. ...	39

## Índice de tabelas

Tabela 1 - Motivos pessoais dos turistas que visitam a RAM por mercado emissor.....	42
---	----

## Índice de gráficos

Gráfico 1 - Distribuição geográfica dos campos de Golfe em Portugal.....	41
Gráfico 2 - Principais mercados emissores do destino Madeira.....	41
Gráfico 3 - Número de <i>green fees</i> realizados por turistas nos campos de Golfe do Santo da Serra, Palheiro Ferreiro e Porto Santo.....	43
Gráfico 4 - Número de <i>green fees</i> realizados por sócios nos campos de Golfe do Santo da Serra, Palheiro Ferreiro e Porto Santo.....	44
Gráfico 5 - Ilustra a distância que a bola atinge com um ângulo de saída de $45^\circ$ e com a variação da velocidade de saída da bola.....	58
Gráfico 6 - Ilustra a distância que a bola atinge quando a velocidade inicial é constante e existe alternância do ângulo de saída da bola.....	59

## Índice de figuras

Figura 1, 2 e 3 - Sequência em três fases de execução do swing com o destaque para algumas das direcções das forças exercidas. ....	56
---	----

## Índice de Anexos

Anexo A - Lei n.º 5/2007, de 16 de Janeiro .....	109
Anexo B- Decreto Legislativo Regional n.º 30/2009/M.....	116
Anexo C - Preços médios por green fee nos campos de Golfe do Algarve .....	119
Anexo D - Relatório demográfico escolar 2010 – 2011 Funchal .....	120
Anexo E - Relatório demográfico escolar 2010 - 2011 Machico .....	122
Anexo F - Relatório demográfico escolar 201 - 2011 Santa Cruz .....	123
Anexo G - Relatório demográfico escolar 2010 - 2011 Porto Santo .....	124
Anexo H - Motivações da viagem à Madeira.....	125
Anexo I - Hóspedes entrados, total de hóspedes e dormidas nos estabelecimentos hoteleiros por mês.....	126
Anexo J - Glossário do Golfe .....	127

## 1 Introdução

*“O desporto, cada vez mais, é olhado como um produto e um serviço geradores de Educação, de cultura, de lazer e de economia, no quadro da organização social dos países. Quer queiramos quer não, deixou de ser um instrumento exclusivamente de ordem pedagógica (...) para passar a ser uma actividade de significativo valor económico, social e político, no quadro das decisões que devem presidir às estratégias de desenvolvimento dos países”* (Pires, 1996, p.11)

Quando nos propusemos a tratar a problemática do Golfe como um dos pólos de desenvolvimento da Região Autónoma da Madeira (RAM), levantaram-se de imediato questões sobre como poderia considerar-se a viabilidade de situações que promovessem contributos para esta reflexão.

Esta problemática emerge, em parte, de uma nova e frenética transformação que se assiste nas sociedades contemporâneas a vários níveis, num ambiente à escala global de grande instabilidade e turbulência, orientado para a diversidade e para novas necessidades que se transformam a uma velocidade vertiginosa e que obrigam à existência de novas competências nos domínios da organização e gestão do desporto, sustentados em novos conhecimentos e instrumentos metodológicos que sejam capazes de dar novas respostas adequadas a tais desafios. (Pires, 1996).

Assim, a gestão do desporto torna-se mais complexa, pelo que, *“há necessidade de existirem novas competências humanas que respondam às novas exigências organizacionais das empresas e dos sistemas”* (Pires, 1996, p. 23).

Em conformidade, os gestores, devem dominar os conhecimentos e as competências sobre os aspectos da gestão de pessoas e de actividades das organizações, sabendo, porém que nenhuma destas competências é panaceia que se possa aplicar universalmente (J., Lopes, 2004).

Assim, como preceitua Armstrong (2005), não só é necessário conhecer tais competências como é fundamental aplicá-las correctamente e identificar eventuais modificações de forma a responder a uma procura específica, resultante do contexto em que nos encontramos.

Neste processo de transformações globais, torna-se necessário entender o produto desporto, como preconizam Almada, Fernando, Lopes, Vicente e Vitória, (2008) simultaneamente, uma indústria, um comércio e um serviço que abrange os sectores, primário, secundário e terciário da economia.

Não será pois de estranhar que as estruturas que suportam a prática desportiva, acompanhando a evolução da articulação entre estas organizações e os processos de gestão, tenham também evidenciado sinais desta modificação, patentes fundamentalmente nos planos de acção estratégica, na identificação e compreensão do problema e do produto, nas metodologias e nos instrumentos adoptados. (Mill, 2001).

Neste aspecto particular, as estruturas desportivas de Golfe patenteiam já esta tendência, não sendo difícil de encontrar referências à necessidade de tornar os campos de Golfe mais sustentáveis, não só do ponto de vista ambiental mas também económico, desde a abordagem em relação à arquitectura do campo, às espécies de relva seleccionadas e à gestão do campo, como defende Mill (2001).

Porém, não abundam os estudos de investigação que associem o Golfe a um produto de desporto, considerado na perspectiva de Almada *et al* (2008).

É na identificação, compreensão e estruturação do conhecimento do Golfe e nas metodologias e nos instrumentos, que entendemos que se poderão encontrar respostas adequadas que nos permitam olhar para esta modalidade com o valor que possui nesta área do conhecimento e dos mercados que serve, nomeadamente, nos contributos que poderá fornecer no sentido de ser considerada um dos pólos de desenvolvimento da Região Autónoma da Madeira (RAM).

Para isso, pode ser necessário revelar novas perspectivas do Golfe, com um eventual reforço dos seus quadros técnicos de gestão e da tomada de decisão, para que o Golfe, não só se constitua como uma modalidade inserida no quadro das decisões estratégicas das regiões onde se instala, mas para que, essencialmente, não abra mão das potencialidades que possui, no nosso entender, enquanto contributo para o desenvolvimento do Turismo, da Educação e da Saúde.

Ora, é fundamental agir, e se em parte atravessamos uma crise económica internacional, nacional e regional, não podemos deixar que isso nos tolde as acções, como nos referem Almada *et al* (2008) pois, o lado positivo da crise é o facto de esta nos obrigar a agir, nos retirar da “*paz morta*”.

Para que o Golfe possa evoluir e acompanhar as mudanças profundas e contribuir para novas roturas tem de considerar a implementação de um novo conjunto de estratégias de actuação que promova a modalidade, não só como exclusiva oferta de qualidade a nível turístico, pela excelência dos seus serviços que importa manter e estimular, mas aproveitando essa referência para promover novos capitais de exploração emergentes.

A promoção destes novos capitais no Golfe pode em parte ser suportada por algum conhecimento nas ciências empresariais proporcionando um leque alargado de metodologias, estratégias, conhecimentos, processos e instrumentos que, convenientemente adaptados, poderão ser de extrema utilidade para as transformações que consideramos necessárias nas estruturas organizacionais de desporto de forma geral e do Golfe em particular.

Para tal será fundamental cumprirmos com os objectivos da gestão defendidos por Armstrong (2005, p. 3), “*A gestão é um processo que visa obter resultados através de uma melhor utilização dos recursos humanos, financeiros e materiais à disposição da organização e de cada gestor. Por outro lado, a gestão preconiza acrescentar valor a esses recursos, sendo que este valor acrescentado depende da competência e do compromisso das pessoas responsáveis pela gestão do negócio.*”

A referência aos objectivos da gestão justifica-se no sentido que entendemos que a mudança que o estudo propõe passa também, e muito, pela atitude dos gestores do desporto, no seu papel de produtores de desporto, quer seja esta mudança estratégica ou operacional (Armstrong, 2005).

A motivação pessoal, intrinsecamente ligada a um primeiro contacto com o Golfe, a motivação profissional, no sentido em que exerço as funções (desde 2004) na área da Gestão Desportiva, nomeadamente na direcção de instalações desportivas e o desejo de contribuir, embora de forma modesta, para uma reflexão que aborde o Golfe como um dos pólos de desenvolvimento da RAM, são aspectos que justificam o trabalho, que se estrutura da seguinte forma:

Iniciamos o trabalho com a introdução, que agora finda, procurando descrever um conjunto de razões que justificam o tema escolhido;

Em seguida fazemos uma pesquisa bibliográfica com o intuito de criar uma base de sustentação de conhecimento relativos aos assuntos que irão ser explorados na investigação e definiremos o problema a ser estudado;

Na continuação estabelecemos a metodologia a ser utilizada no estudo;

Estruturamos uma conjectura, tendo por base a compreensão do produto através da utilização da Sistemática das Actividades Desportivas, mais especificamente através da Taxonomia dos Desportos Individuais de Almada *et al* (2008). Deste modo pretendemos contribuir para a criação de novos modelos de actuação e de estruturação do conhecimento nesta área, para que as metodologias e os processos a utilizar sejam melhor rentabilizados;

De seguida, refutamos a conjectura construída como forma de consolidação do processo de estruturação e organização do conhecimento, analisando a viabilidade de algumas situações aplicativas nas áreas da Educação, Saúde e Turismo.

Finalizamos com a apresentação sumária de considerações finais e algumas breves sugestões para futuras reflexões que julgamos pertinentes para o aprofundar do conhecimento nesta esfera do saber.

## 2 Enquadramento do problema

*“... a pesquisa bibliográfica é a técnica que auxilia o estudante a fazer a revisão de literatura possibilitando conhecer e compreender melhor os elementos teóricos que fundamentarão a análise do tema e do objecto de estudo escolhidos.” (Reis, 2008, p. 51)*

Para Salomon (1999), pesquisa é o processo de desenvolvimento do método científico. O seu objectivo é descobrir respostas mediante o uso de procedimentos científicos, procurando respostas para indagações propostas.

Rodrigues (2007), defende que pesquisar é um conjunto de acções propostas para encontrar a solução de um problema, que tem por base procedimentos racionais e sistemáticos. No fundo, defende o autor, a pesquisa realiza-se quando existe um problema e não há informações imediatas para solucioná-lo.

Os procedimentos comuns à pesquisa defendidos por Salomon (1999) são a formulação de questões ou proposição de problemas e levantamento de hipóteses de trabalho ou solução; a realização de leituras e observações; o registo e interpretação das observações e das leituras e a elaboração de explicações, conclusões, generalizações e previsões.

É na tentativa de procurarmos respostas às nossas perguntas, que se insere o âmbito desta investigação, no sentido de equacionarmos a problemática do Golfe como pólo de desenvolvimento na RAM.

Para tal, pensamos que será de todo conveniente criar uma base de sustentação de conhecimento relativos aos assuntos que irão ser explorados neste estudo. No fundo, pretendemos desenvolver um enquadramento teórico da problemática que nos motivou para esta investigação.

De forma a cumprir este objectivo, numa primeira instância procuraremos demonstrar as interfaces existentes entre a política desportiva adoptada na RAM, relativamente ao seu quadro legal de intervenção no desenvolvimento desportivo e respectivas sinergias com o desenvolvimento regional e a modalidade Golfe como elemento catalisador do mesmo.

Numa segunda fase, uma base conceptual, onde se irão desenvolver o conceito de: desenvolvimento, concebendo assim, um suporte que nos permita situar, de forma geral, a importância das actividades desportivas nestas temáticas e, em particular, o Golfe.

Relativamente à problemática do desenvolvimento, esta não pode ser encarada de forma isolada, pois está desde logo associada a questões de ordem moral, ética e política (S. Lopes, 2000). Neste sentido, enquadraremos as considerações e reflexões num quadro mais geral, onde se inclui o desenvolvimento regional e o desenvolvimento sustentável.

Enquadraremos, de seguida, o Golfe num plano mundial, nacional e regional e procuraremos constituir um cenário conceptual que nos permita estabelecer uma caracterização do Golfe através do swing e o conhecimento da utilização de novas ferramentas de apoio e desenvolvimento deste “gesto técnico”.

Numa quarta etapa lançaremos uma análise do estado do conhecimento actual do Golfe onde se incluem estudos de investigação realizados nas áreas da Educação, da Saúde e do Turismo.

Procuraremos, desta forma, tomar consciência de alguns dos trabalhos realizados nestas áreas, numa perspectiva de entendimento dos conteúdos que nos permitam salientar e compreender os condicionalismos a ter em conta.

As potencialidades do Golfe, aparentemente, são sobejamente conhecidas por grande parte dos estudiosos do fenómeno desportivo, em geral, e em particular da modalidade. Porém, embora existam investigações nos vários âmbitos e assuntos com as demais relações existentes entre o Golfe e a Saúde, a Educação, o Turismo, o ambiente, a *performance*, os factores sociais e económicos, julgámos que seria de todo interessante equacionar, compreender e avaliar este produto Golfe e abordar a sua funcionalidade e exploração ao nível do desenvolvimento da Região Autónoma da Madeira, particularmente no que à Saúde, Educação e Turismo diz respeito.

## 2.1 Política desportiva regional

Para uma correcta análise da intervenção do Golfe como ferramenta de desenvolvimento, será de alguma forma coerente e lógico começarmos por estabelecer e identificar em que quadro legal podemos considerar o desenvolvimento regional elencado à modalidade Golfe.

Nesse sentido, será incontornável a referência à *“Lei de Bases da Actividade Física e Desporto onde se encontra estabelecido as bases das políticas de desenvolvimento da actividade física e do desporto”* (Lei n.º 5/2007, de 16 de Janeiro, art.º 1, *Lei de Bases da Actividade Física e Desporto*).

*“O direito à actividade física e desporto é de todos, independentemente da sua raça, sexo, etnia, língua, território de origem, religião, convicções políticas ou religiosas, instrução, situação económica, condição social ou orientação sexual, e deve contribuir para a promoção de uma situação equilibrada e não discriminatória entre homens e mulheres”* (Lei n.º 5/2007, de 16 de Janeiro, art.º 2, *Lei de Bases da Actividade Física e Desporto*).

*“Ao Estado, Regiões Autónomas e autarquias locais, é incumbida a promoção da actividade física e do desporto, enquanto instrumento essencial para a melhoria da qualidade de vida e da Saúde dos cidadãos, em colaboração com as instituições de ensino, as associações desportivas e demais entidades públicas ou privadas”* (Lei n.º 5/2007, de 16 de Janeiro, art.º 5 e 6, *Lei de Bases da Actividade Física e Desporto*).

Também a Carta Europeia do Desporto (2000, artigo 1º, p.3) sugere aos seus governos membros, *“a promoção do Desporto como factor importante do desenvolvimento humano”,* considerando como essencial *“dar a cada indivíduo a possibilidade de praticar Desporto.”* E define Desporto como *“todas as formas de actividade física que, através de uma participação organizada ou não, têm por objectivo a expressão ou o melhoramento da condição física e psíquica, o desenvolvimento das relações sociais ou a obtenção de resultados na competição a todos os níveis.”*

É neste sentido que observamos, entre outros, princípios fundamentais resguardados como princípios da acção do Estado, como sejam, *“uma política integrada de infra-estruturas e equipamentos desportivos com base em critérios de distribuição territorial equilibrada, de valorização ambiental e urbanística e de sustentabilidade desportiva e económica, visando a*

*criação de um parque desportivo diversificado e de qualidade, em coerência com uma estratégia de promoção da actividade física e desportiva, nos seus vários níveis e para todos os escalões e grupos da população.” (Lei n.º 5/2007, de 16 de Janeiro, art.º 8, “Lei de Bases da Actividade Física e Desporto”).*

A “Lei de Bases da Actividade Física e Desporto” determina e a Carta Europeia do Desporto reforça e sugere ao Estado a promoção de Desporto, de forma ampla e aberta, numa perspectiva de desenvolvimento multidimensional dos cidadãos.

### **2.1.1 Quadro legal de Intervenção da RAM no desenvolvimento desportivo**

À Região Autónoma da Madeira corresponde o exercício de competências determinadas pelo Decreto Legislativo Regional n.º 19/93/M que cria o “Instituto do Desporto da Região Autónoma da Madeira”, (IDRAM), actualmente designado IDRAM - IP-RAM (Decreto Legislativo Regional n.º 30/2009/M Reestruturação do “Instituto do Desporto da Região Autónoma da Madeira”, IP – RAM).

“ O IDRAM - IP- RAM tem por missão fomentar e apoiar o desenvolvimento desportivo na RAM, promovendo a criação de condições técnicas, logísticas, financeiras e materiais, com vista a incrementar os hábitos de participação na prática desportiva, (...)” (art. 3º Missão. Decreto Legislativo Regional n.º 30/2009/M).

É através do estímulo e apoio ao desporto nos vários âmbitos fomentando “a criação de condições técnicas, logísticas e materiais necessárias à sua prossecução que cabe ao IDRAM - IP- RAM proceder a estudos e propor medidas sobre a problemática desportiva, em conjunto com outras entidades públicas ou privadas, tendo em vista o desenvolvimento desportivo regional integrado; Promover e acompanhar a política de formação inicial e contínua dos agentes operantes no sistema desportivo regional; Dar parecer sobre todos os projectos de construção e remodelação de infra-estruturas desportivas promovidas por entidades públicas ou privadas; Promover medidas tendentes à adopção generalizada dos exames de aptidão e de controlo médico desportivo aos praticantes e demais agentes inseridos no sistema desportivo regional; Implementar mecanismos necessários à aplicação de um sistema de seguro desportivo obrigatório; Promover campanhas de divulgação da prática desportiva,

*enquadradas permanentemente pelos princípios de salvaguarda e promoção da Saúde, e do espírito desportivo; Manter actualizado o atlas desportivo da Região; Pronunciar -se sobre as normas de segurança desportiva a observar em todos os recintos desportivos da RAM.” (art. 4º Atribuições. Decreto Legislativo Regional n.º 30/2009/M).*

### **2.1.2 Interfaces com o Desenvolvimento Regional**

Falar na modalidade desportiva Golfe na RAM é falar também de um dos pontos estratégicos de desenvolvimento regional, no âmbito do sector do Turismo, visando a *“valorização do potencial turístico numa perspectiva integrada, sustentável e de consolidação das características de destino de qualidade.”* (Programa de Governo 2007 – 2011, p. 50).

No mesmo documento, na mesma página, pode ler-se que *“Actualmente, o destino «Madeira» já oferece um vasto leque de produtos e serviços, designadamente a natureza, o clima, a Saúde e bem-estar, a segurança e a hospitalidade.”*

Não sendo, por isso, de estranhar que estejam previstos no ponto 2 a oferta de *“Infra-estruturas, equipamentos e serviços de natureza pública com impacto directo no desenvolvimento turístico e na qualidade da oferta, designadamente as novas potencialidades do aeroporto, as novas oportunidades propiciadas pelos serviços de transportes aéreos e pelos operadores turísticos, as infra-estruturas portuárias, as marinas, as infra-estruturas marítimo-turísticas e de náutica de recreio, os campos de Golfe, os parques temáticos, os centros de congressos e incentivos.”* (Programa de Governo 2007 – 2011, p. 50).

Mais à frente, página 51, podemos encontrar nova referência à modalidade de Golfe relativa a *“acções promocionais, com particular incidência em segmentos de mercado ligados ao Golfe, ao Turismo de negócios, aos congressos e incentivos, ao Turismo de Saúde e bem-estar, ao Turismo activo e ao Turismo de cruzeiros, nomeadamente seminários, semanas da Madeira, workshops e sessões de informação dirigidas a profissionais do sector e a criadores de opinião.”*

Deparamo-nos com uma ênfase do mercado de Golfe na promoção e desenvolvimento regional através do Turismo, mas não só. É associado aos eventos desportivos como veículo promocional que o Golfe poderá também evidenciar o seu cunho na promoção do destino

“Madeira”. Posto que, como nos clarifica o programa de governo actual, *“sendo os eventos desportivos uma forma particular de promoção regional deverá ser criado um regime de apoios que concentre os recursos nos eventos que assegurem, em função do respectivo interesse competitivo ou de espectáculo, cobertura mediática nacional e internacional relevante, a definir em parceria com a tutela do Turismo.”* (Programa de Governo 2007 – 2011, p. 120).

O desenvolvimento na Região Autónoma da Madeira está, também, segundo o programa de governo 2007 – 2011, ligado à modalidade de Golfe. Assim, será de todo pertinente dedicarmos parte deste estudo ao conceito de desenvolvimento, desenvolvimento regional e desenvolvimento sustentável, que nos permita um entendimento universalizado dos temas de estudos que serão repetidamente referidos, no sentido de melhor estabelecer as linhas orientadoras deste trabalho.

## 2.2 Conceito de desenvolvimento

Para nos pronunciarmos sobre o conceito de desenvolvimento, convém, desde logo, estabelecer a diferenciação essencial entre crescimento e desenvolvimento.

Almada *et al* (2008), encaram os conceitos de crescimento e desenvolvimento, como complementares, sendo que o primeiro tem uma conexão quantitativa, enquanto o segundo tem um cariz qualitativo.

Esta complementaridade, reforçam os autores, *“resulta da existência de capitais que são sempre finitos (...) e sendo qualquer investimento uma espécie de «cocktail» de capitais, é fundamental gerir um espaço de equilíbrios dentro das condições existentes e os objectivos visados através dos tempos.”* (Almada *et al*, 2008, p. 209).

F. Fernandes (2009, p. 165) nesta matéria afirma que o *“crescimento não é um fim em si mesmo, mas antes um meio de se atingir o desenvolvimento.”*

É verdade que, em muitas situações, há efectiva necessidade, como nos explica S. Lopes, (2006) de aumentar a produção, de crescer, mas não é qualquer crescimento, nem o crescimento em qualquer parte, ou a qualquer preço, que gera desenvolvimento.

Neste particular, F. Fernandes (2009, p. 162) refere que o *“conceito de crescimento em matéria de desporto circunscreve-se ao aumento do produto do processo desportivo. Geralmente avalia-se este aumento através dos resultados obtidos no domínio do desporto formal, traduzidos em recordes nacionais e internacionais e obtenção de medalhas em campeonatos da Europa ou do Mundo ou em jogos olímpicos.”* O crescimento, por si só, *“pode significar um aumento desequilibrado, sem se ter verificado alterações das condições qualitativas de prática desportiva da região em análise. (...) Queremos com isto dizer que o conceito de desenvolvimento do desporto tem de ser entendido num contexto económico e social, onde as práticas desportivas se desenvolvem.”*

É nesta perspectiva que o mesmo autor considera evidente poder haver crescimento sem ter havido desenvolvimento, podendo inclusive, em termos desportivos, o crescimento ser um processo atingível sem que para isso haja forçosamente desenvolvimento.

Para Sen (2001, p. 282), *“(...) people themselves must have responsibility for the development and change of the world in which they live.”*

A atribuição do Nobel ao autor supra citado, veio dar efectiva nobreza ao conceito de desenvolvimento que este autor coloca liminarmente ao nível da liberdade, com carga moral e ética dominante. O Nobel da Economia (1999), encara o desenvolvimento como o processo de expansão das liberdades concretas das pessoas, considerando-o mesmo como um extraordinário comprometimento com as possibilidades da liberdade.

Lipset (1959, como citado em Branco, 2005, p. 76) *“estabelecia uma correlação positiva entre o nível de desenvolvimento e o grau de liberdade, permitindo-se estabelecer uma série de condições económicas para a democratização.”*

Na mesma linha de pensamento, Pires (1996) encara o desenvolvimento como a principal via para a melhoria das condições de vida do homem e a contribuição para os seus ideais em geral, e não tem por finalidade exclusiva satisfazer as suas necessidades.

É nesta visão de desenvolvimento como um processo centrado nas pessoas que Boutros-Ghali (1996) refere que compete ao homem determinar o seu futuro.

Incidindo sobre as questões do desenvolvimento, Sachis (1998) recorda o desenvolvimento como um processo de aprendizagem social que apela às capacidades da memória e da

imaginação, sendo estas características singulares da nossa espécie, que conferem-na de excelentes aptidões de se adaptar. É, por isso, um conceito de grande complexidade, pois não se cinge a uma dimensão unicamente quantitativa, como o crescimento.

### **2.2.1 Desenvolvimento regional**

Falamos de desenvolvimento, não afasta, porém, a possibilidade de fazermos uma breve incursão sobre o conceito de desenvolvimento numa perspectiva regional, como S. Lopes, (2000) desenvolve.

Segundo este autor, a questão do desenvolvimento regional deve assentar em conceitos de desenvolvimento e não de crescimento, como tantas vezes acontece. Porém, enfatiza, o crescimento interessa quando está ao serviço do desenvolvimento e não como um objectivo em si.

A área do desenvolvimento regional deve ser entendida, por isso, fundamentalmente, através da caracterização da realidade regional em termos ambientais, histórico-culturais e socioeconómicos, assim como os compromissos com a melhoria da cidadania e a gestão e execução de projectos de desenvolvimento regional (S. Lopes, 2000).

Buarque (2008, p. 25) entende que *“ O desenvolvimento local pode ser conceituado como um processo endógeno de mudança, que leva ao dinamismo económico e à melhoria da qualidade de vida da população em pequenas unidades territoriais e agrupamentos humanos. Para ser consciente e sustentável, o desenvolvimento local deve mobilizar e explorar potencialidades locais e contribuir para elevar as oportunidades sociais e a viabilidade e competitividade da economia local; ao mesmo tempo, deve assegurar a conservação dos recursos naturais locais, que são a base mesma das suas potencialidades e condição para a qualidade de vida da população local.”*

Na Cooperação e Desenvolvimento Regional [CDR] (1992) – Agencia de Desenvolvimento Regional de Setúbal, entende-se o desenvolvimento regional *“como uma especificação do conceito de desenvolvimento, fazendo, por um lado, realçar o resultado das políticas de desenvolvimento global e, por outro, informar o planeamento da necessidade em considerar*

*nos seus objectivos uma forma mais adequada para um racional equilíbrio na utilização e dinamização de um território.”*

Desta forma, o desenvolvimento regional, refere-nos a mesma agência, *“não é o resultado de uma construção teórica ou académica do conceito de desenvolvimento, mas sim uma necessidade real, uma forma de gerir mais eficazmente os factores de desenvolvimento, tanto na optimização dos recursos como na garantia de uma maior participação dos diferentes actores. Deve, ainda, procurar soluções para os problemas criados pela dinâmica da economia global, especialmente no que respeita à atenuação dos, cada vez mais, evidentes desequilíbrios espaciais.”*

Neste contexto, a CDR (1992), identifica os objectivos fundamentais do desenvolvimento regional, que se traduzem no seguinte: Combate às assimetrias regionais; Aproveitamento dos recursos e potencialidades endógenos das regiões; Promoção do ordenamento do território; Garantia da participação dos cidadãos na resolução dos problemas regionais.

Na Região Autónoma da Madeira (RAM), temos o Instituto de Desenvolvimento Regional [IDR] (2007), este órgão de apoio à Secretaria Regional do Plano e Finanças, tem por missão a coordenação das actividades de planeamento e de monitorização do modelo de desenvolvimento regional bem como a coordenação e gestão da intervenção dos fundos comunitários na RAM.

Fazem parte das atribuições do IDR: Analisar a evolução económico-social mundial, em geral, e comunitária e nacional, em particular, e acompanhar os estudos de prospectiva realizados no âmbito respectivo; Analisar e acompanhar a evolução económica e social da RAM, identificando os principais estrangulamentos, estudar as perspectivas de desenvolvimento da Região, em estreita ligação com outros serviços da administração regional e com entidades interessadas e vocacionadas para o estudo dos problemas de desenvolvimento regional sustentável; Desenvolver os estudos necessários à fundamentação e formulação de propostas relativas às grandes linhas de estratégia de desenvolvimento, integrando e articulando as políticas sectoriais e espaciais, em ordem à preparação dos planos regionais; Coordenar e elaborar a versão final dos planos regionais, articulando as acções neles previstas em colaboração com organismos das diversas secretarias regionais e com outras entidades envolvidas; Coordenar o processo de preparação dos planos de médio prazo e anuais; Acompanhar a implementação da política de desenvolvimento económico e social e proceder à

avaliação das suas repercussões sectoriais e espaciais; Preparar e elaborar a proposta técnica do Plano de Investimentos e Despesas de Desenvolvimento da Administração Regional (PIDDAR) e proceder ao acompanhamento e avaliação da sua execução; Preparar o enquadramento dos planos e programas sectoriais de desenvolvimento económico e avaliar o seu impacte socioeconómico; Estabelecer a necessária ligação aos organismos de planeamento do desenvolvimento regional e cooperar com outras entidades no domínio das suas actividades; Assegurar a representação da Região nos órgãos de planeamento de âmbito nacional; Assegurar uma correcta articulação na aplicação dos fundos comunitários na RAM; Apoiar os organismos intermédios de gestão das intervenções operacionais e as respectivas estruturas de apoio técnico, quer na formação dos seus técnicos quer no desenvolvimento de actividades e ou resolução de questões de maior complexidade; Assegurar o apoio a missões promovidas pelas instâncias nacionais e comunitárias, no âmbito das intervenções co-financiadas pelos fundos comunitários; Promover a elaboração de estudos que se tornem necessários à boa aplicação dos fundos comunitários na RAM e, quando necessário, propor medidas de apoio à actividade económica regional, participar e acompanhar a sua aplicação e avaliar o respectivo impacte; Promover a avaliação do impacte e dos efeitos da aplicação dos instrumentos de desenvolvimento, em particular das intervenções co-financiadas pelos fundos comunitários, em estreita articulação com as entidades mais directamente envolvidas; Promover a difusão dos estudos e trabalhos elaborados no âmbito das suas competências ou com a sua colaboração; Exercer as demais atribuições que lhe forem legalmente cometidas (IDR, 2007).

Trata-se fundamentalmente, de permitir o envolvimento de diversos actores e instituições sociais, públicas e privadas, no sentido de atenuar as assimetrias sociais, sempre que estas existam, para que se possam cumprir os direitos humanos como um sistema ético e os projectos de desenvolvimento, ao serviço da qualidade de vida das populações, (Sen, 2000).

### **2.2.2 Desenvolvimento Sustentável**

Antes de caminharmos para a definição de Desenvolvimento Sustentável, será de todo conveniente lembrar Juri Semjonow, (como citado no Programa Regional de Acções Inovadoras [PRAI] - Madeira 2002, p.1) "*O progresso e a riqueza das nações dependem sempre do maior de todos os valores económicos – O HOMEM*".

Na óptica de Buarque (2008, p. 58) o “ *conceito de desenvolvimento sustentável resulta do amadurecimento das consciências e do conhecimento dos problemas sociais e ambientais...*”.

A definição de Desenvolvimento Sustentável tem origem em várias temáticas que foram surgindo ao longo do tempo para analisar os traços mais preocupantes do contexto em que decorre a expansão das actividades humanas (PRAI – Madeira, 2002).

A definição proposta pela Comissão Brundtland em 1987 dá um quadro preciso, mas geral: Desenvolvimento Sustentável é “*o desenvolvimento que satisfaz as necessidades presentes sem comprometer a capacidade de as gerações futuras satisfazerem as suas próprias necessidades.*” (PRAI – Madeira, 2003, p. 1).

O conteúdo concreto tem, defende o mesmo documento, hoje em dia, normalmente três vertentes: do desenvolvimento económico, do ambiente e da coesão social. A estas vertentes, há que acrescentar a dimensão institucional dado o peso que as políticas públicas assumem no processo de Desenvolvimento Sustentável e a consideração que tal facto confere ao papel desempenhado pelas Administrações Públicas nacionais, regionais ou locais, na definição e sobretudo, na execução dessas políticas, sendo certo que em muitos casos os sistemas institucionais não estão adequados ao exercício da “Boa Governação” que a prossecução do Desenvolvimento Sustentável impõe. (PRAI – Madeira, 2003)

Falar, porém, de Desenvolvimento Sustentável, prevê que se aborde as temáticas que são objecto de análise e que dependem das matérias que forem consideradas mais relevantes ao nível global, nacional, regional ou local e para cada território em concreto, como nos elucida o documento supra citado.

No plano global destacam-se as duas grandes conferências, a Conferência do Rio (1992) e a Conferência de Joanesburgo (2002), que deram, como é natural, maior atenção às matérias relevantes à escala mundial. No plano Europeu, a política da UE representa a afirmação ao nível regional (Europa Comunitária) da problemática global, dá, por isso, prioridade aos problemas que manifestam maior gravidade a nível europeu. Ao nível de Portugal, em comparação com a Política geral da UE, a Proposta de Estratégia Nacional de Desenvolvimento Sustentável (ENDS) reflecte a posição de nível económico e social intermédio que caracteriza o país, como desenvolve o PRAI - Madeira (2002).

No âmbito do nosso estudo, faz todo o sentido realçar que a partir da década de 70 do século XX, o incremento e a valorização do Turismo na Madeira foi assumido de forma cada vez mais clara como o principal factor polarizador e dinamizador do desenvolvimento, este facto está patente nos textos dos Planos de Desenvolvimento Sustentável (2003), desenvolvidos na RAM.

Para esta “aposta” no Turismo, como esclarece o PRAI – Madeira (2002), contribuíram basicamente: a forma relativamente harmoniosa como, no passado, as condições; naturais, sociais e culturais se ajustaram com a actividade turística; A expansão do Turismo, ao nível internacional, que ocorreu a partir da década de 1970 e que se acelerou notavelmente a partir da vulgarização do transporte aéreo (e da inserção da Madeira nas rotas aéreas através dos dois aeroportos da RAM); As discussões que, tanto em Portugal como noutros países, chamaram a atenção para o papel do Turismo no desenvolvimento (e, também, para as distorções que daí poderiam resultar); A relevância que o Turismo já assumia na Madeira devido à sua capacidade para dinamizar outras actividades, em particular as mais ligadas ao fluxo de turistas.

Dada a sua reduzida dimensão, reforça o mesmo documento, na parte II, a RAM para continuar a desenvolver-se, terá de valorizar os seus recursos naturais, diversificar a sua estrutura produtiva, qualificar o mais possível os bens e os serviços que possa produzir, para competir ao nível da economia global, na conquista de novos nichos de mercado, aproveitando todas as vantagens comparativas de que possa desfrutar.

Há que estimular uma mudança profunda nos modos de estar e pensar, enfatiza a mesma obra, na natureza dos conhecimentos a desenvolver e na especialização das competências a adquirir, nas formas de organização e gestão, enfim na cultura e nos comportamentos, para compreender e assumir a necessidade de alterar o Paradigma de Desenvolvimento da RAM e para ganhar a consciência competitiva indispensável à prossecução da sustentabilidade do seu desenvolvimento.

O plano de desenvolvimento da RAM satisfaz *“uma Concertação entre o Desenvolvimento Económico (dinamizado pelo Turismo) e a Coesão Social (promovida pela acção político - governativa), buscando a melhoria do nível de vida através do crescimento do emprego e do rendimento que adviriam do crescimento económico; melhoria das condições de vida através do aumento do poder de compra e pela construção de infra-estruturas sociais e desportivas e*

de acessibilidades; (...) aquisição de competências humanas adequadas à prossecução de estratégias regionais, com recrutamento ao nível interno e externo; mobilização de meios de financiamento, etc.” (F. Fernandes, 2009 pp. 180 - 181)

Para Martins e Correia (2004) a abordagem à análise estratégica da sustentabilidade está intimamente relacionada com a “indústria sustentável”. Para aqueles autores *“uma indústria é sustentável se, simultaneamente, respeitar as premissas a seguir documentadas: Competitiva – a capacidade competitiva de uma indústria, neste caso do Golfe, é medida pela sua capacidade de se manter num mercado, gerando lucros no médio e longo prazo, oferecendo serviços e produtos de elevada qualidade; Ambientalmente Responsável – o Golfe é uma indústria consumidora de recursos naturais, quer sobre a forma de terrenos, quer sobre a forma de bens como água, quer ainda como serviços intangíveis tais como a paisagem, a biodiversidade e o clima. A protecção destes recursos é vital para Golfe, uma vez que a sua qualidade e quantidade constituem vantagens competitivas insubstituíveis; Geradora de Impactes Sociais e Económicos Positivos – o Golfe é Turismo e, como tal, insere-se no principal sector da actividade da região do Algarve. Nesse sentido, o seu desenvolvimento equilibrado pode contribuir para gerar impactes significativos no produto regional, no emprego e nas actividades de hotelaria, restauração e cultura, tanto mais que o período de mais intensa actividade se situa na época baixa dos fluxos turísticos; Integrada no Desenvolvimento Regional – a actividade do Golfe é consumidora extensiva de solo. Por conseguinte, a localização dos campos condiciona e é condicionada pelo ordenamento físico do território, pelos seus usos e aptidões. Acresce ainda o facto de a actividade induzir investimentos no sector imobiliário e necessitar de acessibilidades compatíveis.”* Os mesmos autores afirmam que *“quando uma indústria gera efeitos positivos (não negativos) sobre todos os domínios, então pode afirmar-se que o seu desenvolvimento é sustentável.”* (Martins e Correia 2004, pp. 28 - 29)

Na Região Autónoma da Madeira (RAM), a Estratégia Regional de Desenvolvimento Sustentável proposta pelo PRAI - Madeira (2002) propõe 7 Opções Estratégicas: Colocar o Património de Conhecimentos e Competências da Região, de que a população madeirense é portadora, no Núcleo Potenciador da Estratégia do Desenvolvimento Sustentável; Apostar no Turismo, na Cadeira Alimentar e nos Recursos Naturais e Culturais Tradicionais, encarados numa perspectiva integrada, como Sectores Estratégicos do Sistema de Desenvolvimento Sustentável; Estabelecer como Primeira Prioridade Estratégica o Reforço da Capacidade

Competitiva da região, elegendo a Inovação como Factor Determinante desse processo; Estruturar a Envoltiva do tecido Produtivo para facilitar e apoiar o Reforço da Capacidade Competitiva da Região e estimular mudanças culturais que podem constituir Factores Críticos de Sucesso da Sustentação da Competitividade e do Desenvolvimento; Internacionalizar a Região como uma opção associada ao Reforço da sua Capacidade Competitiva; Eleger e Afirmar o Meio Rural como Base Territorial Estratégica do Desenvolvimento Sustentável; Definir um Modelo de Gestão Territorial orientado para o Desenvolvimento Sustentável e adaptar o Quadro Institucional da Região às condições de gestão para que aquele modelo aponte.

Terminamos esta exposição com as palavras de F. Fernandes (2009, p. 184), “ *A Sustentabilidade do Desenvolvimento resume-se afinal, à Sustentabilidade da própria Humanidade.*”

### **2.3 Um olhar sobre o Golfe**

Após uma breve abordagem a três conceitos que entendemos pertinentes no âmbito do estudo, procuraremos fazer um traço geral da modalidade Golfe, no sentido de elucidarmos de forma sucinta uma caracterização global desta modalidade desportiva.

Desta apresentação fará parte uma abordagem sumária às origens do Golfe e demografia federada, a caracterização do swing, a aplicação das novas tecnologias no suporte ao desenvolvimento deste “movimento”, suportada em referências bibliográficas desta área do conhecimento.

As origens do Golfe, segundo Fragoso, (1996) não são completamente sabidas. Estas definem-se consoante os historiadores e têm por base similitudes com outros jogos praticados em diferentes períodos. A mais antiga fonte remonta ao Império Romano no qual o poeta Marcial referia-se a um jogo com o nome de “*Paganica*”.

Segundo o mesmo autor, existe outra versão que liga a origem do golfe ao “*Cambuca*”, jogo praticado em Inglaterra, no século XIV, observando-se imagens deste jogo num dos vitrais da

Catedral de Gloucester, onde aparece uma personagem com um taco na mão em atitude de quem vai bater uma bola.

Séculos mais tarde apareceram em França e na Holanda jogos com taco e bola que devem ter feito a ligação entre o “*Paganica*” e o actual Golfe. Todos estes jogos tinham em comum com o Golfe o serem jogados com um pequeno objecto esférico que era batido com um taco, desenhado de forma especial, para o projectar em linha recta e em determinada direcção (Fragoso, 1996).

A Escócia, na óptica daquele autor, possui a mais antiga prova escrita da existência do Golfe, quando o Rei Jaime II, em 1457, decidiu proibir o jogo por considerar que este prejudicava o treino militar necessário à defesa do reino, contra os ingleses. A proibição oficial só foi levantada em 1502, quando da assinatura do tratado de Glasgow, por Jaime IV.

De acordo com McCord, (1998), apesar de estas origens serem um pouco difusas, existe um facto incontornável, a Escócia ao menos dispõe do crédito de ter sido o primeiro País a proibir a prática deste desporto.

Gonzalez, (1987), no que diz respeito à origem especulada do Golfe, considera como mais provável a criação pelos escoceses, que já o praticavam por volta de 1400.

O facto de se considerar o Golfe como um jogo escocês, enfatiza McCord, (1998), resulta da enorme popularidade que este atingiu entre os habitantes da Escócia, pois, sabemos que se tornou um jogo popular quando a *St. Andrews University* foi constituída em 1411.

Em 1880 o Golfe cruzou fronteiras, vindo a instalar-se, segundo Fragoso (1996), primeiro na Inglaterra, sendo introduzido depois na América e Canadá e mais tarde na Índia, podendo afirmar-se que, em 1860, era já um jogo conhecido em todo o mundo.

No continente Europeu, América e Ásia, segundo o mesmo autor, o Golfe foi disseminado pelos emigrantes escoceses e ingleses. Assim aconteceu em Portugal em fins do Sec. XIX, quando a colónia inglesa, que vivia no Porto, e se dedicava à produção e comércio do vinho do Porto, introduziu o Golfe em Portugal ao criar, em 1890, em Espinho, o Oporto Niblicks Club. Em Lisboa, na convicção de Fragoso (1996) são os funcionários britânicos das companhias de telefones e dos transportes ferroviários que fundam, em 1922, o Lisbon Sports Club, hoje sediado em Belas.

Nas Ilhas da Madeira e dos Açores (Ilha de S. Miguel), surgem mais dois campos, respectivamente, em 1937 e 1939. O Santo da Serra Favellas Golf Club, mandado construir pela colónia britânica do Funchal e o campo de Golfe Terra Nostra, cuja existência se deve a Vasco BenSaúde (Fragoso, 1996).

Na Região Autónoma da Madeira, posteriormente, surgiram mais dois campos o Palheiro Golf, projectado por Cabell Robinson que abriu em 1993 e o Porto Santo Golfe, projectado por Severiano Ballesteros, inaugurado em Outubro de 2004.

Assim será de todo interessante, de forma a complementar a informação resumida relativa às origens do Golfe, tomarmos consciência, num panorama global e tendo em conta os dados do Conselho Nacional da Industria de Golfe [CNIG], (2005), a demografia da modalidade, os campos presentes nos principais mercados e a relação que existe do número de golfistas por campo nestas regiões. Factos que podemos constatar pela análise do quadro 1.

Quadro 1 - Dados relativos à demografia federada por região, número de campos e a média de golfistas por campo em cada região

Um olhar pelo Golfe mundial			
Zona	Campos	Jogadores	Golfistas / Campo
EUA	16 000	26 500 000	1656
Europa	6 100	3 800 000	662
Reino Unido	2 500	2 500 000	1000
Espanha	250	250 000	1000
Portugal	75	15 000	200

Fonte: CNIG (2005)

O Quadro 1 não especifica os dados demográficos do Golfe na RAM, mas com o apoio dos dados da Demografia Federada 2008 – 2009 (IDRAM – IPRAM, 2010) podemos constatar que

existem 365 golfistas na RAM para um total de 3 campos perfazendo uma média de 122 jogadores por campo.

Abordámos de forma sumária os factos históricos do Golfe, desde a sua origem à sua demografia federada nos principais mercados, em termos mundiais, nacionais e regionais, facto pertinente, no nosso entender, no sentido de efectuarmos a caracterização da modalidade uma vez que o foco do estudo é centrado no contributo que a modalidade Golfe pode dar para o desenvolvimento da RAM nas áreas da Educação, Saúde e Turismo.

A sucinta abordagem histórica e demográfica não escamoteia o interesse para o estudo de uma breve incursão sobre o conceito “oficial” de Golfe, no sentido em que este será o ponto de partida para esclarecer o conceito “formal” desta modalidade.

No livro de regras de Golfe editado pelo The Royal and Ancient Golf Club of St. Andrews e traduzidas e publicadas pela Federação Portuguesa de Golfe em vigor desde 1 de Janeiro de 2008, na secção III – Regras de Jogo, no 1-1. Geral, (2008 – 2011 p 31) define que *“O jogo de Golfe consiste em jogar uma bola com um taco desde o ponto de partida até ao buraco, executando uma pancada, ou pancadas, sucessivas em conformidade com as Regras.”*

O conceito “formal” de Golfe é, na realidade, o estabelecido no livro de regras. No entanto, não são invulgares visões idiossincráticas da modalidade, como nos refere Bagnoli (2006, p. 11), *“existem vários modos de entender e definir o Golfe. Para uns, trata-se de uma modalidade desportiva; para outros trata-se apenas de divertimento; para outros ainda, é um passatempo de luxo; para os mais aficionados, é um vício do qual é impossível recuperar, uma espécie de agradável e salutar dependência.”* O mesmo autor refere-se ao Golfe como *“um desporto prevalentemente individual que se joga respeitando as regras ditadas por The Royal and Ancient Golf Club of St. Andrews e traduzidas e publicadas pela Federação Portuguesa de Golfe”*.

Newsham (2006, p. 13) define o Golfe como um desporto verdadeiramente global (...) *“no qual a honestidade e a integridade são tão importantes como o nível de perícia, e continua a ser um dos desportos em que, graças ao sistema de handicap, jogadores de todos os níveis podem competir em igualdade de circunstâncias. O facto de um principiante poder enfrentar um profissional e vencer faz do Golfe talvez o desporto mais democrático do mundo”*.

Para Talbot (2000), o Golfe é o controlo da face do taco. Se o jogador controlar a face do taco no momento de impacto, terá controlo da bola.

Grimm (2003), profissional de Golfe, não tem dúvidas em considerar o Golfe mais que um desporto, é um estilo de vida.

Nicklaus (1998) refere-se ao Golfe como uma mais-valia para a Educação, pois, segundo ele, a criança cresce muito rápido no campo de Golfe. O Golfe ensina como se comportar.

Para Bento (2004), o Golfe, em aparência, afigura-se um jogo de extrema facilidade, pois, traduz-se em introduzir uma pequena bola num buraco, situado a uma distância razoável, utilizando a cabeça de um taco, com o menor número de pancadas, podendo ser jogado por qualquer pessoa de qualquer idade, com as condições mínimas de Saúde e atléticas.

Após uma breve abordagem, através da literatura, para além dos factos históricos e demográficos da modalidade, o valor idiossincrático que esta possui, avançamos agora para uma caracterização do Golfe através do swing, uma vez que este é um dos “movimentos” mais utilizados no Golfe, o que ajuda a ter uma base de conhecimento alargada da modalidade.

### **2.3.1 O Swing**

A caracterização do Golfe através do swing surge, no sentido em que este “gesto técnico” tem um enorme impacto no jogo, Bagnoli (2008). O swing é uma das situações tipo características desta modalidade e que portanto nos permite compreender a lógica inerente ao Golfe e à estruturação do conhecimento necessária para a sua utilização como meio de transformação do indivíduo.

O swing é o movimento através do qual o jogador ergue em primeiro lugar o taco para depois o baixar com o objectivo de bater na bola com a cabeça do mesmo tentando imprimir à bola a trajectória pretendida, sendo que a cabeça do taco é apontada muitas vezes como a principal razão para se conseguir bolas longas (Bagnoli 2008).

Factores como a amplitude do movimento, a dinâmica do movimento, a velocidade da cabeça do taco, a rotação da anca, a passagem do peso de uma perna para outra, entre outros, terão de ser considerados na avaliação de swing correcto, sendo que a força aplicada na bola e a

distância que esta percorre podem não estar proporcionalmente relacionadas com a massa muscular do indivíduo que vai executar a técnica, como Fritts (2000) desenvolve.

Para Hogan (2009), podemos decompor o *swing* em cinco fases:

1. *Address*: Assumir a posição e postura correcta (*grip e stance*) e trazer a cabeça de taco de encontro à bola;
2. *Take Away*: A primeira parte do *backswing*, o movimento dos ombros na deslocação do taco paralela ao solo, peso do corpo transferido para perna direita, enquanto existe rotação do apoio esquerdo. (No caso de um golfista esquerdino, o processo é inverso relativamente aos apoios.);
3. *Backswing*: O *backswing* é o colmar da rotação do corpo, a cabeça do taco deve estar acima da cabeça, enquanto as mãos estão à altura dos ombros. No topo do *backswing* os pulsos devem estar flectidos para trás, naturalmente os ombros atingirão um arco de 90° e a cintura pélvica um ângulo de 45°. O peso está quase na sua totalidade transferido para perna direita (golfista destro) e o apoio esquerdo tocará o solo apenas com a ponta do pé;
4. *Downswing*: Prende-se essencialmente com deslocação do taco de encontro à bola. É o «desenrolar» do corpo e a libertação da energia auxiliada pelo seguimento do trem superior e das pernas ao movimento da cintura pélvica. O peso do corpo é transferido da perna direita para a esquerda (golfista destro);
5. *Follow through*: Após o impacto com a bola o ombro direito e anca apontam para a bola e os braços continuam o movimento até trazerem a cabeça do taco atrás da cabeça, sem haver oscilações no movimento final, podendo estas comprometer a direcção da bola.

Porém, existem algumas referências ao swing que diferem ligeiramente da análise que acabámos de descrever. Verifiquemos a caracterização do swing, segundo a Golfeurope (2000):

Assim, encontrámos numa primeira análise a divisão do swing em três categorias curto, médio e longo.

1. O swing curto conduz-nos principalmente para pancadas curtas, em média de “5 jardas”, nomeadamente para a “saída de bunkers ou de rough”. O grip mantém-se inalterável e o backswing requer apenas alguma “rotação de ombros até a cabeça do taco atingir a posição das 8h do relógio”. O downswing é simplesmente o impacto da cabeça do taco na bola e follow-through deve levar o taco até “à posição das 4 horas”.
2. O swing médio transporta-nos para o “pitching, pancadas à volta das 50 jardas”. A bola assume uma trajectória alta, provavelmente para contornar obstáculos, e quando tem o impacto no solo, não rola. “A principal diferença entre o swing médio e o longo é o ângulo do backswing, normalmente entre os 50% a 70%.” Este ângulo reduzido de backswing reduz naturalmente o ângulo do follow-through
3. A delineação do swing longo ou full swing é composta por cinco fases:
  - a. Address - Assumir a posição e postura correcta (grip e stance) e trazer a cabeça de taco de encontro à bola.
  - b. Take Away - A primeira parte do backswing, o movimento dos ombros na deslocação do taco paralela ao solo, peso do corpo transferido para perna direita, enquanto existe rotação do apoio esquerdo. (No caso de um golfista esquerdino, o processo é inverso relativamente aos apoios.)
  - c. Backswing - O backswing é o colmar da rotação do corpo, a cabeça do taco deve estar acima da cabeça, enquanto as mãos estão à altura dos ombros. No topo do backswing os pulsos devem estar flectidos para trás, naturalmente os ombros atingirão um arco de 90° e a cintura pélvica um ângulo de 45°. O peso está quase na sua totalidade transferido para perna direita (golfista destro) e o apoio esquerdo tocará o solo apenas com a ponta do pé.
  - d. Downswing - Prende-se essencialmente com deslocação do taco de encontro à bola. É o «desenrolar» do corpo e a libertação da energia auxiliada pelo seguimento do trem superior e das pernas ao

movimento da cintura pélvica. O peso do corpo é transferido da perna direita para a esquerda (golfista destro).

- e. Follow through - Após o impacto com a bola o ombro direito e anca apontam para a bola e os braços continuam o movimento até trazerem a cabeça do taco atrás da cabeça, sem haver oscilações no movimento final, podendo estas comprometer a direcção da bola.

A análise do swing supracitada é já há muitos anos apoiada pela aplicação da investigação científica e tecnológica, particularmente com a biomecânica aplicada ao Golfe, através da utilização das novas tecnologias para o efeito.

A investigação científica aplicada ao Golfe é, desde há muito, um factor decisivo de suporte ao processo de treino, bem como na evolução das tecnologias dos equipamentos e infra-estruturas, desde o tipo de material usado no fabrico dos tacos, ao seu peso, sofreram alterações, e tudo com um objectivo comum – atingir um melhor Golfe. Hoje, está ao alcance de um grande número de golfistas, sejam amadores, profissionais, ou apenas “golfistas de fim-de-semana”, o uso da tecnologia que o ajuda a acelerar a aprendizagem no Golfe, a análise de vídeo com “*slow motion*”, as linhas coloridas a identificar erros e faltas no swing do golfista, entre outras, vêm modificar a forma como se tem explicado, ensinado e “tentado medir” os movimentos no swing. Existe actualmente um largo suporte de ciência e tecnologia, desde monitores que registam a velocidade de saída da bola, até outros que identificam e quantificam o movimento do corpo, que ajudam a aprofundar e otimizar a execução do swing. (Fragoso 1996).

Neste capítulo, Mather, Smith, Gibson e Moynihan, (2000), transportaram a técnica da fotogrametria, (técnica que permite efectuar medições rigorosas a partir de fotografias) geralmente usada nos campos das ciências da engenharia, para a avaliação do swing. Este trabalho descreve o desenvolvimento desta técnica utilizada para as medições do swing e o impacto de um taco e uma bola. Os materiais utilizados foram câmaras baratas, capazes de serem colocadas numa ampla variedade de regiões ao redor do jogador, e utilizando por norma Estroboscópios e flash.

Na mesma linha de investigação, King, Yoon, Perkins e Najafi (2007), apresentam o sensor de inércia wireless que pode ser incorporado directamente no material desportivo, medindo a

dinâmica de um taco de Golfe. A medição teórica permite o cálculo da posição, velocidade e orientação da cabeça do taco no extremo oposto do eixo ao longo de todo o movimento.

A maneira pela qual a rotação anatómica de um segmento individual contribui para a posição e velocidade do parâmetro, pode ser uma informação fundamental para o swing, com o objectivo de atingir a máxima velocidade do segmento. É neste sentido que Teu, Kim, Fuss e Tan (2006), desenvolveram uma análise do swing como uma cadeia cinética.

Na mesma linha de análise dinâmica do swing, MacKenzie e Sprigings, (2009) com o seu trabalho *A three-dimensional forward dynamics model of the golf swings*, expõem um modelo avançado de análise tridimensional do swing.

É dentro da mesma corrente de investigação que se desenvolve a investigação na empresa *Motion Golf* (n.d.), como um sistema de análise do swing 3D em alta definição. O seu objectivo é revelar os ângulos e graus do swing, revelando assim a sua geometria, e tem por objectivo fornecer informação a qualquer pessoa que queira analisar o seu swing ou compará-lo com o “swing perfeito” de forma a tentar reproduzir o “movimento”.

Na mesma linha de estudo surge a empresa *Golf Biodynamics* (n.d.), especializada na análise biomecânica do swing em 3D com o fornecimento de Biofeedback, sendo que esta informação tem a particularidade de ser fornecida em tempo real. O sistema funciona com um transmissor que cria um campo electromagnético fraco, são conectados receptores/sensores a várias partes do corpo e taco do golfista que distorcem o campo magnético. Esta distorção é proporcional à posição e orientação do sensor, uma análise interpretativa compara o seu swing a um "Swing Modelo". Esta informação disponibilizada em 10 – 15 minutos pode ajudar a confrontar o seu swing a um "Swing Modelo"; ao Swing de um Profissional do Tour; Um relatório interpretativo irá fazer sugestões das áreas importantes a trabalhar; o Treino de Biofeedback pode acelerar a “aprendizagem” de novos movimentos (padrões motores).

Após a sucinta revisão de literatura sobre a caracterização e a utilidade das aplicações tecnológicas no swing, passaremos a fazer a abordagem bibliográfica do papel do Golfe na Saúde, pois a caracterização de bibliografia que aborda esta dialéctica permitir-nos-á definir e balizar os conteúdos que são estudados nesta área.

## 2.4 O Golfe e a Saúde

Ao abordarmos o Golfe como veículo promotor de Saúde, torna-se incontornável citar o conceito de Saúde, registado no Preâmbulo da Constituição da Organização Mundial de Saúde, adoptado pela conferência internacional da Saúde, Nova Iorque, em Junho de 1946, entrando em vigor a 7 de Abril de 1948, onde consta que *“Saúde é o estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença ou enfermidade.”* (United Nations - World Health Organization (1946) nº2, p. 100).

Na mesma página do documento supracitado podemos ainda verificar que *“... a Saúde é um direito fundamental de todo o ser humano, independentemente da sua raça, religião, crença política, condição económica e social.”*

Como nos refere Lucas (2002), as actividades desportivas produzem um efeito positivo no combate a várias patologias, nomeadamente nas cardiovasculares, sendo esse um dos factores principais para o aumento da actividade física e desportiva das populações.

O mesmo autor reforça a urgência de adoptar novos estilos de vida, incrementando o aumento da prática desportiva, considerando-a um novo designo social. Só assim poderemos fazer face à inactividade, ao aumento do consumo de álcool, do tabaco e das drogas que contribuem para que Portugal ocupasse em 2002 o infeliz primeiro lugar no seio dos Países da União Europeia, relativamente à taxa de mortalidade por doenças cérebro vasculares.

Em conformidade, Carrageta (2008, p. 4) distingue que o *“ exercício físico tem um valor enorme na promoção da Saúde e na prevenção da doença, em particular das doenças cardiovasculares. A actividade física regular ajuda a controlar o peso, aumenta a Saúde do aparelho cardiovascular, dos pulmões e do aparelho músculo-esquelético. Está mesmo provado que a actividade física aumenta a longevidade e melhora o estado de espírito. Costuma mesmo dizer-se que se os benefícios do exercício pudessem ser incluídos num comprimido, seria, certamente, o medicamento mais vendido de todos os tempos.”*

É defendido que o facto de se caminhar em média 6 a 8 Km numa partida de Golfe em planos variados, regula os níveis da glicemia, estimula o controlo da adrenalina e noradrenalina, desenvolve a resistência cardiovascular, estimula e preserva a flexibilidade, equilíbrio e coordenação motora (Pitaki, 2010).

A *“Fundação Portuguesa de Cardiologia escolheu o Golfe como uma das actividades que estrategicamente pode compensar os inconvenientes da vida sedentária que hoje faz parte do estilo de vida pouco saudável da maior parte da população portuguesa.”* (Carrageta, 2008, p. 4).

As doenças cardiovasculares continuam a ser a principal causa de morte na Região Autónoma da Madeira, onde a média de internamentos é superior aos 400 por ano. Foi com o intuito de lutar contra "a principal causa de morte e incapacidade" na Região, que o Serviço de Saúde da Madeira (SESARAM), em parceria com a Fundação Portuguesa de Cardiologia, promove, por exemplo, uma série de actividades relacionadas com "Maio Mês do Coração". Na apresentação deste programa, o presidente do conselho de administração do SESARAM, Almada Cardoso, focou a importância da prevenção, salientando que mesmo como bom apetrechamento em termos de equipamentos para o tratamento das doenças cardiovasculares, não é possível diminuir a taxa de mortalidade se não diminuirmos as pessoas que sofrem acidentes cardiovasculares, sendo por isso fundamental a sensibilização para a prevenção (Castro, 2010).

Segundo Eva Pereira, da Delegação Regional da Madeira da Fundação Portuguesa de Cardiologia, em entrevista a Gouveia (2004), a média anual de internamentos por enfarte, na Unidade de Cuidados Intensivos, do Hospital Central do Funchal, ronda os 400 por ano. Números impressionantes, sobretudo se tivermos em conta que os factores de risco para estas doenças são absolutamente preveníveis, mas sobre os quais se continua a agir muito pouco, refere.

Por isso, a especialista apela a um maior envolvimento das autoridades no combate ao problema, lembrando que as doenças cardiovasculares têm efeitos económicos particularmente graves, quer no custo em tratamento quer no número de dias perdidos devido às doenças (Gouveia, 2004).

Por exemplo, um internamento de uma semana (período mínimo para um internamento devido a um enfarte) é superior aos dez mil euros. Estes são tratamentos muito caros, com uma hospitalização muito cara e encargos sociais enormes ao nível da Segurança Social. Alguns doentes ficam inválidos e deixam de trabalhar para toda a vida. E é preciso ter em conta que nem todas as famílias estão preparadas para estes encargos ou, até mesmo, para receber

estes doentes, que exigem uma atenção permanente, uma vez que trabalham o dia todo fora (Gouveia, 2004).

A dimensão económica e social da Saúde pode revelar-se fundamental na estabilidade de uma sociedade (Gouveia, 2004), mas a Saúde depende essencialmente do equilíbrio resultante dos estados mental, físico e social (WHO, 1946), logo, existe uma imensidão de variáveis a equacionar de natureza diversa a considerar.

Neste quadro, dentro do âmbito do estudo, reforçamos a importância das actividades desportivas no combate a várias patologias (Lucas, 2002), mas também queremos enfatizar a importância da alimentação na Saúde, de forma particular no desportista, que prende-se com as necessidades energéticas que são maiores e porque também vai existir uma maior degradação e combustão de alguns compostos essenciais ao metabolismo do organismo (Matos, 2008).

Assim, nos aspectos relacionados com a alimentação, segundo Brito e Pereira (2007), esta influencia inequivocamente a Saúde e o desempenho desportivo dos golfistas, e uma ingestão nutricional adequada contribui para otimizar a composição corporal e reservas energéticas em função do jogo.

Na perspectiva de Montenegro (2002), poderíamos de uma forma geral adequar os hábitos alimentares ao dispêndio energético realizado. O autor verificou que, sobre o gasto energético num grupo de indivíduos idosos e de meia-idade entre um dia em que jogaram uma partida de Golfe e um dia em que não jogaram. Também foram estudadas as adaptações agudas provocadas pelo jogo de Golfe ao nível das tensões arteriais e das frequências cardíacas.

Já no que se refere à análise das acções motoras no desempenho de um golfista, Bulbulian, Ball e Seaman, (2001), procuraram examinar o desempenho do swing e acções musculares seleccionadas do tronco e ombro durante o backswing, em comparação com um backswing curto, na performance de um golfista.

Na mesma linha de investigação, McHardy, Pollard e Luo, (2007) estabeleceram uma relação entre o desempenho do swing e a dor na região lombar. Este estudo descreve as características de jogo de jogadores que tiveram uma lesão na região lombar no decorrer do jogo ou prática no ano anterior (12 meses). O estudo conclui na sua generalidade que golfistas

com historial de lesão lombar devem avaliar o follow-through para identificar potenciais causas de agravamento para a região lombar.

No que diz respeito aos benefícios do exercício físico no Golfe, Guerreiro (2009) refere que independentemente da classe etária a que pertencer o praticante de Golfe, o exercício físico trará grandes benefícios, não só ao nível do jogo, como também ao nível da Saúde.

Para os indivíduos de classes etárias mais elevadas, o treino assume maior importância uma vez que o processo de envelhecimento corporal ocasiona perda de flexibilidade, força, potência e coordenação muscular, bem como da eficiência cardiovascular (Guerreiro 2009).

Quadro 2 - Benefícios do exercício físico ao nível fisiológico e psicossocial.

Benefícios do Exercício Físico	Nível Fisiológico	Regula os níveis de glucose
		Estimula os níveis de adrenalina e noradrenalina
		Melhora resistência cardiovascular
		Ajuda a preservar e a readquirir flexibilidade
		Melhora equilíbrio e coordenação
	Controlo da velocidade do movimento (que com o avançar da idade tem propensão a diminuir)	
	Nível Psico-Social	Favorece o relaxamento
		Melhora o bem-estar geral
		Melhora o controlo motor
		Proporciona novas aprendizagens
Melhora a qualidade de vida		
Integra o indivíduo com a natureza e comunidade		

Fonte: Lisboa Phisio (2009)

Estes benefícios irão melhorar as qualidades físicas, denominadas de capacidades motoras, que se resumem em três grandes áreas, segundo Guerreiro (2009): Resistência, Força e Flexibilidade.

A resistência cardiovascular, na óptica do mesmo autor, define-se como a capacidade aeróbia, que é influenciada por diversos factores tais como a pressão arterial, a frequência cardíaca, o colesterol, os níveis de triglicéridos, ansiedade, etc. Logo, se um golfista, por exemplo, por alguma razão, se sente ansioso, produz-se uma descarga de adrenalina que, por sua vez, leva a uma elevação da frequência cardíaca e da pressão arterial. Em consequência, os golfistas devem estar preparados para tolerar este incremento sem que este influencie negativamente sobre o rendimento. Por este motivo, os golfistas deverão saber os valores do colesterol e os níveis de triglicéridos no sangue, bem como a resposta da tensão arterial ao exercício, para confirmar se jogam sem riscos; a força, definida como a tensão que um grupo muscular consegue exercer contra uma resistência, num esforço máximo, pode revelar-se fundamental na performance de um golfista essencialmente quando este atinge a fadiga muscular e o cansaço geral factores que podem influenciar a lucidez mental e a capacidade de tomada de decisão. A fadiga muscular influencia directamente a concentração e a coordenação neuromuscular, essenciais para a correcta execução do swing. Por este motivo, é fundamental o trabalho de resistência e força muscular, uma vez que a ausência de fadiga é um dos factores associados à regularidade e à consistência do jogador de Golfe; a flexibilidade vista como o grau de amplitude de uma articulação é determinante na realização de determinados gestos técnicos e revela-se fundamental para a potência e precisão do swing. Para além disso a eficiência mecânica dos movimentos faz com que o golfista tenha um desperdício menor de energia na execução das suas actividades, além de prevenir lesões e vícios posturais, reduzir as tensões musculares e auxiliar na melhoria da contractilidade muscular, factores que contribuirão para a maior qualidade da técnica do swing.

Procurámos demonstrar, de forma sumária, bibliografia que evidencia a ponte entre a Saúde e o Golfe. Na continuação da revisão bibliográfica abordaremos literatura que verifique a afinidade existente entre o Golfe e a Educação, pois ao tentarmos revelar o contributo que esta modalidade desportiva poderá dar em razão do desenvolvimento de uma região, achámos pertinente neste estudo fazer também uma abordagem da influência recíproca entre o Golfe e a Educação.

## 2.5 O Golfe e a Educação

Incidir sobre as questões da Educação associada à modalidade desportiva Golfe, não exclui que se possa fazer uma breve incursão sobre a Educação num sentido mais lato. *“Para a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), o século XXI precisa ser o século da Educação. E o grande paradigma desta Educação deve ser o ensino da capacidade de pensar; desenvolver um pensamento auto-estimulador que evolui por sua própria força, na medida em que se confronta com o existente enquanto conhecimento múltiplo milenarmente construído.”* (Ahlert, 2007, p. 2).

A Educação, há mais de 30 anos, na perspectiva de Emediato (1978), era considerada um poderoso instrumento para um rápido crescimento económico e impulsionador da transformação social, assim como fundamental no processo de mudança.

Steiner (1919, p. 2) antecipando a problemática social e ecológica que se implantaria a partir do séc. XX, enfatiza à quase um século, que *“para lidarmos com estas dificuldades deve-se destacar o aspecto meio ambiental e multicultural da Educação. Ferramentas como flexibilidade e trabalho multidisciplinar, um interesse activo por todos os aspectos da vida e uma vontade comprometida com o social.”*

O mesmo autor recomendava um ensino focado no desenvolvimento da criança, através de uma *“pedagogia holística”*, tendo em conta os estados *“físico, anímico e espiritual.”* A formação de adultos conscientes, afectivamente estáveis, criativos, livres, com sensibilidade social e ambiental, com boa preparação intelectual e com competência para enfrentar os desafios, para definir os seus objectivos pessoais e para lutar por eles, era o seu principal objectivo.

Para Bruner (1962, como citado em Gonçalves, 2003, pp. 85 - 87) *“aprender é compreender e resulta da capacidade humana de adquirir, transformar e avaliar informações que obtemos da nossa experiência com o mundo, é algo que o aluno faz com que aconteça ao manejar a informação.”*

Romanelli (2006, p. 6) lembra que o objectivo almejado por Steiner era o de *“preparar o ser humano para exercer a sua autonomia e a sua liberdade”*.

Uma liberdade fundamentada nas bases sólidas do conhecimento adquirido, da consciência do exercício da vontade com base na moralidade. Tal liberdade só acontece quando ocorre no equilíbrio do pensar e do sentir (Romanelli, 2006).

Peregrino (1977) reforça a importância que Montessori atribuiu aos chamados “exercícios da vida prática”, os quais predispõem, facilitam e promovem a integração gradual dos alunos nas experiências de comunidade. São esses exercícios que ajudam a criança a amadurecer não apenas individualmente, (através do desempenho da atenção, da memória, da percepção, do raciocínio), mas, socialmente, através da vivência em grupo, com a troca de experiências diversificadas, a partir mesmo das diferenças individuais das crianças, o que, no seu entender, resultava no enriquecimento da experiência.

Na óptica de Machado, Cassepp-Borges, Dell’Aglío e Koller (2004), o desporto, principalmente a Educação pelo desporto, pode agir transformando potenciais em competências para a vida daqueles que têm a oportunidade de passarem pela experiência, podendo ser encarado como um factor de protecção ao desenvolvimento das crianças.

A importância do desporto e Educação reflecte-se também no imaginário e nas representações sociais. Ferreira (2003, como citado em Montenegro, E., Retondar & Montenegro, P., 2007, p. 251) retrata o imaginário não como uma fotografia, *“mas algo que dá movimento às fotos, e reforça que as aulas de Educação física são mescladas por desejos e fantasias e a representação corporal dos professores de Educação física é de grande valia para compreender o universo simbólico e imaginário dos alunos.”*

Montenegro et al (2007, p. 250) referem-nos que *“Mediante a produção simbólica é possível orientar e canalizar a adesão emocional das pessoas às coisas que elas desejam. Os corpos falam e possuem suas próprias lógicas do dizer, na medida em que são produções sociais. (...) O homem é essencialmente simbólico. O símbolo se apresenta então como um valor existencial que visa a realidade ou a situação que determina a existência humana. Ele revela uma particularidade do real que não é evidente na experiência imediata captada pelos sentidos. A criação dos símbolos corresponde às necessidades de preenchimento da intimidade do ser. Imagens, mitos e símbolos são criações humanas que, mediante, ritos no espaço e no tempo, actualizam a psique.”*

Numa lógica de aproximação entre o desporto de forma geral e a Educação e neste caso particular o Golfe e a Educação, existem certos países, como os EUA; o Canadá; a Austrália; o Reino Unido; e, a Bélgica, entre outros, que têm procurado estabelecer programas escolares de ensino do Golfe em idade escolar.

Para tal, contam com o interesse e a colaboração dos Professores de Educação Física, considerando-os agentes privilegiados do ensino desta modalidade nas suas aulas, após terem recebido, eles próprios, a formação exigida para o efeito (Fragoso, 2008).

O Golfe é uma modalidade desportiva, que, como algumas outras, incute nos jovens valores humanos fundamentais, como os enunciados pelo “The First Tee”, organização criada por iniciativa da “World Golf Foundation”, nos EUA, que tem como missão influenciar a vida dos jovens, oferecendo-lhes instalações e programas educativos que favorecem o desenvolvimento da personalidade e a apreensão dos valores da vida, através da prática do Golfe, tais como: Honestidade – Qualidade dum pessoa na qual se confia, por não procurar enganar ninguém. O Golfe é neste sentido único, uma vez que o jogador se obriga a impor a si mesmo penalidades, quando quebra as regras do jogo; Integridade – Adesão estrita a valores e normas de conduta, que exigem honestidade pessoal e independência. O Golfe é um jogo onde impera a honestidade, a etiqueta e a compostura. O jogador é responsável pelas suas acções e comportamento no campo; Espírito Desportivo – Observar as regras do jogo e saber ganhar ou perder com elegância. O jogador deve conhecer e respeitar as regras de Golfe, aceitando as mesmas com toda a cortesia; Respeito – Ter respeito e fazer prova dele, ter estima por si e pelos outros. No Golfe é importante que o jogador mostre respeito, por si próprio, pelos parceiros e oponentes e, pelo campo, honrando sempre as tradições do jogo; Confiança – Um sentimento de confiança em si próprio. A confiança em si próprio é fundamental ao jogador de Golfe, uma vez que, acreditar nas suas capacidades é essencial a um bom nível de jogo; Responsabilidade – Responder pelos seus actos e mostrar-se digno de confiança. No Golfe o jogador é responsável: pela sua conduta no campo; pelos resultados que regista; pela colocação de pedaços de relva que arranca do campo quando bate o taco; pelo alisamento dos bunkers; por reparar as depressões feitas pelas bolas nos greens (pitches); e, por manter o ritmo de jogo; Perseverança – Persistir numa ideia, num fim, ou num trabalho, procurando superar todos os obstáculos que tenham que enfrentar. Para ter êxito no Golfe, o jogador tem que ser perseverante, para ultrapassar, as crises de jogo, que muitas vezes surgem, e os erros que, com frequência comete; Cortesia – atitude atenciosa perante os

outros. Uma chamada de atenção ou um gesto delicado. Uma partida de Golfe deve começar e terminar com um aperto de mão entre os competidores. O jogador deve fazer prova de cortesia para com os outros, ficando parado e silencioso enquanto aqueles preparam as suas pancadas; Discernimento – A capacidade de tomar uma decisão ou de emitir uma opinião. Chegar a uma decisão após um período de reflexão. Um bom discernimento é crucial no Golfe. Quando um jogador decide - a estratégia a seguir em cada jogada; a escolha do taco; efectuar uma batida prudente ou arriscada; o tipo de pancada a executar ao bater a bola, por exemplo, para um green - deverá ter sempre presente, as regras de etiqueta e de Golfe a aplicar em cada uma daquelas situações (The First Tee, 1997).

Existem já casos em Portugal, seguindo a lógica da implementação dos valores supracitados, da integração do Golfe no âmbito do programa do Desporto Escolar em várias escolas, havendo inclusive um regulamento específico de Golfe (Ministério da Educação [ME] – Direcção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular [DGIDC] – Gabinete Coordenador do Desporto Escolar [GCDE] 2009 – 2013). Foi também estabelecido um protocolo de cooperação entre a DGCI-GCDE e a Federação Portuguesa de Golfe (FPG) no sentido de *“colaborar nos domínios da formação, da produção de documentação e da promoção, divulgação e organização de actividades desportivas, tendo como objectivo o sucesso educativo e o combate ao abandono escolar através do desenvolvimento do Golfe no meio escolar, entendido como actividade de complemento curricular.”* (Clausula 1<sup>a</sup>- objectivos e domínios da cooperação, Maio de 2010).

A aproximação do Golfe às escolas é assim uma realidade em Portugal, o que de alguma forma demonstra a importância do contributo mútuo entre o Golfe e a Educação e que nós procurámos demonstrar nesta breve caracterização, embora para tal não tivéssemos encontrado tantas referências bibliográficas como as que desejaríamos.

## 2.6 O Golfe e o Turismo

O desenvolvimento económico e social em curso na Região, que se espelha também na construção de infra-estruturas e no crescente fluxo de turistas que a visitam, torna imperiosa a orientação das estratégias de desenvolvimento turístico, de forma a garantir a sustentabilidade

dos sistemas, tendo em conta a realidade regional e a consolidação qualitativa da sua imagem de marca (Plano de Ordenamento Turístico da Região Autónoma da Madeira [POT] 2002).

O Turismo e o desporto, para além de se desenvolverem de forma particularizada, e estarem associados, muitas vezes, às estratégias de desenvolvimento sustentável das regiões, os seus pólos de desenvolvimento encontram-se e partilham, não raras vezes, da mesma esfera de intervenção nos vários quadrantes da sociedade (Higham, 2009).

O Golfe é uma actividade desportiva com uma grande vocação turística. É inserido neste contexto que o Golfe, quando articulado com o Turismo, surge como um negócio reconhecido a nível universal e exhibe uma relação causa consequência com o crescimento do Turismo à escala mundial (Martins e Correia, 2004).

Para estes autores, a implementação da modalidade em determinada região, confunde-se na maioria das vezes com estratégias de desenvolvimento económico e existe na realidade uma forte motivação turística e económica a par do crescimento do Golfe, sendo este encarado, não raras vezes, como um produto turístico.

Aqueles estudiosos apontam que “ *as condições económicas e sociais transformaram este desporto numa importante indústria associada ao Turismo e com um potencial de desenvolvimento muito elevado.*” (Martins e Correia, 2004, p. 9).

Mill (2001) associa o Golfe à indústria dos *resorts* e refere que existe uma “*demandas latente de 41 milhões de pessoas altamente interessadas pelo Golfe e que esperam jogar ou jogar mais frequentemente no futuro.*” E reforça que “*devem ser fornecidos serviços que atendam às necessidades de ampla gama de jogadores existentes e potenciais.*” (Mill, 2001, p. 51 - 52).

A equipa do NGF/McKinsey (como citado em Mill, 2001, p. 51), “*sugere cinco acções que os proprietários de instalações e operadores devem considerar, na tentativa de aprimorar a experiência de jogar Golfe: Programas dirigidos – Criar uma maior variedade de programas projectados para facilitar a entrada e o desenvolvimento de grupos com alto potencial (p. ex. programas concebidos para mulheres, solteiros de ambos os sexos, pais/filhos, casais, etc.); Produtos personalizados – Desenvolver produtos que atraiam uma maior variedade de jogadores e que facilitem a transição entre os cursos (p. ex., uma melhor utilização e marketing dos cursos existentes par – 3 executivo e nove buracos; e mais e melhores instalações para a prática.); Preços flexíveis – oferecer preços especiais, como fazem as*

*companhias aéreas. O produto “Golfe” pode ser avaliado de muitas formas, (Por exemplo, pela hora do dia, dias da semana, grupos especiais e jogadores frequentes) para agregar valor tanto para o cliente como para o proprietário; Habilidades de treino – Fazer com que a aprendizagem do jogo seja mais divertida e convidativa. Os jogadores querem aprender em um ambiente mais agradável e menos intimidante. A instrução no Golfe deve abranger mais do que a mecânica do movimento; deve incluir estratégias, manejo de campo, jogos curtos e outros aspectos importantes que um adepto do Golfe deve aprender para se tornar um jogador genuinamente empenhado; Compreensão aprimorada do Golfe – Fornecer uma conexão mais forte com as tradições e valores do Golfe.”*

É nesta óptica que Mill (2001, pp. 52 – 53) defende que criar *“uma experiência melhor para mais pessoas exigirá, mais do que nunca, que instalações e empresas de Golfe trabalhem mais efectivamente juntas, formando parecerias estratégicas e activas e compartilhando as informações. (...) A maioria das macro-tendências é favorável. (...) O sucesso futuro depende de como os empresários irão trabalhar individual e colectivamente para o crescimento do Golfe.”*

O Secretário de Estado do Turismo, Bernardo Trindade (2010), durante a abertura do seminário “Portugal Destino de Golfe”, deu conta da intenção do governo em desenvolver este segmento nos próximos anos, considerando-o, mesmo, um dos 10 produtos prioritários para o sector do Turismo estratégico em Portugal, estipulados no Plano Estratégico Nacional para o Turismo (PENT).

Um estudo realizado pela Asesores en Turismo Hotelaria y Recreación, S. A. [THR] (2007) refere: *“Tendo por base a análise das grandes tendências da procura internacional, o Plano Estratégico Nacional de Turismo (PENT) definiu 10 produtos seleccionados em função da sua quota de mercado e potencial de crescimento, bem como da aptidão e potencial competitivo de Portugal, nas quais deverão assentar as políticas de desenvolvimento e capacitação da nossa oferta turística. Esses 10 produtos turísticos estratégicos são: Sol e Mar; Turismo de Natureza; Turismo Náutico; Resorts integrados e Turismo Residencial; Turismo de Negócios; Golfe; Gastronomia e Vinhos; Educação e Bem-estar; Touring Cultural e Paisagístico; City Breaks”* (THR, 2007, p. 4).

O mesmo estudo destaca o *Golf travel* como um sector de mercado de Golfe e define o volume e evolução deste mercado como: *“Um mercado de 1 milhão de viagens internacionais por ano*

na Europa” para o qual o Golfe é o principal motivo da deslocação, e que “*crece a um ritmo de 7% ao ano. (...) Seguindo esta tendência, o volume do mercado duplicará em 10 anos alcançando os 2 milhões de viagens*” (THR, 2007, p. 9).

Quanto ao valor gasto diariamente por cada turista de Golfe, o montante mínimo são os 100 euros, mas este valor pode chegar aos 600 euros, excluindo o transporte para o destino. A variação acentuada dos valores tem como factores determinantes a categoria do alojamento, o prestígio do campo de Golfe, e o grau de satisfação de serviços complementares (Farinha, 2008).

Com cerca de 12,4 milhões de euros de orçamento, para a promoção do Golfe em Portugal, os mercados prioritários vão ser a Alemanha, Dinamarca, Irlanda, Noruega, Finlândia e Holanda, não esquecendo a Espanha, França e EUA onde se opta por “*acções pontuais e cirúrgicas*”, adiantou Pedro Mello Breyner (2010), do Instituto do Turismo de Portugal (ITP), por ocasião da Bolsa de Turismo de Lisboa (BTL).

O quadro 3 poderá, de forma sucinta, descrever as principais motivações do *golf traveler*, que estão particularmente associadas à prática em diferentes tipos de campos de Golfe. Isto é, a variabilidade da prática e a procura de novas experiências, tornam-se fundamentais para o turista que planeia a sua viagem com o propósito de jogar Golfe e divertir-se.

Este turista tem por hábito comprar pacotes completos de viagens (voo, alojamento, *transfers* e *green fees*), uma a três vezes por ano preferencialmente em hotéis de 4 ou 5 estrelas, com campos de golfe já integrados (Farinha, 2008).

No fundo, em conformidade com pensamento de Higham (2009), relativamente às tendências actuais da forma de Turismo activo onde o objectivo é viver os limites o contexto da viagem e retirar a maior quantidade e a melhor qualidade de vivências e experiências marcantes, procurando no caso particular do *Golf traveler*, conjugar a variedade de actividades e contextos com a prática do Golfe.

Quadro 3 - Mercado do *golf travel* pelas motivações principais e os mercados que servem.

Motivação Principal	Mercados
<p>Praticar Golfe em vários campos diferentes do habitual</p>	<p><b>Golf, Sun &amp; Fun</b></p>
<p><b>Actividade</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Experiência ocorre em destinos de sol e praia com uma variada oferta de campos, alojamento de 4 a 5 estrelas e actividades complementares. Por exemplo: viagens de Golfe à Costa do Sol.</li> </ul>
<p>Jogar Golfe + Entretenimento</p>	<p>Nota: representa cerca de 70% do total de viagens de Golfe</p>
	<p><b>Golf &amp; Exotic</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Experiência ocorre em campos situados em locais exóticos, em que o turista se encontra num ambiente diferente do habitual. Por exemplo: viagens de Golfe no Egipto.</li> </ul>
	<p>Nota: representa cerca de 8% do total de viagens de Golfe</p>
	<p><b>Golfe &amp; Prestígio</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Experiência está relacionada com a prática de Golfe em campos de prestígio, nos quais jogar Golfe é exclusividade de clientes VIP. Por exemplo: viagens de Golfe na Escócia</li> </ul>
	<p>Nota: representa cerca de 22% do total de viagens de Golfe.</p>

O estudo realizado pela THR (2007, p. 10) anota que *“O Reino Unido e Alemanha são os principais mercados emissores de golf travel, ambos com quase 500 mil viagens em 2004, concentrando juntos mais de 50% do total de viagens de Golfe realizadas pelos europeus.”*

É pertinente analisar também a procura secundária de Golfe, que corresponde ao número de golfistas que viajam por motivações diferentes, mas que acabam por praticar Golfe no destino. Do total de viagens efectuadas, 1,2 milhões destas mesmas viagens incluem a prática de Golfe European Travel Monitor (2008 como citado em Farinha, 2008, p. 2).

Em termos nacionais o Golfe representa cerca de 1,8 mil milhões de impacto económico, tanto no Turismo como em actividades não directamente turísticas, como nos esclarece Fernando Nunes Pedro (2010), responsável do Conselho Nacional da Indústria de Golfe (CNIG).

O responsável máximo do CNIG, refere-nos que o Golfe é responsável por mais de um milhão de dormidas e permite atenuar a sazonalidade, além de contribuir para divulgar a imagem de Portugal no estrangeiro, criar emprego e qualificar o destino turístico. As dormidas na hotelaria representam receitas de 82,5 milhões de euros e a restauração 33 milhões de euros.

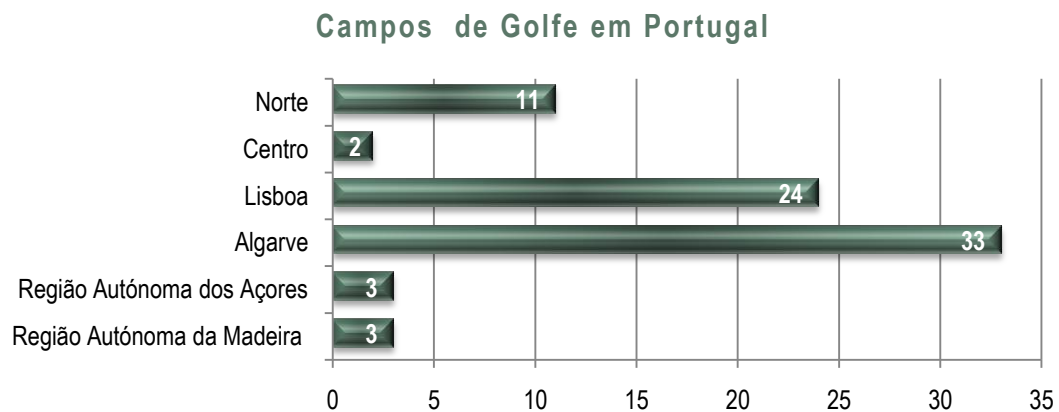
Directamente, na indústria do Golfe, as receitas dividem-se nomeadamente na utilização de campos, com 10,5 milhões, a aquisição de vestuário próprio para a modalidade 6,6 milhões e material de Golfe (só para portugueses) três milhões de euros, ilustra Nunes (2010).

Segundo o CNIG (2010), o Golfe representa 1.25% do PIB e 14% do PIB turístico. O número de “green fees” por ano situa-se em 1 100 000 representando 66 milhões de euros, sendo o valor médio de um “green fee” em Portugal de € 60.

Aquele organismo refere que em média são construídos 3 campos de Golfe por ano, realizando um custo anual de € 22 500 000 com um custo teórico médio de € 7 500 000 por campo. Talvez por isso, Martins e Correia (2003, p. 14) considerem que Portugal dispõe de *“uma oferta de campos relativamente significativa, nomeadamente se atendermos à sua concentração territorial”*.

Desta forma, faz sentido um olhar para a realidade actual da distribuição geográfica dos campos de golfe em todo o território nacional.

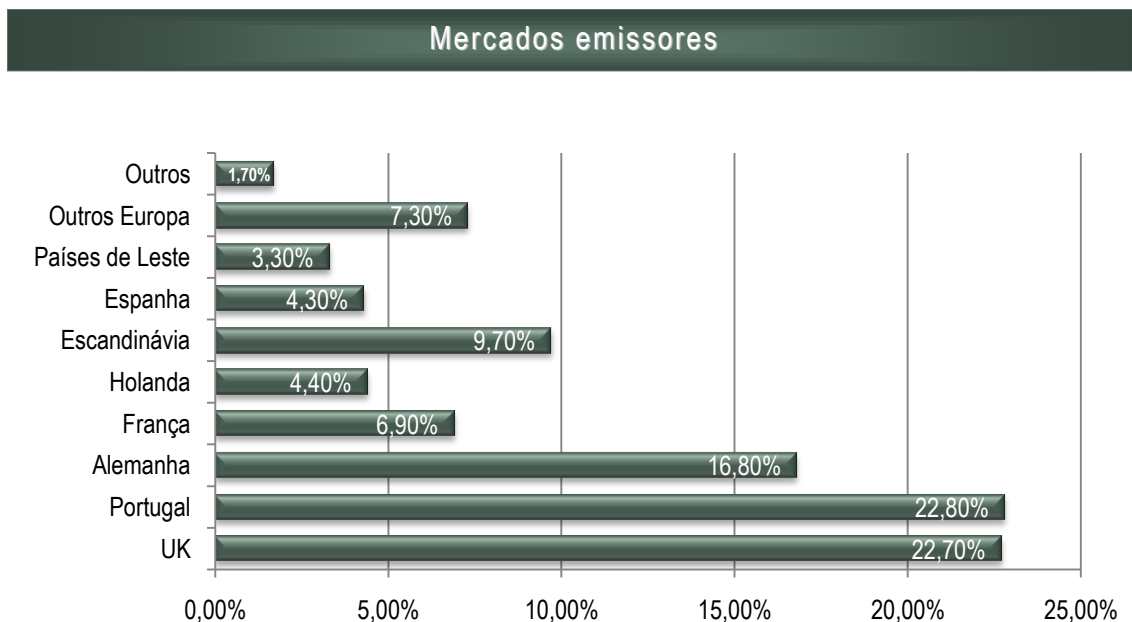
Gráfico 1 - Distribuição geográfica dos campos de Golfe em Portugal.



Fonte: FPG 2010

Considerando que a RAM tem 3 campos de Golfe e numa perspectiva de alguns visitantes mostrarem motivação para a prática do Golfe durante a sua estada na região, considerámos pertinente saber qual o perfil do turista da Madeira e avaliação do gasto turístico dos visitantes neste destino (ECAM 2010).

Gráfico 2 - Principais mercados emissores do destino Madeira.



Fonte: Estudo do gasto turístico ECAM 2010

Para efeitos de análise, os países identificados com menores frequências foram agrupados da seguinte forma:

- Escandinávia: Suécia, Noruega, Dinamarca e Finlândia
- Países de Leste: Polónia, Rússia, República Checa, Estónia, Eslovénia, Hungria, Roménia, Letónia e Eslováquia
- Outra Europa: Bélgica, Suíça, Áustria, Itália, Luxemburgo e Grécia
- Outros: Restante países (excepto Irlanda que foi incluída no Reino Unido)

O Golfe, segundo o ECAM (2010), é apontado como motivo pessoal da vinda à Madeira por 1% dos turistas provenientes do Reino Unido, Alemanha, França, Holanda, e outros países da Europa não contemplados neste quadro, facto que entendemos possuir todo o interesse no âmbito do estudo, pois aproximar-nos-á da realidade de podermos encarar, ou não, o destino Madeira como um destino de Golfe.

Tabela 1 - Motivos pessoais dos turistas que visitam a RAM por mercado emissor.

Motivos pessoais por mercado emissor										
	UK	Portugal	Alemanha	França	Holanda	Escandinávia	Espanha	P. Leste	Outros Europa	Outros
Contacto com a Natureza	30%	24%	38%	27%	41%	39%	36%	40%	29%	17%
Sol & Mar	27%	14%	21%	16%	21%	22%	14%	15%	22%	19%
Cultura	9%	9%	13%	22%	12%	10%	18%	12%	16%	17%
Visita a familiares amigos	7%	27%	5%	14%	3%	5%	6%	7%	7%	28%
Gastronomia	9%	13%	9%	11%	5%	10%	12%	16%	7%	3%
City & Short Break	6%	5%	7%	5%	9%	5%	9%	6%	11%	3%
Desc./lazer/férias	8%	2%	2%	1%	4%	5%	1%	2%	3%	3%
Outros	2%	4%	3%	4%	3%	4%	5%	1%	3%	3%
Fim do ano	1%	3%		1%					1%	6%
Touring	2%		1%			1%			1%	3%
Golfe	1%		1%	1%	1%				1%	

Estudo do gasto turístico ECAM 2010

Embora a percentagem total de turistas que apresentem como motivação da vinda à RAM para jogar Golfe seja baixa, 0.5% de um total de 911 345, (SRPF – DRE, 2009) este número pode representar, sensivelmente, 5 mil turistas por ano para jogar na Madeira. Porém, o turista de Golfe tem um gasto médio superior (Farinha, 2008), este facto pode representar um retorno económico favorável para a região.

Podemos ver reflectida a monta económico-turística do Golfe na secção de desporto, no Diário de Notícias da Madeira (6 de Abril de 2010, p. 42) que publica: “segundo informações do gabinete de imprensa da organização do torneio (XVIII Madeira Islands Open BPI Portugal) o impacto económico que poderá ser produzido pelo evento ascende aos cerca de 400 mil euros.” Para além disso, a economia local ficará a ganhar directamente com a presença de “mais de três centenas de pessoas que irão estar no evento ao longo da semana”.

Este crescimento do impacto económico está ligado ao reforço dos *media* em termos nacionais e internacionais. Segundo Ribeiro, responsável pelo gabinete de imprensa do Open da

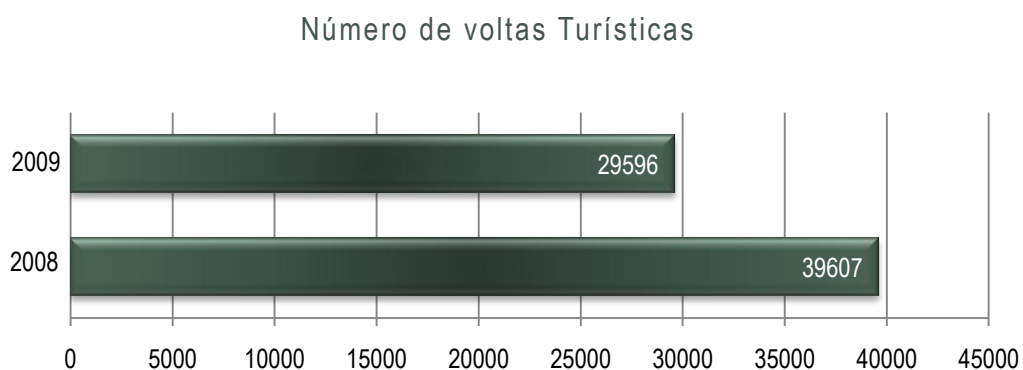
Madeira, a Sport Tv Golfe será um forte aliado desta edição do torneio, e destaca a *“presença mais uma vez da prestigante cadeia televisiva britânica, a Sky que irá realizar vários highlights do evento, diariamente e em horário nobre.”* (Diário de Notícias da Madeira, 6 de Abril de 2010, p. 42).

Ao Jornal da Madeira, o Dr. João Cunha e Silva, Vice-Presidente do Governo Regional, garantiu que, se *“a situação financeira ajudar iremos concretizar o desejo de termos mais campos para, de forma decisiva, a Madeira e o Porto Santo serem destinos de Golfe.”* (Jornal da Madeira, 8 Abril de 2010, p. 24).

No mesmo artigo, Conceição Estudante, Secretária Regional do Turismo e Transportes, realçou que o Golfe *“é um produto que a Madeira vem acarinhando há longos anos e que é inquestionável em termos do seu desenvolvimento para o futuro.”*

Ainda assim, não podemos esquecer que de acordo com o Diário de Notícias, *“Santo da Serra, Porto Santo e Palheiro Golfe venderam em 2009, 29.596 voltas turísticas, um número que é inferior em 25.3% ao registado em 2008 e o mais baixo de sempre da actividade prestada pelos campos.”* (Diário de Notícias da Madeira – Economia, 6 de Abril de 2010, p. 15).

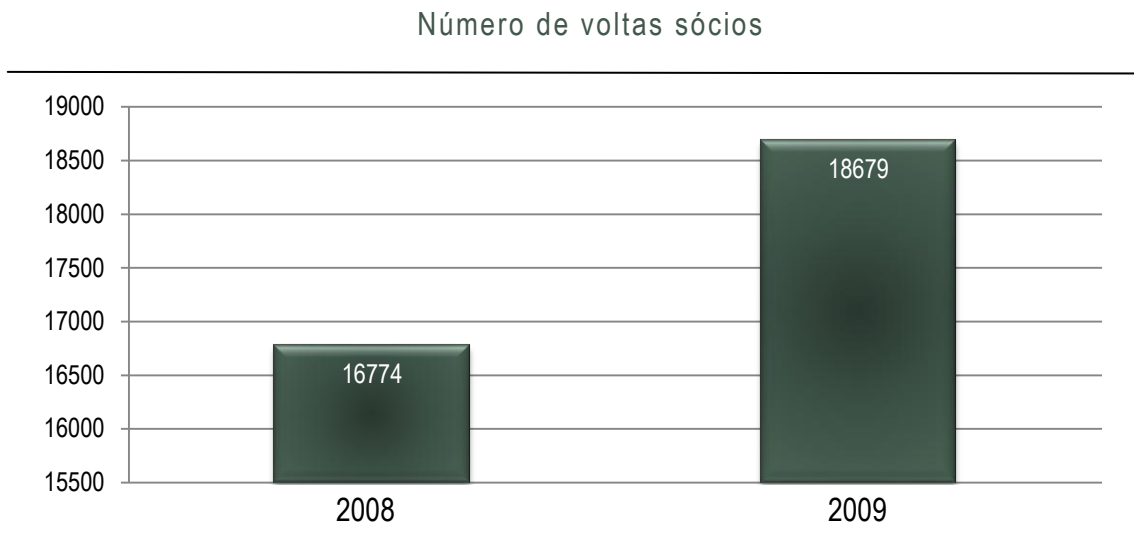
Gráfico 3 - Número de *green fees* realizados por turistas nos campos de Golfe do Santo da Serra, Palheiro Ferreiro e Porto Santo.



Fonte: Diário de Notícias da Madeira 2010

Por outro lado, o número de voltas de sócios subiu quando considerado o período homólogo, clarifica o mesmo artigo.

Gráfico 4 - Número de *green fees* realizados por sócios nos campos de Golfe do Santo da Serra, Palheiro Ferreiro e Porto Santo.



Fonte: Diário de Notícias da Madeira 2010

Apesar do número de voltas de sócios ser menor no seu total, a taxa de crescimento foi maior de 2008 para o ano 2009 relativamente às voltas realizadas por turistas. Porém, o Golfe continua a ser *“uma mais-valia para o Turismo regional, já que o turista que joga Golfe tem uma estada e um gasto médio superior...”* (Diário de Notícias da Madeira – Economia, 6 de Abril de 2010, p. 15).

Convém lembrar o artigo em foco no Jornal da Madeira (JM), com o título *“Investimento tem retorno garantido”* onde podemos ler *“o Vice-presidente do Governo Regional, João Cunha e Silva, garantiu ontem que a aposta da Madeira no Golfe tem retorno garantido...”* (JM de 6 de Abril de 2010, p. 24).

Em conformidade, o Plano de Desenvolvimento Económico Social da Região Autónoma da Madeira (PDES, 2007 – 2013), estabelece a concretização do *“Modelo Turístico da RAM, que assenta em três Eixos Estratégicos de Desenvolvimento: Consolidação do produto dominante, acompanhado de medidas para minimizar os bloqueamentos existentes, decorrentes de um modelo concentrado e de crescimento rápido, nomeadamente através da franca abertura do Funchal ao mar; Desenvolvimento da segmentação turística, através do reforço de produtos turísticos, com benefício pela conseqüente introdução de novos canais de contratação, novas formas de gestão, maior diversificação de produtos complementares, maior distribuição territorial e maior distribuição dos efeitos directos; Desenvolvimento da formatação da rede de*

---

*oferta complementar, explorando a diversidade dos recursos e qualificando a oferta existente.”* (PDES, 2006, p. 67).

Relativamente ao desenvolvimento da segmentação turística o PDES reforça que *“a sua concretização será efectuada através da prossecução dos seguintes objectivos: Reforçar a segmentação turística através da consolidação de recursos, os quais reforçam a atractividade do destino Madeira; Diversificar a oferta regional, tanto no que se refere à criação de novos produtos turísticos, como em termos de diversificação da oferta complementar que diz respeito a segmentos de mercado específicos, que complementam e diversificam os consumos, nomeadamente em relação ao produto dominante”* E realça que os *“objectivos definidos serão, sempre que necessário, acompanhados pela criação de infra-estruturas e equipamentos, nomeadamente campos de Golfe, centros de estádios desportivos, centros de eventos, centros de congressos e de âmbito portuário – designadamente cruzeiros, actividades náuticas, “fly and cruise”, privilegiando-se, sempre que exequível, os investimentos de iniciativa privada.”* (PDES, 2006, p. 68).

Com a finalização do enquadramento do problema, julgámos estarem ilustradas de forma sucinta as bases bibliográficas que nos permitiram identificar e balizar na generalidade, os conteúdos a serem estudados. Desta forma, passamos a apresentar a definição do problema, no sentido de estabelecermos o ponto de partida para as razões que nos motivaram para o estudo.

### 3 Definição do Problema

*“... a definição do problema é fundamental para o adequado desenvolvimento do processo. O problema de pesquisa delimita o alcance do estudo, especifica a natureza da informação desejada, explicita a real dúvida da informação”* (Corrêa J., Maggesi, A., Cantanhede, B., Gonzales, C., Chermont, J., Figueira, L., Santos, L., Bechara, M., Clemen, P., Mathias, R., Meireles, R., Chagas, S. (2009), p. 88).

Formular um problema para pesquisa é a base de todo estudo científico e da motivação do pesquisador, como nos refere Severino (2002), sendo que a formulação da pergunta de partida e identificação do problema afiguram-se como as componentes mais importantes do projecto, além dos seus possíveis desenvolvimentos.

É na base dos pressupostos defendidos por Severino (2002) que iremos procurar encontrar alternativas de solução para o problema, sustentadas em factos e possíveis consequências da caracterização do Golfe com o apoio da Sistemática das Actividades Desportivas.

Desta forma, procuraremos identificar e compreender novos instrumentos e processos que permitam reconhecer e identificar capitais passíveis de serem explorados numa estrutura de suporte ao Golfe de modo a que se possa utilizar esta modalidade como um dos pólos de desenvolvimento da RAM.

Podemos verificar através dos estudos referenciados, com justeza, que o Golfe é um produto de mercado largamente explorado a diferentes níveis, seguindo de alguma forma a tendência evolutiva normal e permanente dos mercados de desporto.

Porém, a dinâmica global actual reveste esta mudança de uma inconstância, tornando-a, muitas vezes, difícil de compreender e de dominar a utilização de instrumentos e metodologias adequadas, no sentido de obter novos capitais de investimento e, conseqüentemente, de retorno sejam estes sociais, educativos e/ou turísticos.

O problema, na sua generalidade, enquadra-se no âmbito da estruturação do conhecimento que permita a integração de diferentes áreas e do estudo das mudanças possíveis e

desejáveis, que se pretende que venham a acontecer ao nível das metodologias e processos no Golfe, para que este possa ser encarado como um instrumento de desenvolvimento.

Em síntese o nosso problema é a estruturação do conhecimento que rentabilize a utilização do Golfe enquanto instrumento de desenvolvimento regional.

## 4 Metodologia

*“Não se deve esperar verdades profundas da parte da metodologia. Não obstante, em muitos casos, ela pode auxiliar-nos a ver mais claramente a situação lógica e mesmo a resolver alguns problemas de longo alcance, que até agora se revelaram insusceptíveis de tratamento.”* (Popper, 1972, p. 57).

A procura por respostas é um processo complexo. Ao utilizarmos sistemas ou métodos rentabilizamos o processo, o que tende a facilitar a obtenção das soluções. Este facto torna-se evidente na pesquisa académica onde a estrutura e o método permite ao pesquisador esclarecer as suas dúvidas de uma forma organizada (Corrêa et al, 2009).

Severino (2002, p. 20) aponta que é *“através da Metodologia Científica que ocorre o contacto entre o conhecimento e a análise crítica, possibilitando a ampliação do saber, posicionando-o no plano sócio-histórico e político. Vale considerar que a metodologia Científica não aponta soluções, mas indica o caminho para encontrá-las.”*

Na óptica de Salomon (1999), a metodologia, como visão concreta da operacionalização, consiste em estudar e avaliar os vários métodos disponíveis, identificando as suas limitações ou não, em nível das implicações das suas actualizações.

A Metodologia, reforça o mesmo autor, examina e avalia as técnicas, bem como a geração ou verificação de novos métodos que conduzem à captação e processamento de informações com vista à resolução de problemas de investigação.

Para Rodrigues (2007, p. 2) a metodologia é *“um conjunto de abordagens, técnicas e processos utilizados pela ciência para formular e resolver problemas de aquisição objectiva do conhecimento, de uma maneira sistemática”*.

Salomon (1977) refere-se à metodologia como o interesse por *“técnicas e princípios”* suficientemente latas para se converterem comuns a todas as ciências ou a uma significativa parte delas.

Alternativamente, reforça o mesmo autor, são princípios filosóficos ou lógicos suficientemente específicos a ponto de poderem estar particularmente relacionados com a ciência. Assim, os

métodos incluem procedimentos como os da formação de conceitos e de hipóteses, os da observação e da medida, da realização de experimentos, construção de modelos e de teorias, da elaboração de explicações e da predição.

Na visão de Salomon (1977) o que leva a pessoa a investigar é a existência de um problema. Na realidade o que nos motivou para a realização desta investigação foi exactamente como definimos, a falta de estruturação do conhecimento que permita a integração de diferentes áreas.

Para tal, utilizaremos a seguinte metodologia de trabalho:

1. Realizar um Enquadramento do Problema, no sentido de equacionar a problemática do Golfe como instrumento de desenvolvimento na RAM. Numa primeira fase, um suporte legislativo, onde procuraremos demonstrar as interfaces existentes entre a política desportiva adoptada na RAM em prol do desenvolvimento regional e a modalidade Golfe como elemento catalisador do mesmo. Numa segunda fase, uma base conceptual, onde se irão desenvolver o conceitos de desenvolvimento, desenvolvimento regional e de desenvolvimento sustentável, construindo assim, um suporte que nos permita situar de forma geral a importância das actividades desportivas nestas temáticas e em particular o Golfe. Numa terceira etapa lançaremos um olhar sobre as origens do Golfe e demografia federada no contexto internacional, nacional e regional complementada com a caracterização do Golfe através do swing e as ferramentas actualmente utilizadas para a optimização deste “gesto técnico”. A terminar, abordamos, apoiados em bibliografia especializada, as áreas de sobreposição existentes entre o Golfe e a Educação, Saúde e Turismo.
2. Identificar o problema de investigação tendo em conta os propósitos reconhecidos no enquadramento do problema. Com a definição do problema estaremos também a revelar a motivação para a realização deste estudo.
3. Apresentar e definir a metodologia a ser desenvolvida no estudo.
4. Responder ao problema pela construção de uma conjectura, abordando indicadores que possuem um significado e uma representatividade de acordo com as necessidades sentidas e com os objectivos do estudo, que nos possibilitem uma estrutura de análise e compreensão do produto Golfe no âmbito da Sistemática das

---

Actividades Desportivas, no contexto e mercados do desporto e como pólo de desenvolvimento da RAM.

- a. Para caracterizar o Golfe como produto iremos:
  - i. Analisar os condicionalismos a considerar, caracterizando o Golfe e o Swing no âmbito da Sistemática das Actividades Desportivas identificando e procurando compreender as particularidades que justificam que ele seja abordado de forma específica.
  - ii. Identificar os capitais que a análise das variáveis estudadas irá permitir equacionar tendo em conta as diferentes perspectivas abordadas, nomeadamente: Saúde; Educação; Turismo.
5. Refutar a conjectura com a análise de situações que nos permitam testar a conjectura feita, relativamente aos capitais associados ao Golfe decorrentes dos comportamentos que o mesmo pode solicitar. Para tal, analisaremos a viabilidade de situações aplicativas ao nível da Educação, da Saúde e do Turismo.
6. A finalizar apresentamos as conclusões acerca de todo o processo desenvolvido. Porém, não pretendemos encerrar ou exaurir o debate em torno da problemática investigada, o que desejamos é estabelecer um ponto de partida para novas reflexões e análises que contribuam para o avançar do conhecimento nesta área.

## 5 Resposta ao problema – construção da conjectura

*“In scientific discussions, what we do is to criticize competing conjectures from the point of view of whether or not they may be true.” (Popper 1978, p. 160).*

Em função da definição do nosso problema, algumas hipóteses se nos colocavam para contribuir para a sua resolução. Porventura a mais habitual, mas também aquela que pensamos que pouco acrescentaria à estruturação do conhecimento que pretendemos, seria a de avançarmos com a caracterização do que os diferentes intervenientes do fenómeno Golfe (jogadores, dirigentes, gestores, políticos, etc.) pensam ou assumem em relação ao mesmo se poder assumir como um pólo de desenvolvimento regional.

Contudo, pensamos que isso só seria verdadeiramente útil se tivéssemos um conhecimento actual sobre o Golfe que nos permitisse analisá-lo com base nos princípios activos que possui e nos comportamentos que solicita e não em função de frases feitas ou análises parcelares e mecanicistas das suas potencialidades.

Desta forma, decidimos assumir o risco e adoptar um trabalho que dê resposta ao que, modestamente, julgamos ser mais premente no actual contexto de investigação sobre o Golfe.

Assim, julgamos essencial começar pela caracterização do produto - Golfe, procurando explicitar as particularidades que justificam que ele seja abordado de forma específica.

No fundo, estaremos, com o apoio da Sistemática das Actividades Desportivas, compreendendo, analisando e avaliando o produto - Golfe, emergindo desta análise novas perspectivas, que abordaremos de seguida, que nos permitam estabelecer uma articulação com os especialistas da gestão desportiva, num sentido de equacionar um processo de implementação de novos produtos do conhecimento nos mercados de Golfe, que possibilitem que se encare esta modalidade como um pólo de desenvolvimento da RAM.

## 5.1 Golfe como desporto individual – Sistemática das Actividades Desportivas

Para a concretização da caracterização do Golfe no âmbito da Sistemática das Actividades Desportivas, é necessário fazer uma nota sobre os grupos onde se incluem todas as actividades desportivas (Almada *et al*, 2008). Mas antes, é necessário esclarecer as principais razões apontadas pelos autores para a compreensão e fundamentação deste tema.

A identificação do desporto, segundo Almada *et al* (2008), como uma “entidade bipolar, bifacetada” que leva, por um lado, a um repto, que provoca a procura da ultrapassagem de barreiras e por outro, estimula métodos de adaptação do individuo a todos os níveis (biológico, fisiológico, psicológico, sociológico, neurológico, etc.) que quando devidamente ordenados e norteados fomentam o desenvolvimento deste.

São estas adaptações, singulares em cada modalidade desportiva, que motivam a definição das suas *“características mais marcantes (...) os tipos de objectivos que visam e, até, as variáveis principais em jogo. Assim, poderemos perceber o que os distingue e que tipos de problemas os caracterizam.”* (Almada *et al*, 2008, p. 247).

Porém, os autores supracitados lembram que estas actividades desportivas identificam-se também pelos *“condicionamentos de contexto, tais como a origem, a história, as influências sociológicas a que estiveram sujeitas e, também pelos tipos de respostas que elaboram e os meios que utilizam.”* (Almada *et al*, 2008, p. 247).

Pretende-se assim, estruturar e organizar as actividades desportivas, como uma actividade do homem, para *“facilitar a actuação dos profissionais no seu desempenho profissional e, em paralelo, permitir uma formação mais ampla e aberta, mas simultaneamente mais profunda e fundamentada.”* (Almada *et al*, 2008, p. 248).

As características únicas de cada actividade desportiva não tornam impossível *“reuni-las em grupos onde sejam suficientemente semelhantes para poderem ser tratadas de maneira idêntica”* permitindo, no âmbito da sua gestão, seja macro ou micro, resolver uma problemática que englobe, fundamentalmente, a *“compreensão mais aprofundada dos fenómenos e o desenvolvimento de estratégias que respondam às representações que se tem, resultantes desta compreensão mais aprofundada; estabelecer limites aceitáveis para o funcionamento da gestão, a nível funcional e de eficiência assim como a nível ético”*; *“compreender os objectivos*

*específicos, as variáveis em jogo e os respectivos indicadores (directos ou indirectos) e os seus valores usuais assim como os artefactos que possam indicar a aproximação de disfunções e os respectivos indicadores.” (Almada et al, 2008, pp. 248 - 249).*

Assim, temos que as actividades desportivas podem incluir-se num de seis grupos, a saber: desportos colectivos; desportos de combate; desportos individuais; desportos de grandes espaços; desportos de adaptação ao meio; desportos de confrontação directa. (Almada et al, 2008).

Em cada um destes grupos de actividades desportivas podemos encontrar definidas as características mais marcantes; tipo de objectivos visados, principais variáveis em jogo e um modelo de referência simplificado (Almada et al, 2008).

Os desportos individuais, caso do Golfe, levam o desportista a centrar toda a atenção no movimento que pretende realizar e isolar-se, portanto, de tudo o que possa distrair deste propósito ou desviar a sua atenção, como nos refere Almada et al, (2008).

Os mesmos autores enfatizam: *“as regras e regulamentos destes desportos definem muito bem o contexto inalterável (tanto quanto possível) em que se devem desenrolar as suas provas, facilitando, deste modo, que o desportista possa sentir e compreender, de uma forma muito fina, qualquer alteração na sua actuação e, assim, consiga atingir uma optimização dos seus gestos e, conseqüentemente, desenvolva um conhecimento muito profundo de si próprio.” (Almada et al 2008, p. 257).*

O Golfe, como modalidade individual, tem como característica mais marcante *“o conhecimento de alguns aspectos do desportista; o desempenho é independente da forma de oposição do adversário”* embora possa assumir uma intervenção indirecta. O tipo de objectivos visado são convencionados e as variáveis principais em jogo são *“o conhecimento dos “limites do eu” em algumas variáveis”*. O modelo de referência simplificada é o F, (força) ou V (velocidade). Embora, numa primeira análise exista a tendência natural para associar o F (força) num levantamento no halterofilismo, por exemplo e o V (velocidade) em provas de velocidade (100 metros), os autores explicam que *“na prática, pouca diferença existirá, pois é a velocidade alcançada em algumas alturas de um levantamento que possibilita o desenvolvimento da acção da cadeia cinética e é a força (nas suas quatro componentes – direcção, sentido, intensidade e ponto de aplicação) exercida sob todos os elementos da cadeia cinética que permite alcançar a velocidade máxima tão rapidamente quanto possível e depois mantê-la tão*

*constante quanto possível até finalizar a prova que está na base do êxito numa corrida de velocidade.” (Almada et al, 2008, pp. 257 – 258).*

Almada et al (2008, p. 258) finalizam a sua exposição relativa aos desportos individuais referindo-se ao “tempo de actuação da força (ou das forças se considerarmos já que F é obtido do somatório de forças e sua coordenação) é também um factor fundamental na actuação em todas as modalidades individuais”, não sendo, por isso, o Golfe uma excepção.

É neste sentido que passaremos a caracterizar o Golfe utilizando, a título de exemplo, um dos “movimentos” amplamente utilizado na modalidade, o swing.

### **5.1.1 O Swing – A caracterização do Golfe à Luz do Modelo taxonómico dos Desportos Individuais.**

O Golfe como desporto individual leva o desportista a focar toda a sua atenção no movimento que pretende realizar, neste caso o swing, como já podemos constatar no que atrás foi dito. No entanto, convém reforçar que é através desta atenção no movimento que o golfista desenvolve um conhecimento perspicaz de si e dos seus limites.

Numa análise geral, o golfista está concentrado em projectar uma bola, através de um movimento com um taco, o swing, a uma determinada distância com uma determinada trajectória. Esta trajectória é influenciada pelo ângulo de saída, a velocidade inicial e a altura de saída da bola.

Desta forma, para que a trajectória descrita pelo voo da bola seja a mais aproximada possível à que o executante idealiza, ele terá de direccionar a sua concentração para as três variáveis supracitadas.

Consideremos, numa primeira instância, a altura de saída da bola. Esta é considerada a altura que a bola se encontra do solo no momento do impacto. No fundo, será a altura da colocação do tee onde a bola assenta, em momentos de saída ou mesmo em contacto directo com o solo.

Para o estudo que iremos realizar esta diferença de valor na altura da bola é pouco importante tendo em consideração a precisão com que pretendemos tratar este fenómeno, pelo que apesar de identificarmos esta variável, por opção, não a iremos considerar na nossa análise.

A velocidade inicial da bola vai depender da intensidade do conjunto de forças que o golfista vai realizar no seu movimento e o ângulo de saída vai depender da direcção das forças que ele realiza e conseqüentemente da direcção e ponto de aplicação da força resultante, aquando do contacto da cabeça do taco com a bola.

Quanto à força aplicada à bola através do taco, esta é resultado de um conjunto de forças que o golfista realiza no percurso de aceleração, quer no percurso ascendente do taco (backswing), quer no percurso descendente (downswing), até ao momento de impacto, e na continuação do movimento (Followthrough) até à posição final. Assim, este percurso poderá ser influenciado pela força, que é o produto entre a massa e aceleração; a velocidade, produto entre a aceleração e o tempo; e o espaço que os diferentes segmentos percorrem até ao momento de impacto (downswing) e final do swing (Followthrough) resultante do produto entre a velocidade e o tempo.

Consideremos em primeiro lugar a força, ou forças, que possam alterar a aceleração no seu percurso. De forma geral, podemos considerar, num golfista destro, que este ao erguer o taco (backswing) exerce uma força no sentido contrário da direcção da bola para cima, com os membros superiores, uma força de rotação da anca, uma força de rotação da cintura escapular e uma força direccionada do joelho esquerdo para o direito (fig. 1). No início da descida do taco de encontro à bola (downswing), estas mesmas forças são aplicadas no sentido da direcção da bola e, no caso da força exercida pelos membros inferiores, esta processa-se da perna direita para a esquerda (golfista destro). O sentido das forças permanece orientado para a trajectória da bola na continuação e finalização do movimento, Followthrough (fig. 3).

Estas forças aplicadas às massas dos segmentos envolvidos na acção vão ter como consequência a aceleração do movimento. Verifiquemos as seguintes figuras:

Figura 1, 2 e 3 - Sequência em três fases de execução do swing com o destaque para algumas das direcções das forças exercidas.

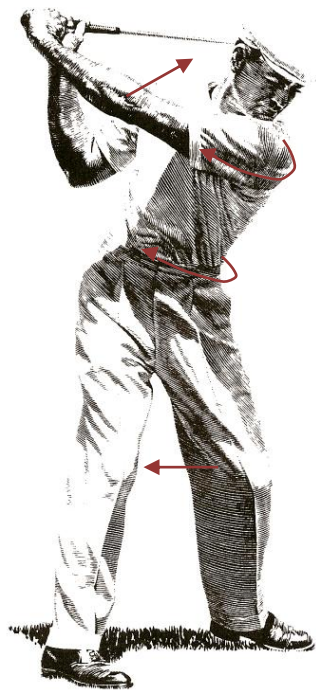


Figura 1



Figura 2

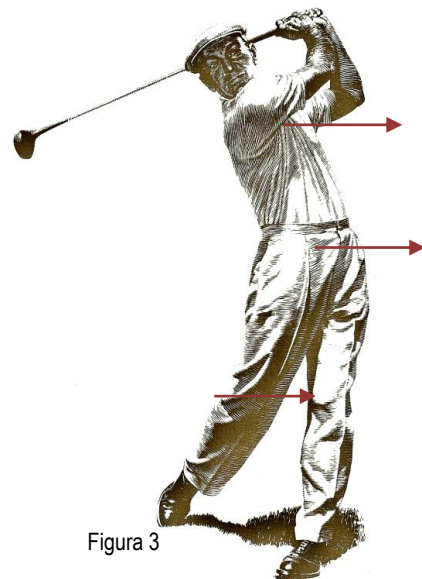


Figura 3

A velocidade da aplicação das forças pode ser definida pelo produto entre a aceleração e o tempo de aceleração. Por exemplo, se considerarmos o arco de swing como o percurso de aceleração, a velocidade do movimento será tanto maior quanto maior for o tempo de aceleração do taco, partindo do pressuposto que a aceleração não diminui durante este

percurso e, sendo este percurso maior, maior será também o tempo de aceleração, isto é, simplificando:  $v = a \times t$ .

Logo, temos que, ao aumentarmos o tempo de aceleração e mantermos a velocidade inicial, aumentamos o espaço percorrido. Se aumentarmos a velocidade inicial do movimento, através da aceleração ou da massa, e mantivermos o tempo aumentamos o espaço, ( $e = v \times t$ ).

Na prática podemos referir que se aumentarmos o tempo de aceleração do movimento, estamos a aumentar o arco de swing (espaço percorrido), desde que a velocidade não diminua. E se aumentarmos a velocidade inicial do movimento, com o tempo de aceleração constante estaremos a aumentar o espaço percorrido pelo taco.

Assim, é fundamental que o golfista consiga conhecer gerir e controlar todas as variáveis acima expostas, para que deste modo possa transformar o seu modo de actuação para obter a máxima rentabilização do seu comportamento motor. Por exemplo, se um golfista tem por objectivo conseguir maior distância e, sabendo que o ângulo ideal de saída da bola para alcançar uma maior distância são os 45°, ao dominar as variáveis força, massa, aceleração, espaço e tempo, ele saberá que com a interacção destas variáveis poderá adequar o seu modo de actuação para que consiga uma maior rentabilidade.

Analisemos a situação de um golfista que quer aumentar a distância percorrida pela bola. Como podemos verificar no gráfico abaixo, uma das formas de o conseguir será aumentando a velocidade de saída da bola. Considerando que o golfista sabe que o ângulo de saída da bola tem de situar-se sensivelmente nos 45°, para aumentar a velocidade pode aumentar a força ou o percurso de aceleração. No entanto, a precisão dos movimentos perto da força máxima diminui, assim como o aumento da cadeia cinética para obter maior percurso de aceleração. A implicação da coordenação de mais segmentos pode também diminuir a precisão do movimento. Assim, o foco de concentração do golfista deve estar orientado para um equilíbrio favorável à sua acção, mediante os seus objectivos.

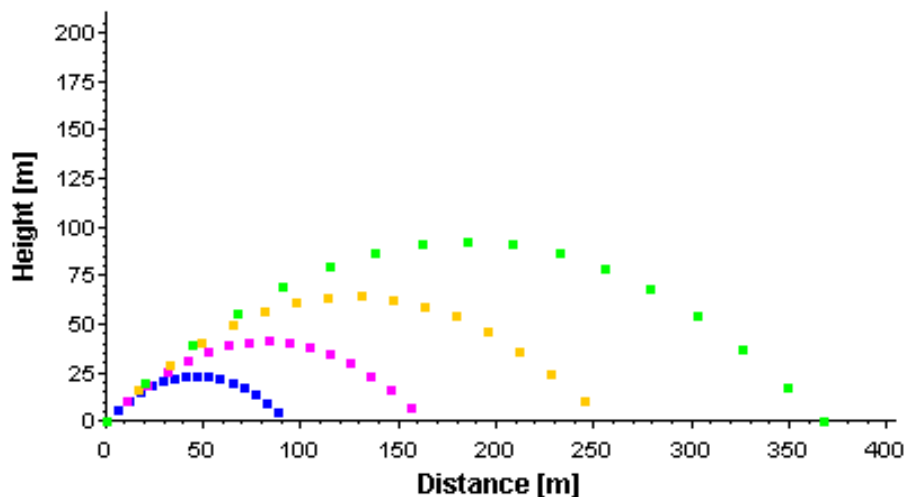
O mesmo tipo de raciocínio pode ser realizado perante outras variáveis, como sejam, o incremento da força através do aumento da massa dos segmentos envolvidos, sem que para isso este golfista aumentasse a aceleração.

Verifiquemos a situação exposta no gráfico 5 como a de um golfista que tem um ângulo ideal de saída da bola (45°) e para almejar maior distância nas suas pancadas, aumenta a velocidade de saída da bola, sendo que para isso ele poderá, como acima já descrevemos,

interagir com as variáveis força (f), velocidade (v), espaço (e), tempo (t), massa (m), aceleração (a). Estas situações, porém, não levam em linha de conta a resistência do ar.

Gráfico 5 - Ilustra a distância que a bola atinge com um ângulo de saída de 45° e com a variação da velocidade de saída da bola.

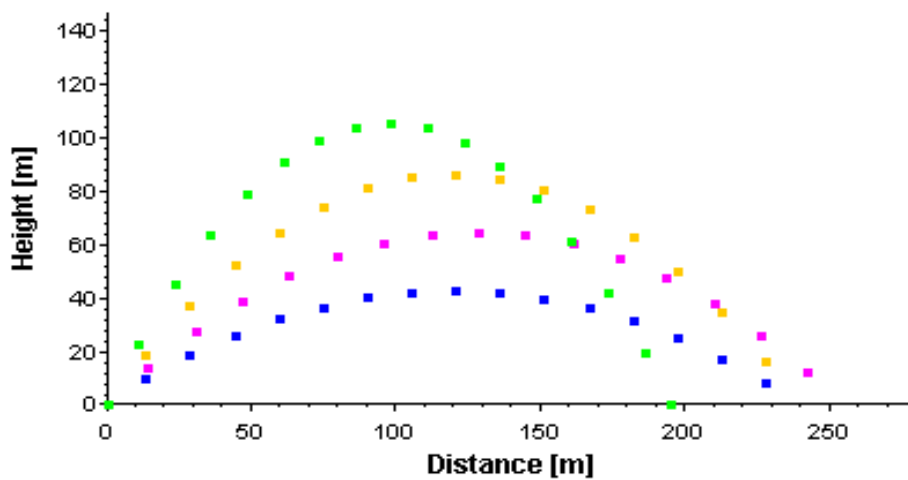
- Velocidade de saída da bola de 30 m/s e ângulo de 45°
- Velocidade de saída da bola de 40 m/s e ângulo de 45°
- Velocidade de saída da bola de 50 m/s e ângulo de 45°
- Velocidade de saída da bola 60 m/s e ângulo de 45°



No que ao ângulo de saída da bola diz respeito, o mesmo dependerá do ponto de aplicação da força sobre a bola. Este ponto de aplicação vai depender da direcção das forças aplicadas, fazendo com que o contacto da face da cabeça do taco seja efectivado abaixo ou acima do centro da bola, fazendo esta sair com maior ou menor ângulo. Por consequência, a trajectória da bola também sofrerá alterações e, consequentemente, a distancia percorrida. Analisemos a variação do ângulo de saída da bola, para um golfista com um movimento com uma velocidade de 40 m/s.

Gráfico 6 - Ilustra a distância que a bola atinge quando a velocidade inicial é constante e existe alternância do ângulo de saída da bola.

Ângulos de saída da bola    ■ 35°    ■ 45°    ■ 55°    ■ 65°



O aumento do ângulo de saída da bola tem como consequência um aumento progressivo da altura máxima da parábola descrita pela trajetória da bola. Este aumento progressivo da altura máxima da parábola favorece a distância até aos 45°. A partir daqui a distância diminui. Porém, existem outros factores que podem ser favorecidos com este aumento da altura máxima da parábola, como, por exemplo, a transposição de obstáculos.

A execução do swing tem de ser adaptada consoante o objectivo do golfista e o nível de dificuldade que pode enfrentar. Logo, será fundamental que este “*possa sentir e compreender, de uma forma muito fina, qualquer alteração na sua actuação e, assim, consiga atingir uma optimização dos seus gestos e, conseqüentemente, desenvolva um conhecimento profundo de si próprio*” (Almada *et al*, 2008, p. 257).

O esforço em desenvolver uma perspectiva da análise do swing de acordo com o modelo taxonómico de Almada *et al* (2008) não esgota toda a investigação desenvolvida nesta matéria, como já demos conta. Porém, como nos explicam os autores, é fundamental

consciencializarmo-nos da importância de uma rotura, sabendo que tem um custo enorme e que só se fundamenta com os ganhos que se antevêm, ainda mais no desporto, onde taxas pequenas no rendimento podem significar um ganho considerável, tendo em conta os capitais envolvidos.

Subentende-se pela análise do vídeo, por exemplo, no caso da *Motion Golf* ou da *Golf Biodynamics*, como referimos oportunamente, que se o utilizador cumprir com os ângulos e graus estabelecidos no “swing perfeito” conseguirá ele também executar um swing ideal e projectar a bola com a eficácia pretendida.

Porém, e embora haja uma noção proprioceptiva do movimento, o golfista estará a tentar reproduzir um modelo ideal exposto pelo programa. Ora, esta situação, no nosso entender, não explora a experimentação e sim a repetição de um movimento *standard*.

A diferença, como nos explicam Almada *et al* (2008, p. 240 - 245) está na análise de situações de dinâmica explícita (repetição) e de dinâmica implícita (experimentação). Na primeira, assume-se, normalmente “*um cariz formal e descritivo e tratam mais as características exteriores e visíveis, portanto, sem atender com alguma profundidade aos seus aspectos funcionais.*” Na última, “*identifica-se as variáveis implicadas e os respectivos indicadores*”, não tem de ser imposta pelo exterior, “*ou melhor é imposta de dentro pelas próprias características do processo*”.

Como é evidente, não desabonamos o trabalho de investigação já realizado, mas convém lembrar Almada *et al*, (2008, p. 240) quando relata que a “*compreensão desta diferença é essencial, para poder ser entendida não só a fundamentação mas também as razões subjacentes, e, conseqüentemente, o sentido e a intencionalidade que se alicerça.*”

Assim, o golfista que compreender e dominar as variáveis atrás referidas que, neste caso, (desporto individual) serão a Velocidade e Força, e o valor sinérgico que possuem, poderá ter um domínio mais consistente sobre o seu comportamento motor e adequá-lo às contrariedades, quer sejam externas ou internas, que poderá ter de enfrentar.

Estas situações poderão também ser exploratórias para um melhor processo de treino especializado em que, ao invés do golfista procurar repetir “o movimento”, compreende, domina e gere as variáveis implícitas da forma mais proveitosa para o seu rendimento.

A observação destas variáveis e da sua interação podem-nos levar a conclusões que nos permitam determinar a causa efeito da execução de um determinado swing. Nomeadamente, estabelecendo sinergias entre o swing e a Educação, a Saúde, e o Turismo, que nos permitam testar a viabilidade do Golfe como pólo de desenvolvimento regional.

## 5.2 As potencialidades do Golfe

A análise do Golfe através da Sistemática das Actividades Desportivas, mais precisamente pelo modelo taxonómico dos Desportos Individuais de Almada *et al* (2008) permite identificarmos novos elementos de sustentabilidade e situações que podem constituir potenciais capitais de exploração no Golfe em cada um dos domínios estudados, nomeadamente, na Saúde, na Educação e no Turismo das regiões onde se desenvolve, utilizando-se assim esta modalidade como um pólo de desenvolvimento.

Será na óptica de cada um dos supracitados domínios que serão apresentados alguns exemplos que podem potenciar situações de sustentabilidade da modalidade como pólo de desenvolvimento e da rentabilização da estrutura que a suporta.

Vejamos de seguida três exemplos:

### Exemplo 1

Para nos situarmos convém, no interesse da investigação, citar o Livro Branco do Desporto (2007, p. 4) apresentado pela Comissão das Comunidades Europeias em Bruxelas a 11 de Julho de 2007 onde pode ler-se que *“O movimento desportivo tem maior influência do que qualquer outro movimento social no aumento das actividades físicas benéficas para a Saúde. O desporto atrai as pessoas e tem uma imagem positiva.”*

No documento supracitado podemos ainda encontrar, na mesma página, que *“A Organização Mundial da Saúde (OMS) recomenda um mínimo de 30 minutos diários de actividade física moderada (que inclui mas não se limita ao desporto) para os adultos e de 60 minutos para as crianças.”*

Este organismo nos seus registos oficiais define *Saúde como “o estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença ou enfermidade.”* (Official records of the World Health Organization, nº 2, p. 100).

Assim, não será crítico reconhecer que para atingir um possível estado de Saúde, terá de haver um equilíbrio resultante da interacção dos estados físico, mental e social, alicerçado na construção permanente de cada indivíduo que se expressa na luta pela ampliação do uso das potencialidades de cada pessoa, reflectindo a sua capacidade de viver.

É na procura sucessiva destes equilíbrios que o Golfe, como actividade desportiva, pode contribuir para formar o indivíduo no sentido de compreender, reconhecer e gerir através do controlo das variáveis que temos vindo a identificar como fundamentais para a prática desta actividade.

Em capítulos anteriores demos conta, quer da importância da prática desportiva para a Saúde, em termos gerais, quer dos benefícios do Golfe para o bem-estar e aumento da qualidade de vida. Focámos, inclusive, que numa partida de Golfe o praticante efectua uma caminhada média de 6 a 8 km com os benefícios inerentes a esta actividade (Pitaki, 2010).

Apresentámos, inclusivamente, estudos que apoiam e comprovam tais factos. Porém, os estudos apresentados centram-se fundamentalmente numa perspectiva de que o Golfe permite que o indivíduo desenvolva um conjunto de capacidades técnicas e fisiológicas individuais e que, de forma geral, seja benéfico para o aumento do bem-estar geral.

Consideremos assim, como anteriormente analisámos, as principais variáveis que condicionam esta actividade desportiva.

Um treino centrado na compreensão de si próprio, leva o desportista a centrar toda a atenção no movimento que pretende realizar e isolar-se, portanto, de tudo o que possa distrair deste propósito ou desviar a sua atenção. Assim, permitirá ao desportista não só aperceber-se melhor das suas limitações, limites do eu, porque treinou a sensibilidade na realização do movimento, como também fazer os ajustes necessários ao seu movimento.

Para um golfista, por exemplo, que contrai uma lesão da região lombar no decorrer da sua prática, ou já tenha um historial de lesões ao nível lombar, pode ver comprometida a execução total do “movimento”, leia-se swing no caso do nosso estudo, uma vez que a dor lombar muito

possivelmente provocará uma rotação do tronco incompleta, fazendo-o diminuir o espaço percorrido pelos segmentos, sendo por isso o percurso do taco menor.

Concretizando, se analisarmos esta situação tendo em consideração as variáveis fundamentais do swing, uma dor lombar vai ter implicações ao nível das variáveis força, velocidade e tempo de aceleração.

Assim, e considerando que este golfista quer manter sensivelmente o mesmo nível de desempenho, ou obter o melhor rendimento em função das limitações que apresenta, ele terá de estabelecer uma relação dinâmica entre as variáveis que são utilizadas no movimento, ou seja a força a velocidade e o tempo de aceleração.

Sabemos que a dor lombar pode eventualmente levar a ter um percurso menor, diminuindo o tempo de aceleração. Com a diminuição deste tempo estará a diminuir a velocidade, não podemos esquecer que  $v = a \times t$ . Assim, uma das formas que este golfista teria para otimizar o seu desempenho seria aumentar a aceleração de forma a compensar a perda do tempo. A aceleração, por sua vez, pode ser aumentada através da força ou da massa envolvida na acção.

Não obstante esta limitação, convém lembrar que este golfista poderá redireccionar as forças aplicadas, de modo a rendibilizar as forças úteis que são exercidas pelos vários segmentos envolvidos no movimento. Por outro lado, como também já analisámos, a trajectória da bola depende não só da velocidade inicial mas também do ângulo de saída, podendo este último ser também ajustado de modo a adequar o movimento aos seus objectivos.

Esta relação sinérgica entre a velocidade, a força e o tempo de aceleração, permite ao golfista moldar o seu desempenho aos indicadores e variáveis implicadas no seu comportamento motor e conjugá-los com os objectivos que pretende alcançar.

A compreensão das variáveis fundamentais para intervir no swing pode ser aplicada noutros casos relacionados com a Saúde, bastando para isso que o golfista esteja preparado para reconhecer os indicadores e as variáveis implicadas e utilizar e gerir esta informação em seu benefício.

## Exemplo 2

A UNESCO defende que a actividade física de forma geral *“facilita a formação dos valores sociais e democráticos, através de conceitos essenciais como por exemplo as oportunidades iguais com regras iguais para todos”* (Comissão Nacional da UNESCO – [CNU], 2011), pelo que facilmente se compreende que haverá nas actividades desportivas uma ligação essencial para que se possa encarar a *“Educação como um processo de conquistas que engendra a humanização e libertação do ser humano”* (Ahlert, 2007, p. 6).

É neste processo de conquistas que o conhecimento também se revela como fundamental, pois pode ser apreendido por todos sendo por isso que Toffler (2001) entende o conhecimento como a fonte de poder mais democrática.

É na manifestação deste conhecimento como uma forma de expressão humana que Miraglia (2008) entende o desporto, seja esta manifestação emocional ou cognitiva, como uma linguagem do movimento que através do corpo pode desenvolver um processo educativo que contribua para o desenvolvimento humano, como espaço que propicie a construção de subjectividade e assim do indivíduo.

A mesma autora focaliza o desporto como prática e vivência propiciadora de aprendizagem e assim de desenvolvimento pessoal e social, tendo em vista as competências pessoais, sociais, produtivas e cognitivas, elementos essenciais para se viver, relacionar, aprender, trabalhar e participar da vida em sociedade (Miraglia, 2008).

Como nos refere Almada (1995), ao assumimos o Desporto como um meio de transformação do Homem, estaremos também a contribuir para o desenvolvimento do Homem, tornando-o capaz de compreender a sua realidade, realizar os seus sonhos, participar na sociedade e contribuir com ideias e acções para a transformação da própria vida.

O desporto como instrumento Educacional é necessariamente uma prática interdisciplinar que tem como princípio a inclusão, e como principal objectivo a Educação. É neste sentido que Miraglia (2008) encara o desporto como uma ferramenta de desenvolvimento humano integral.

Neste sentido, é-nos particularmente satisfatório poder evidenciar o capital de Educação que possui o Golfe, como modalidade desportiva, veículo de transformação do homem, na conquista e redescoberta do “eu”.

Assim, cada vez que um golfista, no âmbito da sua prática, concentra-a em si próprio, isolando-se de tudo o que o possa distrair, com certeza que se aperceberá melhor das limitações do “eu”, elevando o seu auto conhecimento e contribuindo para o desenvolvimento das suas capacidades cognitivas, pessoais, produtivas e sociais.

É como ferramenta de desenvolvimento humano integral, defendido por Miraglia (2008) que entendemos que o Golfe, de forma geral, e o swing no caso mais particular do nosso estudo, poderá dar um excelente contributo, quando encarado à luz do modelo taxonómico dos desportos individuais de Almada *et al* (2008).

Consideremos um golfista no *tee* de saída, o seu principal objectivo é colocar a bola o mais distante possível. Para isso terá de focar a sua atenção em dois aspectos. A velocidade inicial da bola, que vai depender da intensidade do conjunto de forças que realizar no seu movimento, e o ângulo de saída da bola que vai depender da direcção das forças que ele realiza e, conseqüentemente, da direcção e ponto de aplicação da força resultante, aquando do contacto da cabeça do taco com a bola.

Para obter uma velocidade inicial da bola terá de exercer uma força sobre a mesma. Essa força será aplicada por uma massa e proporciona uma aceleração. O produto desta aceleração pelo tempo vai definir a velocidade do movimento e esta velocidade quando multiplicada pelo tempo resultará no espaço percorrido pelo taco.

Este conhecimento desenvolvido pelo golfista leva a que se aperceba que deve tentar aplicar a força na bola para que esta tenha um ângulo de saída próximo dos 45°. Logo, tentar orientar a direcção das forças aplicadas para que o ponto de aplicação dessas forças permita esse objectivo.

A compreensão e gestão destas variáveis pelo golfista permitirá que este, em caso de ter de alterar o seu comportamento motor, seja por factores externos, seja por factores internos, poderá adaptar o seu comportamento motor sem que para isso tenha de comprometer de forma significativa os seus resultados.

Assim, se for caso disso, o golfista poderá alterar a força através da massa ou aceleração; alterar a velocidade através da aceleração ou tempo de aceleração e poderá alterar o espaço através da velocidade ou tempo de aceleração.

Esta alteração do comportamento motor exige um profundo conhecimento dos limites do “eu”, que deve ser reforçado pelo conhecimento das variáveis expostas e pelos seus indicadores. No fundo, são estas variáveis e indicadores que elucidarão ao golfista o seu modo de actuação e é o seu nível de Educação e conhecimento de si próprio que determinará a efectivação desse comportamento.

Estas adaptações, quer sejam as descritas no exemplo que acabámos de dar, quer sejam outras, como já vimos anteriormente, só serão possíveis se procurarmos situações de dinâmica implícita, onde se identificam as variáveis implicadas e os respectivos indicadores permitindo, assim, que o golfista se adapte e supere os condicionamentos de contexto.

Este tipo de abordagem possibilitará ao golfista explorar as suas capacidades, reconhecer as suas incorrecções, podendo elevar o conhecimento dos limites do “eu”.

Existe um valor humano intrínseco nesta abordagem. Mas este tipo de abordagem poderá ser aproveitada como um bem valioso em termos da macro gestão, como verificaremos de seguida.

### Exemplo 3

A relação entre o desporto e o Turismo já é tema de estudo desde há muitos anos. Nas últimas décadas vários autores têm abordado esta temática, como por exemplo Baker, 1982; Davies, 1997; Standeven e De Knop, 1999. No entanto, a dialéctica desporto - Turismo ainda está numa fase inicial de desenvolvimento (Weed, 2008).

O desporto tornou-se, principalmente desde a década de 60, um caso internacional de enormes proporções, de comunicação social, dinheiro, participantes e interesses políticos, enquanto o Turismo manteve-se como a indústria mais produtiva e com o maior crescimento do mundo. Para além de se desenvolverem de forma individualizada, o Turismo e o desporto foram-se desenvolvendo ao longo dos tempos de forma sistémica, com sinergias e áreas de sobreposição, e ao se complementarem, o desporto e o Turismo elevaram a sua influência cultural e lucrativa (Standeven e De Knop, 1999).

Neste contexto, o Turismo, quando associado ao desporto é, para além de uma indústria em franca expansão, um pólo de atracção e de desenvolvimento de novas experiências e vivências ligadas às viagens turísticas, assumindo novos contextos e valores (Higham, 2005).

O desporto é também reconhecido, actualmente, como uma importante actividade económica. Sobre este facto podemos ler no Livro Branco do Desporto (2007, p. 11), relativo à sua dimensão económica, que o *“desporto é um sector dinâmico e de rápido crescimento cujo impacto macroeconómico está a ser subestimado, e que pode contribuir (...) em matéria de crescimento e de criação de emprego. Pode também contribuir para o desenvolvimento local e regional, a regeneração urbana e o desenvolvimento rural. O desporto tem sinergias com o Turismo e pode estimular a modernização de infra-estruturas e a emergência de novas parcerias para o financiamento de instalações desportivas e de lazer.”*

No âmbito do nosso estudo, interessa-nos elevar o desporto a um produto consumível para satisfazer as necessidades e desejos do consumidor, e para criar necessidades que ele ainda não sente, mas que virá a sentir no futuro, caso queira manter-se competitivo, por exemplo.

Entende-se por produto desportivo *“um pacote complexo de elementos tangíveis e intangíveis, que se torna inconsciente de consumo para consumo”* (Sá, D. & Sá, C., 2009, p. 32).

Os praticantes ou adeptos desportivos, reforçam os mesmos autores, raramente consomem apenas o jogo ou competição isoladamente, sendo que a experiência desportiva é caracterizada por toda uma atmosfera envolvente que vai desde à própria instalação, onde se incide a prática, aos serviços complementares prestados, havendo casos em que o serviço complementar capta mais a atenção do consumidor que a própria prática.

O Golfe é, deste tipo de consumidor, um exemplo evidente, em certos casos, como já atrás referimos.

O mundo empresarial há muito que já entendeu a necessidade de direccionar os seus negócios para a satisfação total dos seus clientes. Na perspectiva de Sá, D. e Sá, C (2009), se antes o foco residia na captação de novos clientes, fazendo uso enorme da ferramenta publicitária, agora as empresas reorientam as estratégias para a fidelização de clientes.

Num mercado altamente disputado como é o actual, as empresas são forçadas a adquirir vantagens competitivas para diferenciarem a oferta. Porém, estas vantagens são cada vez

mais difíceis de obter directamente do produto, logo, a fulcral importância que os produtos ditos de complementares possuem na fidelização do cliente.

Já demos conta da importância económica do desporto, em geral, do Golfe, em particular, e das interfaces existente com o Turismo sendo, inclusive, o Golfe considerado um dos 10 produtos estratégicos para o desenvolvimento do Turismo em Portugal.

No âmbito regional, podemos ler no Plano de Ordenamento Turístico da Região Autónoma da Madeira (2002, p. 17) que *“No que se refere ao produto Golfe, as duas infra-estruturas existentes não são suficientes para perspectivar a Madeira como destino de Golfe (mais de 50% dos utentes dos dois campos de Golfe existentes são residentes.), constituindo contudo uma oferta complementar importante. A implementação de um conjunto de campos de Golfe nas ilhas da Madeira e de Porto Santo reforça a atractividade do destino para os segmentos de mercado Golfe, em crescimento.”*

É no sentido de reforçar esta oferta e redireccioná-la para a fidelização dos clientes existentes, e de novos clientes que acreditamos que o simples aumento dos campos de Golfe de 18 buracos, embora seja importante, pode não ser estritamente necessário. Não podemos esquecer que a construção de um campo de 18 buracos significa, segundo o CNIG (2010), um investimento médio de 7.5 milhões de euros sendo que a RAM comporta especificidades orográficas que podem, eventualmente, fazer subir este valor ao qual ainda é adicionado os custos de manutenção do campo que podem variar entre os € 25.000.00 e os € 55.000.00 mensais (S. Fernandes 2007).

A complementaridade dos serviços prestados ao golfista pode abarcar um serviço em que este possa simultaneamente conhecer o seu jogo de forma mais personalizada e, acima de tudo, permitir um conhecimento do “eu” mais aprofundado que o ajude a resolver situações futuras em contextos diferenciados.

Assim, se considerarmos um golfista que obtenha um serviço complementar ao seu jogo que possibilite saber, durante o seu swing, o espaço percorrido pelo taco, a velocidade inicial e a força, e posteriormente a relação dinâmica existente entre estas variáveis considerando a aceleração, a massa e o tempo de aceleração, ele estará munido de uma informação que poderá conjugar com o ângulo de saída e a velocidade de saída da bola.

A interação de todos estes factores possibilitarão a este golfista poder encarar o movimento de forma mais integrada e adaptando-o às suas necessidades. Assim o golfista tomará consciência das várias formas que poderá alterar a velocidade de saída e o ângulo de saída da bola, e da necessidade de gerir o equilíbrio entre estas variáveis, adaptando-as aos seus objectivos no jogo.

Se este praticante, consciente dos condicionalismos a ter em conta, motivado para a superação dos seus limites, ao deparar-se com condições variadas da prática, poderá ser um utilizador aberto à descoberta de novos desafios e de novas experiências.

Por exemplo, ao colocarmos um golfista a jogar num campo com a relva seca e depois fazer a mesma actividade no mesmo campo com a relva molhada, desta alteração das condições da prática emergem novas solicitações que exigem adaptações e levam a novas transformações do comportamento motor.

Assim, se este golfista dominar a gestão das variáveis implícitas, poderá gerir e adaptar de forma personalizada e não pela aplicação reprodutora de estereótipos, o seu movimento às necessidades que ele sente e aos objectivos visados, minimizando ou maximizando, por exemplo, o menor atrito que a relva molhada oferece à bola quando esta contacta com o solo. Poderíamos falar, de igual forma, da actividade antes do almoço e depois do almoço, junto ao mar, na serra, com vento, sem vento, etc.

Este tipo de vivências poderiam, inclusive, ser monitorizadas através das novas ferramentas de comunicação (Facebook, Blogues, Twitter) mantendo, assim, um contacto com o turista que o aproximasse e fidelizasse ao produto e ao destino de férias. Assim, o utente poderia requerer este tipo de serviço podendo ser acompanhado no teste e compreensão dos seus comportamentos motores ainda que não esteja presente pessoalmente.

A oferta deste tipo de serviço ficaria sempre ligada à imagem “Madeira” e a divulgação e evolução do mesmo “obrigaria” à vinda de novos turistas ou ao regresso daqueles que já experimentaram e procuram evoluir para uma nova fase de desafio dos seus limites.

Em suma, poderíamos reforçar que, para além da construção de novos campos, é fundamental otimizar a gestão dos campos existentes particularmente com o contributo, que entendemos válido, que uma nova abordagem do jogo permitirá.

## 6 Refutação da conjectura

*“O objectivo da ciência não é obtenção de enunciados absolutamente certos, irrevogavelmente verdadeiros. (...) é necessário analisar as consequências lógicas das teorias, observar o poder que estas têm, quando se trata de elucidar questões relativas ao conhecimento.” Popper (1959, como citado em Lélis, (s.d.), p. 104).*

Após termos construído uma conjectura de resposta ao problema que nos possibilita uma estrutura de análise e compreensão do produto Golfe, no âmbito da Sistemática das Actividades Desportivas, de modo a contribuir para a sua utilização como pólo de desenvolvimento regional, vamos agora testar essa conjectura, como forma de consolidação de processo de estruturação e organização do conhecimento, analisando a viabilidade de algumas situações aplicativas ao nível da Educação, Saúde e do Turismo.

### 6.1 Ao nível da Educação

Ao entendermos o Desporto pela visão de Almada (1995) como um meio de transformação do Homem, estamos também a influir no seu desenvolvimento, tornando-o capaz de compreender a realidade, concretizar os seus sonhos, participar na sociedade e contribuir com ideias e acções para a transformação da própria vida.

De forma geral estaremos também a contribuir para a Educação do indivíduo interpretada como um processo de conquistas visando a humanização e libertação do ser humano (Ahlert, 2007).

Porém, é necessário saber que transformações devem acontecer e como fazê-las acontecer. No fundo, saber como conseguir que o desporto ou, neste caso, o Golfe, seja Educação.

O Golfe, analisado a luz da Sistemática das Actividades Desportivas, pode dar um contributo válido no sentido em que possui os instrumentos e ferramentas adequados para responder a tais desafios.

Já verificamos que o Golfe como modalidade individual no âmbito da taxonomia de Almada *et al* (2008), possibilita que o golfista possa focar toda a sua atenção no movimento a realizar, desenvolvendo um conhecimento perspicaz de si e dos seus limites.

Constatamos também que, por exemplo, pequenas variações do ângulo de saída e da velocidade de saída da bola (variáveis de análise) podem significar resultados significativamente diferentes, nomeadamente na distância alcançada, na transposição de obstáculos, na colocação da bola, etc.

O desenvolvimento das capacidades de análise destas variáveis pode permitir que o indivíduo possua um melhor controlo e gestão sobre as suas acções e comportamentos, adaptando o seu modo de actuação, possibilitando a rentabilização das variáveis, dos meios e o tempo disponíveis da forma mais adequada e com o menor custo possível.

Ora, em conformidade poderíamos dizer que pequenas variações de actuação podem significar a médio - longo prazo grandes diferenças nos resultados, ou por outra, os pormenores podem, com facilidade ou não, tornarem-se em factores decisivos na construção do futuro.

Assim, pelas potencialidades que já demonstrámos o Golfe possuir, a prática desta modalidade, quando efectuada de acordo com os pressupostos já delineados, pode ajudar a desenvolver estas competências no indivíduo, tornando-o um gestor de si e das suas aptidões, imbuído de um espírito crítico, criativo, participativo socialmente e com capacidade para enfrentar os desafios impostos pela constante mudança da sociedade “obrigando” à existência de novas competências nos mais variados domínios, ou seja, que por exemplo, saiba tomar decisões e montar estratégias adequadas a cada contexto e que não se limite a reproduzir soluções pré-formatadas.

O indivíduo com formação estruturada no sentido de dominar e gerir as variáveis implícitas, os meios ao seu dispor e o tempo, nos aspectos mais variados da sua vida, será também um indivíduo, na medida do possível, rentável nas suas actividades sejam elas de âmbito desportivo, económico, social, educativo, etc.

Estamos a falar de uma formação que vai um pouco mais além do que a simples transmissão de dados e de conhecimento. Pretende-se que o formando seja ele estudante, professor, treinador, jogador de Golfe, empresário, etc., domine uma metodologia que lhe permita identificar os problemas e que seja capaz de definir e desenvolver os processos adequados que possibilitem encontrar soluções eficientes.

O Golfe como matéria de ensino nas escolas pode permitir o desenvolvimento da capacidade de gerir problemas e encontrar soluções adequadas através da rentabilização das variáveis implícitas e que já verificámos, dos meios e do tempo disponíveis, suportado no conhecimento dos seus limites, sendo também um veículo impulsionador da rentabilização dos meios de estudo e gestão da informação adaptado aos desafios a superar.

O desenvolvimento do conhecimento profundo de si próprio, proporcionado pelas modalidades individuais, e neste caso do Golfe, à luz da taxonomia de Almada *et al* (2008), que solicitam um comportamento focado predominantemente na acção, isolando-se de tudo o que o possa distrair, pode, por exemplo, ser importante para o desenvolvimento da concentração, com benefícios que podem ser rentabilizados na aquisição de novos conhecimentos, no sucesso escolar, na rentabilidade profissional, etc.

No ponto 5.2, mais especificamente no exemplo 2, abordámos os comportamentos que o Golfe permite solicitar ao indivíduo e que, uma vez que estes sejam induzidos e consolidados, podem contribuir para a formação/Educação do mesmo. Isto é, um estudante, ao consolidar os comportamentos exigidos na prática do Golfe, pode ter maiores probabilidades de rentabilizar o processo de ensino/aprendizagem.

Se considerarmos que a análise das variáveis implícitas (ângulo de saída e velocidade de saída da bola) abrange a interacção entre a força, aceleração, velocidade, massa, tempo, poderemos estar a dar um contributo para que haja uma ponte entre o Golfe e diferentes matérias de ensino, por exemplo a Física. Sendo que, o processo pedagógico poderá ser mais rentável se os alunos tiverem a possibilidade de operacionalizar os conteúdos em contexto real, neste caso concreto analisado a sua própria prestação ou a dos seus colegas. Obviamente, existem outras áreas que podem igualmente ser exploradas que exigem de igual forma a gestão e monitorização da informação e de factores que o estudante que pratica Golfe não tem controlo, e que o pode obrigar a tomar decisões em situações imprevistas existindo, ou não,

planos alternativos pensados e estruturados, como sejam as condições climatéricas, condições estas que podem impedir ou condicionar o jogo.

Este facto exige não só a preocupação em controlar essas informações para saber se é possível ir jogar ou não, como também estimula a delineação e ponderação atempada de alternativas no próprio campo (montagem de estratégias) e o desenvolvimento de competências para também conseguir analisar as situações no momento em que se colocam, para fazer frente a problemas e situações resultantes de uma dinâmica condicionada por factores que o executante não controla.

Apesar de todas as vantagens educativas identificadas, uma das limitações geralmente apontada para a prática desta modalidade é o facto de a mesma não ser acessível à maior parte da população, tendo em conta os custos que acarreta. Será no entanto esta limitação baseada em dados reais, e é passível de ser justificada ou não passará de uma ideia feita e pré-concebida que leva a um conjunto de resistências sem razão? Vamos assim, a título de exemplo, apresentar alguns dados e possibilidades, que mesmo quando hipotéticos, nos permitirão verificar a solidez da afirmação anterior. Consideremos assim, a seguinte possibilidade:

A elaboração de um projecto que integrasse o Golfe no plano curricular de Educação Física e Desporto no 3º Ciclo, previamente apresentado e explicado a toda a comunidade escolar e entidades correspondentes, para que no primeiro ano, ou ano zero, participassem as escolas que estivessem interessadas neste programa.

As Escolas a considerar no âmbito deste projecto seriam, numa primeira fase, as que estivessem melhor colocadas em termos logísticos em relação aos campos existentes na RAM, pois os custos com transporte seriam menores. Neste particular estaríamos a falar nos concelhos do Funchal, Santa Cruz, Machico e Porto Santo.

Assim, na primeira fase, os alunos do concelho do Funchal deslocar-se-iam ao campo do Palheiro Golfe, os alunos dos concelhos de Santa Cruz e Machico ao campo do Santo da Serra e os alunos do Porto Santo ao campo do Porto Santo, quando tal fosse necessário.

Tomando como base de trabalho, por exemplo, os alunos do 3º ciclo, nos concelhos supracitados, temos, segundo os dados da Plataforma para a Comunidade Educativa (PLACE 2010), um total de 6323 alunos na RAM, dispostos da seguinte forma: Concelho do Funchal 3853 alunos; Machico 919; Santa Cruz 1339 e Porto Santo 212.

Se considerarmos uma média de 23 alunos por turma, temos um total de sensivelmente 167 turmas de 3º ciclo no Funchal, 40 em Machico, 58 em Santa Cruz e 10 no Porto Santo. Neste caso implicaria um total de deslocações correspondente ao total de turmas, considerando uma turma por transporte e uma ida ao campo por turma.

Se pensarmos que o programa pode contemplar aulas no campo, mas também aulas nas escolas, considerando os horários tradicionais das disciplinas, poderíamos considerar que as deslocações ao campo realizar-se-iam em duas fases distintas de aprendizagem devidamente enquadradas pelos professores envolvidos. Assim, cada turma deslocar-se-ia ao campo duas vezes ao longo do ano e as deslocações seriam em grupos de duas turmas por transporte.

Desta forma, teríamos de considerar a articulação com os transportes para que se pudesse satisfazer durante o ano lectivo um total de 167 deslocações no concelho do Funchal, 40 no concelho de Machico, 58 no concelho de Santa Cruz e 10 deslocações no concelho do Porto Santo, tendo em conta que cada transporte suportaria duas turmas, como referimos em cima. Em todo o caso, os custos com os transportes podiam ainda ser reduzidos se levarmos em consideração a efectivação de campos de 5 buracos e a proximidade dos estabelecimentos de ensino que este facto representaria, como iremos abordar no ponto 6.3.

Porém, esta dinâmica poderia não ser exclusiva às aulas de Educação Física, mas também abranger outras disciplinas como já vimos atrás o caso da Física e acrescentamos a Informática, a Matemática que poderiam equacionar conteúdos que se encontrassem aparentemente mais relacionados com o Golfe, ou, pelo menos, onde as resistências de alunos e professores fosse, numa primeira fase menor.

No caso da Informática, podemos relembrar a aplicação das novas tecnologias, nomeadamente, com a monitorização de programas informáticos que disponibilizem informação relativa à análise das variáveis implícitas no swing que podem, inclusive, poder estar inseridos num telemóvel. No caso da Matemática, o tratamento dos dados obtidos através da observação e análise do movimento, e conclusões que se poderiam advir daí, etc.

Se levarmos em linha de conta apenas os tempos reservados para a Educação Física no 3º ciclo, temos um bloco de 90 minutos e um de 45 minutos por semana, poderíamos reservar as deslocações, quando fosse caso disso, para os blocos de 90 minutos e as aulas de 45 minutos seriam reservadas não só para desenvolver as bases teóricas dos conteúdos apreendidos no

campo, as regras da modalidade, etc., mas também para criar situações de Golfe, na própria escola, cujos comportamentos solicitados fossem facilmente identificados pelos alunos como sendo do mesmo tipo dos que são solicitados no próprio campo de Golfe. Parte dos conteúdos abordados e registados no campo, também poderiam ser analisados e tratados pelos alunos, fazendo destes, o foco do processo de aprendizagem sustentado por Bruner (1962, como citado em Gonçalves, 2003, p. 87).

Assim, nos blocos de 90 minutos metade deste tempo seria utilizado para a deslocação, podendo inclusive este tempo ser rentabilizado com a abordagem de conteúdos teóricos, esclarecimentos de dúvidas, etc., e a outra metade para a aula propriamente dita. Este facto poderia permitir que o mesmo autocarro, enquanto duas turmas tivessem aula, fosse buscar outras e, assim, sucessivamente. Porém, se possível fosse, o transporte poderia realizar-se fora do tempo de aula o que seria largamente benéfico para a rentabilização das aulas (as aulas em turnos contrários, por exemplo, podem facilitar este processo).

Para tal, torna-se fundamental que, por exemplo, as Autarquias ou outro organismo responsável articulem os transportes dos Professores de Educação Física e alunos, para os locais de ensino do Golfe exteriores às Escolas e o respectivo regresso às mesmas.

Dispondo dos números supracitados, seria possível planear as actividades a desenvolver nas Escolas e as que seriam efectuadas no campo de Golfe ou num pavilhão desportivo, numa sala de aula tradicional ou num pátio interior, num corredor, etc., quando as condições climatéricas a tal obrigassem.

Sabendo o número de alunos de cada Escola, e as localizações das infra-estruturas onde se poderiam desenvolver as actividades formativas seria, então, possível definirem-se os calendários e os horários das mesmas, tendo em conta os horários da disciplina de Educação Física, e/ou de outras disciplinas, como em cima referimos.

Uma vez conhecidas as Escolas dos devidos concelhos, e respectivos Professores de Educação Física (PEF) que, em cada Escola, seriam abrangidos pelo programa poder-se-ia, em articulação, por exemplo, com a Universidade da Madeira e as instâncias de Golfe, proporcionar formação específica aos Professores intervenientes no programa.

Nas Escolas, dever-se-iam também inventariar as condições que possuem para a prática deste jogo, quer nos seus espaços cobertos, quer ao ar livre, tradicionais ou adaptados, como já referimos.

Este projecto poderia ser suportado por bibliografia de apoio, particularmente, produzida para o efeito e com a colaboração dos próprios alunos ou, inclusive, inserido nos manuais de ensino de Educação Física e Desporto e de equipamento adequado aos recintos de ensino e às idades dos alunos salvaguardando, essencialmente, a segurança de todos os intervenientes no processo.

Para a efectivação deste projecto, não podemos ignorar que seria desejável um trabalho interactivo que englobasse a Escola, o IDRAM - IPRAM, a Universidade da Madeira, as Autarquias, os professores de Educação Física e alguns professores de outras disciplinas, os campos de Golfe e seus profissionais e demais parceiros, de forma a assegurar os trabalhos de gestão e de logística que o programa implica.

Dado que a montagem e execução deste programa exige recursos financeiros, que podem variar consoante o número de alunos, transportes, horários, etc., torna-se fundamental que todas as entidades intervenientes avaliem os custos de implementação dos programas e procurem meios de financiamento para os mesmos, podendo inclusive, parte destas despesas, serem suportadas pelos utilizadores visitantes, para que estes serviços tenham um baixo custo para a comunidade local, este tipo de interface exigiria um processo de implementação ainda mais complexo, mas exequível.

O envolvimento de vários parceiros sociais num projecto deste tipo poderia ser uma mais-valia para todas as instituições que têm como designo principal a democratização do acesso à actividade física e desporto, o aumento da qualidade de vida das populações, a promoção da Saúde e bem-estar assim como os compromissos com a melhoria da cidadania e a gestão e execução de projectos de desenvolvimento regional, como preceitua S. Lopes, (2000).

No capítulo do investimento privado, as empresas poderiam ver a sua marca associada a um projecto ligado a uma modalidade de enorme visibilidade local e internacional. Empresas dentro do ramo imobiliário, Turismo (desde agentes de Turismo a agências de viagens), instituições bancárias, etc., poderiam beneficiar com o aumento do fluxo de clientes nas suas áreas associando a sua marca, quer através de publicidade directa, quer pelo nome do

projecto poder incluir o da empresa, quer por facilidades de acesso ao campo por parte dos associados dessa empresa, etc.

Como vimos, 167 deslocações por ano, aproximadamente, mais os custos inerentes à utilização do campo (que individualmente podem rondar os 1000 euros, mas que permitem uma utilização de 365 dias por ano, o que, certamente, permitiria encontrar uma forma de associar este custo à utilização pontual de vários alunos. Pois com base nestes valores o custo de utilização por dia não chega a 3 euros [1000 euros/365 dias]) é um custo que comparado com outras actividades que são proporcionadas actualmente nas escolas, como a utilização de polidesportivos ou piscinas, não é muito elevado, isto já sem considerar o conjunto de mais-valias em termos educativos que já referimos.

Mas as mais-valias educativas que o Golfe pode proporcionar, não se têm de cingir ao aluno, as transformações que esta actividade pode proporcionar pode abarcar outro tipo de populações alvo, podemos, por exemplo, também abordar esta dialéctica Golfe – Educação na perspectiva do professor/treinador/gestor. A gestão de um treino/aula/reunião por parte de qualquer um dos agentes mencionados faz-se, em muitas situações, pelo domínio do conhecimento que estes (professor/treinador/gestor) têm e aqueles não, leia-se estudantes/golfistas/formandos, no fundo quem tem o conhecimento, tem o “poder” de controlo.

Porém, o conhecimento é hoje um instrumento à disposição de todos (Toffler, 2001), essencialmente aqueles que dominam as novas tecnologias, que podem e devem ser usadas no exemplo anterior, como vimos. Assim, qualquer indivíduo pode “consumir” este tipo de informação, em muitos casos, sem sair de casa.

O professor/treinador/gestor não pode continuar a ser um transmissor de conhecimento, mas, dinâmicas actuais do conhecimento exigem o domínio das ferramentas que lhe permitam compreender e identificar as variáveis e os processos adequados para ultrapassar as dificuldades a enfrentar e tomar as decisões ajustadas para encontrar soluções para um processo de aprendizagem mais rentável.

O grande desafio pode colocar-se ao nível da capacidade de transformação, essencialmente em como transformar e o que transformar. Se atendermos à gestão do tempo de aula/treino, por exemplo, o professor/treinador deveria ter consciência de que 10% de uma aula/treino de 90 minutos são 9 minutos, de forma isolada pode-se pensar que para pouco dão. Mas se considerarmos o facto de em cada 10 treinos/aulas uma está perdida, e em cada 100

perderam-se já 10 treinos/aulas, alerta-nos para a importância da rentabilização do tempo. No caso, como atrás referimos, uma pequena alteração no processo pode ter um resultado significativo em situações futuras.

O desporto, de forma geral, e no caso particular, o Golfe, pode ser uma ferramenta importante para a mudança na forma de lidar com o conhecimento e com a Educação. O Golfe pode ser um veículo fundamental para a efectivação desta mudança, que se alarga a outras áreas e contextos, como abordaremos de seguida.

## 6.2 Ao nível da Saúde

A Organização Mundial de Saúde define *Saúde* como “o estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença ou enfermidade.” (United Nations - World Health Organization, 1946, nº 2, p. 100).

Desta forma, este estado de completo bem-estar físico, mental e social, subentende um equilíbrio resultante das intercessões destes na construção permanente de cada indivíduo que se declara na luta pela expansão do uso das suas potencialidades e na sua capacidade de viver e que poderá ser facilitado se o “conhecimento do eu” for desenvolvido, nomeadamente, na sua relação com o seu corpo, na representação mental do seu comportamento motor, na sua capacidade de sentir, no seu imaginário, etc.

É na conquista e gestão deste equilíbrio que encontramos nas actividades desportivas, exemplos do desportista saudável, isto é, bem preparado não só em termos físicos, mas também mentalmente e socialmente. Por exemplo, um golfista pode estar bem preparado “fisicamente” (resistência muscular, resistência aeróbia, etc.) para disputar um torneio, mas se não estiver preparado mentalmente para quatro dias de jogo, poderá ver reflectido no seu comportamento motor a sua “instabilidade mental”. Esta “instabilidade”, que pode ser provocada por inúmeras razões, as quais não nos vamos debruçar por não ser esse o âmbito da investigação, poderá provocar alterações mínimas no movimento a realizar (arco do swing, ponto de aplicação da força, direcção e velocidade, etc.) e que se forem compreendidas e geridas poderão ser minimizados os resultados negativos.

No âmbito da taxonomia de Almada *et al* (2008), aferimos já que o Golfe como modalidade individual, permite que o golfista possa focar a sua atenção no movimento a realizar, desenvolvendo um conhecimento mais profundo de si e dos seus limites, podendo contribuir para formar o indivíduo no sentido de compreender, reconhecer e gerir estes estados através do controlo das variáveis implícitas na modalidade Golfe, e para obter um melhor controlo e gestão sobre as suas acções e comportamentos. Ora, este indivíduo com a capacidade de reconhecer e gerir estes condicionalismos poderá ser também um indivíduo que gere o equilíbrio resultante dos estados mental, físico e social, subjacentes à definição de Saúde da World Health Organization.

Verificamos também que resultados significativamente diferentes, na transposição de obstáculos, na colocação da bola, na distância alcançada etc., podem ser obtidos por pequenas variações do ângulo de saída e da velocidade de saída da bola (variáveis de análise). Assim, ao adaptar o seu modo de actuação, rentabilizando as variáveis a considerar, os meios e o tempo da forma mais adequada, o indivíduo estará também a rentabilizar o seu comportamento adaptando-o a situações novas e muitas vezes resultantes de uma dinâmica condicionada por factores que o desportista não controla, como sejam, as condições climatéricas e sua imprevisibilidade, a presença de alguém com estatuto superior como parceiro de jogo, um mau resultado no buraco anterior, um bom resultado no buraco anterior, etc.

Este facto pode propiciar a estimulação da delineação e ponderação prévia de estratégias e alternativas, isto é, a montagem de estratégias para fazer frente a problemas resultantes das suas acções e situações imprevistas que o sujeito não consegue controlar, adaptando-se às novas condições do meio.

No fundo, indo de encontro às aspirações do Plano de Saúde da Secretaria Regional do Assuntos Sociais (SRAS, 2003), relativamente à promoção da Saúde, no sentido em que para atingir um estado de completo bem-estar físico, mental e social, o indivíduo ou o grupo devem estar aptos a identificar e realizar as suas aspirações, a satisfazer as suas necessidades e a modificar ou adaptar-se ao meio. Assim, a Saúde é entendida como um recurso para a vida e não como uma finalidade de vida.

Em consonância, poderíamos dizer que as capacidades de reconhecer e analisar pequenas variações de actuação e do meio podem significar a médio - longo prazo grandes resultados.

De igual forma, o indivíduo que desenvolva estas aptidões poderá ter uma melhor percepção do seu movimento, uma boa imagem corporal, desenvolver a capacidade de sentir pequenas alterações no seu comportamento e realizar pequenos ajustes de pormenor, aumentar a sua capacidade de trabalho com vista ao aperfeiçoamento, compreender os equilíbrios possíveis para atingir um objectivo, desenvolver o auto controlo e o perfeccionismo, etc. No fundo, desenvolver um conjunto de competências que permitam estar melhor preparado para enfrentar as novas dinâmicas que o futuro lhe reserva.

Se encararmos esta dinâmica numa perspectiva de Saúde, veremos que a Educação para o indivíduo atento à problemática da prevenção é apontada não raras vezes como o principal desafio para o combate às mais diversas enfermidades nesta área (Carrageta 2008).

Se o Golfe, como já demonstrámos sucintamente, pode ser uma ferramenta que ajude a estimular esta capacidade, então, poderá estar também a dar um contributo, não só para fomentar a prevenção da doença, como também para reconhecer, identificar e gerir indicadores fornecidos pelo seu corpo, fazendo com que o indivíduo aumente a sua capacidade de reagir às “agressões” que sofre do meio mas também do seu próprio organismo quando se relaciona com este e tem necessidade de se adaptar aos estímulos.

Por outro lado, é também já reconhecido que as actividades desportivas produzem um efeito positivo no combate a várias patologias, nomeadamente nas cardiovasculares (Lucas, 2002), e possuem um enorme valor na promoção da Saúde e na prevenção da doença (Carrageta, 2008).

Oportunamente fizemos referência ao facto de as doenças cardiovasculares continuarem a ser a principal causa de morte na Região Autónoma da Madeira, onde a média de internamentos é superior aos 400 casos por ano. Demos conta, igualmente, da importância da prevenção no combate à taxa de mortalidade e de incapacidade das pessoas que sofrem acidentes cardiovasculares (Gouveia, 2004).

A Fundação Portuguesa de Cardiologia encontra no Golfe uma modalidade de esforço moderado que, estrategicamente, pode compensar os inconvenientes da vida sedentária e inclusive de recuperações de pós-operatório de cirurgia cardíaca (Carrageta, 2008). É, efectivamente, uma modalidade que ao proporcionar caminhadas entre os 6 a 8 mil metros em planos variados desenvolve a resistência cardiovascular (Pitaki, 2010).

Apesar de todos estes benefícios reconhecidos no Golfe por vários autores, é comum, porém, atribuírem-se limitações à prática do Golfe que se prendem, essencialmente, com custos financeiros elevados. No entanto, e perspectivando um exercício de gestão em que se tem de equacionar os custos e os benefícios de usarmos o Golfe como um instrumento de promoção da Saúde, analisemos o seguinte exemplo:

De acordo com Eva Pereira, em entrevista cedida a Gouveia (2004), um internamento de uma semana devido a um enfarte, tem um custo superior aos dez mil euros. Embora tenhamos consciência que existem internamentos menos onerosos, foi-nos particularmente difícil estabelecer um valor médio diário para um internamento, pois a magnitude das variáveis, desde o tipo de quarto à especialidade médica, ao tempo e ao tipo de internamento, taxas de serviços, taxas de usos de equipamentos, etc., tornaria a tarefa complexa e morosa e obrigaria ao distanciamento do âmbito da investigação. Assim, sem conseguirmos precisar o valor médio diário de um internamento hospitalar em casos gerais, fica a convicção que nos casos de internamento hospitalar por enfarte o preço diário médio ascende os mil euros.

Contudo, ainda há a considerar que o impacto da ocorrência de um enfarte atinge para além da dimensão humana e económica uma dimensão social com encargos, inclusive, ao nível da Segurança Social (Gouveia, 2004).

A ponderação destes encargos nas várias dimensões abordadas poderá ser equacionada com os custos da prática de uma actividade desportiva, neste caso do Golfe, no sentido de confrontarmos os custos e benefícios da prática desta modalidade, que é geralmente rotulada de “cara” (com os benefícios para a Saúde já demonstrados) com os valores de um internamento por enfarte.

Se considerarmos um valor médio estimado para praticar Golfe na RAM, de forma livre, por exemplo, no Clube de Golf do Santo da Serra, estaremos a falar em custos que rondarão os € 1.010.00 (quota anual 2011), com mais € 200 de equipamento (valor para um set de Golfe e uns sapatos, com a durabilidade de muitos anos), para poder jogar os 365 dias do ano, se for caso disso.

Ao analisarmos, e não tendo em conta o valor do equipamento mínimo para jogar, pois este valor terá de ser diluído pelo seu tempo de utilização que tem uma durabilidade longa, verificamos que o valor mensal ronda os € 84.00. Se tomarmos o Porto Santo Golf como

exemplo, os custos diminuem substancialmente, para € 400.00 (quota anual 2011), perfazendo uma média mensal de € 33.30.

Sabemos, no entanto, que existem outros custos que se prendem com o combustível, com o tempo de deslocação, e outros que podem fazer elevar o preço médio que estimamos, fazendo com que, numa primeira análise, os custos financeiros aliados à prática do Golfe pareçam ser elevados.

Porém, se aplicarmos a mesma lógica de raciocínio à prática de outro tipo de actividades podemos constatar o seguinte: se um indivíduo nadar todos os dias 1 hora numa piscina pública paga em média € 2.30, (Portaria n.º 123/2006 de 10 de Outubro), o que perfaz um gasto mensal de € 69,00, muito acima do preço praticado por um campo municipal como é o do Porto Santo (€ 33.00). Se compararmos com o campo do Santo da Serra, o valor mensal praticado na piscina pública está um pouco abaixo, mas se tivermos em linha de conta que o campo do Santo da Serra é um campo privado, (embora enquadrado numa perspectiva do apoio ao associativismo), teríamos de enquadrá-lo numa óptica privada, como sejam alguns ginásios.

Neste caso podemos referir que o preço médio mensal de um ginásio, com frequência diária pode atingir sensivelmente os € 75,00. Dependendo dos serviços associados, ainda pode ter um custo financeiro mais elevado. A oferta de serviços prestada em cada um dos exemplos é notoriamente diferente e difere igualmente da oferta prestada pelo Golfe. Estamos conscientes dos benefícios destas actividades na promoção e manutenção da Saúde. Fundamentalmente, o nosso propósito não foi qualificar uma actividade melhor que outra, mas sim procurar enquadrar financeiramente os custos de praticar Golfe com os custos de praticar outro tipo de actividade e evidenciar que as assimetrias existentes não são assim tão díspares, podendo mesmo, em alguns casos, o Golfe ser uma actividade mais económica.

Porém, associado às mais-valias descritas, reconhecemos no Golfe um capital que pode ser aprofundado e explorado no sentido de se extrair mais benefícios do que aqueles que actualmente existem.

Assim, e identificando no Golfe a capacidade de solicitar comportamentos que ao serem induzidos podem levar a que o indivíduo seja capaz de desenvolver a sensibilidade de reconhecer, gerir e analisar pequenas alterações e indicadores que lhe permitam considerar uma metodologia centrada na reflexão e atenção, não só na acção como um acontecimento

isolado, mas também, nas influências que vão sofrer e exercer. Como tal, poderemos também considerar que este indivíduo é, por consequência, um ser consciente de que os actos do presente têm reflexos, muitas vezes multiplicados, em situações futuras.

Por exemplo, um golfista com o domínio e gestão das variáveis consideradas pode ser capaz de alterar a sua forma de actuação, baseando-se na análise dos indicadores que reconhece, quer sejam intrínsecos (lesão, dor, fadiga, pressão psicológica, etc.) ou extrínsecos (condições climatéricas, obstáculos inesperados, acontecimentos imprevistos, etc.). Adoptemos como exemplo um golfista que devido a uma lesão antiga tem uma limitação articular ao nível da região lombar e não consegue executar a torção do tronco para realizar o swing completo. Este golfista pode continuar a jogar, sabendo que a performance pode não ser a desejável, mas estes condicionalismos poderão ser adaptados às suas limitações através da gestão das variáveis. O seu swing nunca será igual, por exemplo, ao do Tiger Woods, nem o treino pode ser feito em função de um “modelo” do movimento do swing que não está adaptado a um indivíduo com este tipo de condicionamentos, mas a compreensão das variáveis em jogo neste movimento permite-nos personalizar a situação, rendibilizando as variáveis em que é possível intervir nesta situação concreta.

Para isso, poderia, por exemplo, compensar a diminuição do arco de swing, isto é, do tempo de aceleração e do espaço com o aumento da velocidade ou da força para que conseguisse continuar a jogar sem perder totalmente a rentabilidade do seu jogo, ou seja, o mais importante é conseguir adaptar-se aos constrangimentos e tirar o máximo de rentabilidade possível em cada situação e contexto.

Se considerarmos como exemplo a alteração das condições do meio, como seja, a eventual mudança da intensidade do vento contra, esta situação pode provocar uma maior resistência ao voo da bola e, por consequência, diminuir a distância da mesma. Todavia, se o golfista aumentar a velocidade de saída da bola, poderá atingir a mesma distância que atingiria sem vento contra. Para tal, poderá ter de aumentar a aceleração sabendo que o aumento desta pode levar à perda da precisão no impacto, e/ou o tempo. Para aumentar o tempo pode aumentar o espaço, aumentando o arco de swing ou a velocidade. Para aumentar a força pode aumentar a massa e/ou os segmentos envolvidos aproveitando melhor a direcção das forças exercidas.

O desenvolvimento da capacidade de identificação, análise e gestão destas variáveis pode despertar um Homem de espírito crítico, aberto à mudança e ao mundo que o rodeia mas, essencialmente, um Homem capaz de enfrentar os desafios impostos por novas dinâmicas sociais, desportivas, culturais, turísticas e, de forma particular, um Homem consciente para o valor e as consequências das suas acções na Saúde, encarada de um ponto de vista holístico e não só na perspectiva de alguns factores mais fisiológicos.

### **6.3 Ao nível do Turismo**

No ponto 2.6 verificamos que o Golfe, um pouco por todo o mundo, e sem excepção em Portugal, é encarado como uma actividade com um forte cariz económico e turístico. Neste trabalho, procurámos demonstrar que existem capitais que podem ser explorados no Golfe como um produto de desporto, que pode ser rentabilizado como um pólo de desenvolvimento da RAM, particularmente no Turismo.

Demos conta, igualmente, que o desenvolvimento sustentável do Turismo é também, geralmente, associado à construção de novos campos de Golfe (PDES 2006), de 18 ou mais buracos, no sentido de reforçar a atractividade do destino para os segmentos de mercado Golfe. No fundo, procura-se ir de encontro a uma variabilidade da prática do Golfe, à procura de novas experiências e sensações ligadas ao Golfe e à oferta de serviços proporcionada por esta modalidade ao turista. No entanto, no nosso entender, e para rentabilizar o produto Golfe que apresentamos explorando o capital Turismo, embora seja importante, não será estritamente necessária a construção de campos com 18 buracos.

A construção de campos de menor dimensão, por exemplo de 5 buracos, pode revelar-se uma hipótese económica viável, relativamente aos custos totais, entendendo que a construção deste tipo de campo obedeceria, em termos gerais, aos princípios de construção de um campo com 18 buracos mas não só. Se considerarmos o Golfe no âmbito deste estudo, já demonstrámos de forma breve que esta modalidade possui valências consideráveis no Turismo que podem ser rentabilizadas. Ainda que o campo de 5 buracos, numa conjectura menos favorável, pudesse ter um custo por buraco superior ao de dezoito buracos, um campo

de 5 buracos pode potenciar novos capitais associados ao Turismo que podem ser promovidos e podem atenuar improváveis assimetrias económicas. Estamos cientes que, quer num campo de 18 buracos, quer num de 5 buracos, existem custos que são fixos e que podem inclusive ser de uma grandeza económica equivalente quer num campo quer noutra (por exemplo o transporte de máquinas, o número de condutores por máquina, etc.).

A efectivação deste tipo de campo, por ser de menor dimensão, podia mais facilmente ser integrado no tecido urbano, e em termos orográficos, aproximando-se das unidades hoteleiras (que na RAM estão na sua grande maioria situadas no Funchal, mas poderia ser associado ao Turismo rural nomeadamente ao Turismo de quintas). Esta proximidade poderia permitir um acesso mais facilitado aos hotéis no sentido em que os turistas poderiam usufruir dos capitais que já evidenciámos que o Golfe possui sem terem de fazer deslocações demoradas, com todos os inconvenientes inerentes, inclusive, a mudança súbita das condições climáticas. Para alguns turistas poderia revelar-se motivante visitar vários campos deste tipo, colocando-o perante desafios novos e com serviços inovadores e podendo motivar a voltar para superar novas barreiras que até então não tinha consciência. No fundo estaríamos a criar uma necessidade no turista para a qual ele pode ainda não estar consciente.

Analisemos de forma mais concreta: ao considerarmos como valor de referência 7.5 milhões de euros (custo teórico médio de um campo – CNIG, 2010) para a construção de um campo de 18 buracos, sendo que a RAM comporta especificidades orográficas que podem, eventualmente, fazer subir este valor, e tendo em conta que os custos de manutenção de um campo de Golfe podem variar entre os € 25.000,00 e os € 55.000,00 mensais dependendo do tipo de campo, privado ou comercial, um campo de 5 buracos teria um custo médio, em termos teóricos, e salvaguardando especificidades na área económica, nas quais, o âmbito do estudo não se enquadra, de sensivelmente um terço do valor estimado pelo CNIG (2010) e a sua manutenção poderia enquadrar-se na mesma relação de valores, sabendo, no entanto, que existem custos que são fixos e que podem, inclusive, ser de uma grandeza económica equivalente, quer num campo quer noutra, como já referenciámos, embora neste âmbito pudessem ser equacionadas valências e serviços que fossem articulados e rentabilizados em conjunto por vários campos de 5 buracos. A diversidade ambicionada pelos turistas que procuram um destino ligado ao Golfe, normalmente associada ao número de campos existentes, poderia também ser conseguida através deste tipo de oferta se na concepção dos campos de 5 buracos existisse uma preocupação de, através das variáveis equacionadas na sua construção,

proporcionar uma diversidade de experiências e vivências que satisfizesse esta exigência. Isto claro está, para além das situações que são passíveis de ser criadas e desenvolvidas por um produtor de desporto que compreenda o Golfe de uma forma funcional e não se limite a reproduzir “receitas”. Como anteriormente mostrámos no ponto 2.6, a diversidade de experiências que um campo de Golfe pode proporcionar não está única e exclusivamente mente associada ao número de buracos existentes, mas sim aos problemas que estes podem colocar ao golfista e aos comportamentos que lhe vão solicitar.

Neste sentido, estamos conscientes que os custos associados à manutenção de um campo de Golfe são de uma magnitude variável. A frequência dos jogadores e as condições de solos e climatéricas, determinam os custos globais da operação, assim como a função pessoal, - “*green-keeper*” mais operadores (S. Fernandes, 2007).

Assim, se apontarmos para 2.5 milhões de euros como um valor médio de referência para a construção de um campo de 5 buracos (tendo em conta as premissas supracitadas) e considerando o recorrer à banca para o financiamento deste valor num prazo de 120 meses, estaremos a falar de valores de prestação mensal que podem rondar sensivelmente os € 29.000 (taxas incluídas, valores de referência a Abril 2011).

Se a esta prestação mensal adicionarmos um valor médio de € 13.000 para a manutenção (valores estimativos, tendo em conta o valor médio apresentado por S. Fernandes, 2007) estando inserido todas as despesas inerentes ao funcionamento de uma estrutura deste tipo, (desde a manutenção da relva, às bombas hidropressoras e tratamento da água, *green-keepers* etc.), de forma geral estaremos a falar de encargos médios mensais na ordem dos € 42.000.

Se, atribuirmos um valor médio de € 25,00 por “*green-fee*”, sensivelmente um terço do preço médio praticado em Portugal (CNIG, 2010), (podendo estabelecer-se, por exemplo, um horário nobre que chegaria aos €35.00, um económico aos €15.00 e um período normal de €25.00), verificamos que é preciso vender anualmente cerca de 20.160 “*green-fees*” para pagar a manutenção, incluindo a amortização do empréstimo, deste campo de Golfe, ou seja uma venda diária de 55 “*green-fees*”.

A localização estratégica destes campos facilitaria o acesso das escolas aos mesmos em horário apropriado, para que outros segmentos de mercado não fossem afectados,

nomeadamente, com o “barulho” eventualmente causado pelas crianças/jovens, etc., situações que um segmento etário superior geralmente não aceita numa estrutura de Golfe.

Assim, haveria um espaço temporal (períodos de menor utilização e mais económicos) que poderiam ser ocupados pelas escolas e demais instituições, e períodos dedicados ao segmento turístico e economicamente mais forte (período nobre). A prestação de serviços seguiria a mesma ordem de valores tendo em conta os períodos (horário nobre ou económico) em que fossem prestados.

Esta situação, para além da promoção da sustentabilidade da instalação desportiva, complementaria os preços mais económicos praticados aos estudantes e habitantes locais. Desta forma, os habitantes locais poderiam suportar 40% dos custos, para tal seriam precisas vendas médias de 22 “*green-fees*” diários, a € 25.00, ou poderíamos ainda baixar o preço para € 10.00 sendo necessários 56 “*green fees*”. Os serviços complementares destinados ao Turismo suportariam os 60% dos custos de uma estrutura deste tipo. Como tal, a par do desenvolvimento turístico, estaríamos também a tornar mais económica a utilização para os golfistas locais.

Sendo que neste exemplo, não equacionámos a possibilidade da existência de sócios individuais e de sócios institucionais (nomeadamente escolas, clubes, empresas públicas e privadas) o que poderia fazer baixar substancialmente os encargos para os locais. Ao não o equacionarmos, não quer dizer que não seja uma vertente a desenvolver, antes pelo contrário, pensamos que possivelmente até será uma das mais promissoras e viáveis, só não o fizemos pois quisemos apresentar um exercício de viabilidade que não fosse considerado demasiado optimista.

Este tipo de estrutura, ao proporcionar novos serviços de qualidade, seja pela responsabilidade da própria organização ou seja por *out sourcing*, (podendo a mesma empresa rentabilizar os seus préstimos em vários campos facilitando inclusivamente a acumulação de vários serviços, por exemplo, Golfe e praia) estaria a proporcionar ao golfista um serviço que, por exemplo, lhe permitira saber durante o seu swing, o espaço percorrido pelo taco, a velocidade inicial e a força, e posteriormente a relação dinâmica existente entre estas variáveis considerando a aceleração, a massa e o tempo de aceleração.

Este tipo de prestação de serviços, quando orientados para a identificação do Golfe como uma modalidade que pode proporcionar um conhecimento profundo de si e dos outros e das suas capacidades e limites, assim como, uma melhor relação com o seu corpo, um melhor controlo

sobre as variáveis e indicadores solicitados nos comportamentos exigidos na execução do swing, e que esse controlo das variáveis e indicadores poderão ter reflexo no seu jogo (mas não só, também na sua Educação e Saúde, como já referenciámos), nomeadamente, na velocidade de saída e no ângulo de saída da bola, influenciando a distância e a direcção da bola, podem estar a contribuir para a construção e desenvolvimento de um Homem mais consciente, crítico e auto crítico socialmente, fisiologicamente, psicologicamente, etc.

Para além desta informação, poderia ser proporcionada ao utilizador a gestão apropriada destes dados, para que o desportista pudesse ir de encontro aos seus objectivos e necessidades da maneira mais rentável possível e para que este individuo esteja mais preparado na utilização de novas ferramentas para a resolução de situações.

Este tipo de serviço, devidamente enquadrado com os especialistas desta área e apoiado pela articulação entre a Sistemática das Actividades Desportivas, Métodos de Treino, Gestão do Desporto, com um Processo Pedagógico coerente com os objectivos pretendidos, no sentido de operacionalizar e desenvolver os instrumentos que possibilitem a realização do serviço supra citado, poderiam ter um custo acrescido em função do que fosse contratualizado com cada golfista.

Em consequência, poder-se-ia estabelecer um acompanhamento e análise através das novas tecnologias utilizando novos canais de comunicação e fidelização do turista ao serviço prestado neste destino, podendo facilitar o retorno destes à RAM.

A título de exemplo se considerarmos um custo médio de € 100 por este tipo de serviço, valor mínimo do gasto diário de um *Golf traveler* (Farinha, 2008), para fazer frente a 60% das despesas mensais apontadas, necessitávamos de 252 prestações em média por mês, uma média diária de 8 prestações.

No ano de 2009, segundo os dados Secretaria Regional do Plano e Finanças, Direcção Regional de Estatística, 911 345 hóspedes deram entrada nas unidades hoteleiras da RAM, e segundo o estudo do gasto turístico na RAM (2009) sabemos que 1% dos mercados emissores, Alemanha, França, Holanda, Reino Unido e Outros Países da Europa apresentam como motivação o Golfe na sua vinda à Madeira.

Se considerarmos os 911 345, verificamos que 0.5% dos hóspedes entrados, apresentam como motivação para a deslocação à Região, o Golfe, perfazendo um total de sensivelmente,

5 mil turistas por ano motivados para o Golfe, numa média mensal aproximada de 400 turistas, sem contabilizar os turistas que entram na RAM através de navios cruzeiros. Se 63 % destes 400 requererem o serviço apresentado, a estrutura pode cobrir os 60 % dos custos totais, incluindo a manutenção do campo e a amortização do empréstimo.

Estas estruturas ou *outsourcings*, através dos serviços que proporcionam podem evidenciar uma valência educativa/formativa emergindo um novo segmento de mercado do Golfe podendo, inclusive, a RAM ficar conhecida como um destino turístico de Golfe que oferece este tipo de serviço e podendo emergir desta dinâmica uma nova ferramenta de “combate” aos períodos mais problemáticos de adesão turística, fazendo frente à sazonalidade.

Em síntese, a efectivação deste tipo de campo, por se situar mais próximo dos centros urbanos e oferecer um serviço personalizado poderia:

- Facilitar o surgimento de novos praticantes e, mesmo os golfistas profissionais, poderão utilizar este tipo de campo para treinar e explorar o manancial que já demonstrámos que esta modalidade proporciona;
- Aumentar as áreas verdes da RAM;
- “Aproximar” o Golfe dos estabelecimentos de ensino, permitindo um acesso mais facilitado das escolas, havendo maior facilidade em integrar o Golfe como actividade curricular ou no desporto escolar;
- “Aproximar-se” da Universidade da Madeira estabelecendo-se pólos de investigação;
- “Aproximar-se” dos centros de Saúde podendo-se potenciar o Golfe como uma modalidade de esforço moderado que estrategicamente pode compensar os inconvenientes da vida sedentária e, inclusive, de recuperações de pós-operatório de cirurgia cardíaca;
- Evidenciar um espaço aberto de lazer para as populações podendo-se inclusive acumular um percurso pedonal e uma ciclovia e espaços de jardinagem, por exemplo.

Para além disso, o Golfe é uma modalidade que toda a gente, numa larga faixa etária e que tenha um mínimo de condições físicas e económicas, pode praticar. A questão está em saber quais são essas condições mínimas e equilibrar os custos de utilização ao nível de vida da população. Não podemos esquecer que uma actividade para ser bem aceite e ter algum poder tem de envolver a população em geral (Santos, 2006).

Neste sentido, é lógico e coerente que se estabeleçam a criação de bolsas, contratos programas com as várias entidades público privadas, para que uma modalidade com tais capitais possa chegar às pessoas com maiores necessidades económicas, nomeadamente estimulando os já referenciados sócios institucionais.

Se entendermos o Golfe, como uma ferramenta de desenvolvimento, ele será muito mais que um serviço ao dispor do Turismo, estará também ao serviço da população, como preceitua Santos (2006).

Para tal, é necessário segmentar este produto para que o mesmo vá ao encontro das necessidades de vários nichos populacionais, tirando proveito dos capitais evidenciados pelo Golfe e das excelentes condições climatéricas que a RAM dispõe para actividades praticadas ao ar livre.

Todavia, facilitar em excesso o acesso das populações ao Golfe pode levar a um crescimento desmesurado prejudicando, assim, o desenvolvimento harmonioso da modalidade, isto é, terá de existir uma gestão de um espaço de equilíbrios dentro das condições existentes e os objectivos visados, visto que o desenvolvimento e o crescimento são dois conceitos complementares que através dos tempos e nos diferentes estados de evolução cada um deles ganha um peso especial, na organização, como preconizam Almada *et al* (2008).

Ficam assim enunciados apenas alguns exemplos das potencialidades do Golfe como pólo de desenvolvimento da RAM, particularmente na Saúde, Turismo e Educação.

Naturalmente que um estudo mais minucioso destas questões iriam ditar as estratégias de implementação, divulgação e desenvolvimento de um projecto deste tipo. Situações de ordem política e social teriam de ser equacionadas e devidamente enquadradas com respectivos parceiros públicos e privados e complementados pelos devidos estudos de viabilidade económica de uma estrutura deste tipo. O nosso propósito foi somente de evidenciar numa nova perspectiva a implementação do Golfe como pólo de desenvolvimento da RAM, ou seja, mostrar de uma forma simplificada a viabilidade da conjectura apresentada. Sendo que, tal não significa que o Golfe seja uma panaceia para os problemas da Região, mas sim que pelas potencialidades que apresenta, nomeadamente os comportamentos que solicita e os imaginários que desperta, se pode constituir como um atractor de desenvolvimento numa região com as características da RAM.

## 7 Considerações Finais

O desporto é um sector dinâmico e de rápido crescimento cujo impacto nas várias áreas de acção poderá estar a ser, em alguns casos, subestimado, e que pode contribuir em matéria de crescimento e desenvolvimento regional, no âmbito social, económico, da Educação e da Saúde. Para além disso, o desporto e em particular o Golfe, tem sinergias com o Turismo e pode estimular a emergência de novos instrumentos do conhecimento que permitam a viabilidade da sustentabilidade não só do desenvolvimento regional como das estruturas de suporte àquela modalidade desportiva.

Revestido de um grande peso económico nas sociedades contemporâneas, o desporto assume-se como um dos principais mercados a nível mundial, facilmente comprovado pelo impacto económico das grandes manifestações desportivas e pelos custos da falta de actividade física, especialmente para a população menos jovem.

A transformação vivida pelos mercados de desporto e todos os meios disponíveis e a exigência de toda a complexa estrutura económica que o suporta, tornam fundamental o exercício de uma orientação e controlo, suportado pela capacidade de canalizar e dirigir os acontecimentos de forma eficiente e rentável, através de uma gestão que utiliza o conhecimento existente para fazer um diagnóstico, uma prescrição e um controle dos diferentes fenómenos e processos, sejam eles ao nível da micro ou da macro gestão, para que se tomem as decisões mais adequadas e personalizadas que sejam possíveis.

É nesta ordem de ideias que compreendemos que é preciso mais do simplesmente lucrar ou crescer. É necessário implementar uma perspectiva de desenvolvimento e rendimento, onde se estabelece uma relação entre o capital utilizado (por exemplo, ferramentas, instrumentos e metodologias na linha do que é preconizado por Almada *et al*, 2008) e o ganho extraído, (desenvolvimento de Educação, Saúde, Turismo) adaptado ao contexto onde se insere.

Neste particular, o desporto de forma geral, não passa à margem de nenhuma sociedade. Para além de, grosso modo, poder melhorar a Saúde dos cidadãos, o que não impede que em alguns casos se possa agravar, seja por má prática directa, seja por contribuir para estados depressivos daqueles que não conseguem atingir os objectivos almejados, etc., (muitas vezes “impostos” por modas e tendências a que os profissionais de desporto de forma mais ou menos consciente têm aderido e mesmo patrocinado) o desporto tem uma dimensão educativa e

desempenha uma função social, cultural e recreativa. Ele está presente no decorrer da nossa vida, como crianças, adolescentes, adultos e mais recentemente na terceira idade das formas mais diversas.

Assim, num contexto de rupturas, como demos conta ao longo do estudo, emerge como fundamental a criação de um quadro de referência que dê suporte aos processos de implementação de novos produtos do conhecimento, de modo a que se possam escolher as estratégias de implementação mais rentáveis, numa lógica de custo-benefício, onde se procurem os equilíbrios mais favoráveis em cada situação visando os objectivos a alcançar (H. Lopes, 2005).

Esta estruturação e organização do conhecimento permitirá realizar a rotura, em muitos casos, quer com conceitos empíricos, quer com a reprodução descontextualizada de estratégias de gestão utilizadas.

Não podemos continuar, em alguns casos, a ignorar as enormes potencialidades que o desporto de forma geral, e o Golfe no caso deste trabalho, proporcionam. É necessário, através dos instrumentos e ferramentas apropriadas, encontrarmos soluções que nos permitam dar passos seguros na macro gestão das estruturas de suporte do Golfe, para que possamos contribuir para uma nova estruturação do conhecimento nesta modalidade que permita rentabilizar os processos, para que seja viável uma inclusão consciente e controlada do Golfe no âmbito das estratégias de desenvolvimento regional ao nível da Educação, Saúde e Turismo.

O Golfe possui valências que podem potenciar a Educação no sentido em que é uma modalidade, como já situámos sucintamente, que pode estimular a concentração, por exemplo. Mas também estimula a análise de variáveis, a montagem de estratégias, a ética desportiva e social, a Educação cívica com os outros e com o ambiente. No fundo, o Golfe promove valores que podem ser encarados, de forma geral, como benéficos na construção do “eu”.

Este Homem consciente e auto-critico é também um Homem atento à problemática da Saúde, facto que também referenciámos que o Golfe pode ter um papel fundamental, não só em termos fisiológicos, que também são fulcrais, mas também na gestão de um espaço de equilíbrios composto pelo bem-estar físico, mental e social. No Golfe o indivíduo pode encontrar este espaço de gestão destes equilíbrios, no sentido que os comportamentos solicitados pelo Golfe, uma vez consolidados, podem promover a análise de variáveis e

---

indicadores de pormenor que se enquadram muitas vezes na esfera mental e social para além da fisiológica e física.

Esta é uma modalidade com um forte cariz turístico. Porém, quando devidamente enquadrada, pode chegar a todas as faixas etárias e sociais. Como tal, o aparecimento de campos, em que a sua utilização represente menores custos para os habitantes locais pode ser uma das soluções viáveis. Mas, para tal, é necessário juntar à forte componente turística que o Golfe possui já e potenciá-la, por exemplo, através de campos de menor dimensão que possam, mais facilmente, ser enquadrados no tecido urbano, para que a modalidade se aproxime das pessoas sem perder os valores turísticos que detém.

Campos que possam oferecer algo diferente, algo que possa motivar a vinda contínua de praticantes, que estimule e promova a procura da excelência, a superação de desafios, algo que geralmente é procurado por quem se desloca a um campo de Golfe, mas que muitas vezes pode não estar a ser devidamente rentabilizado. Algo que desejamos poder ser adquirido com este nosso modesto contributo.

Desta forma, se considerarmos a articulação entre o desenvolvimento regional e o contributo que uma nova estruturação do conhecimento do produto Golfe, e conseqüentemente, a utilização de novos instrumentos, processos e metodologias, é compreensível que, para além da coordenação por parte de quem seja especialista do desporto, seja desejável que também se constituam mais-valias, através da colaboração de especialistas de outras esferas do conhecimento, nomeadamente de áreas como a Informática, o Marketing, a Biomecânica, a Psicologia, a Gestão, etc.

Assim, poderemos verdadeiramente encarar o Golfe como um pólo de desenvolvimento na RAM, no aspecto em que este promove capitais como a Educação, a Saúde o Turismo, capitais fundamentais no desenvolvimento de uma localidade, região ou país.

Para isso, é necessário que existam alterações significativas na forma de actuação dos gestores de desporto, embora tenhamos consciência que não é um processo fácil, como nos diz H. Lopes (2005) e que mesmo aqueles que sentem a necessidade de mudança, que querem acreditar e modificar a sua prática, tem dificuldades em fazê-lo.

Os gestores desportivos, na qualidade de produtores de desporto, deverão ser um elo fundamental da mudança do quadro de referência que se exige em função do actual estado do

conhecimento e das exigências crescentes duma sociedade com as características daquela em que vivemos.

Pois, é através do debate e da compreensão deste produto e utilização de instrumentos e ferramentas apropriados que podemos, de forma eficiente, descobrir o valor desta área do conhecimento e os mercados que serve e, conseqüentemente, intervir de forma mais rentável.

Sabemos que assumimos alguns riscos ao fazer este tipo de estudo, pois era bem mais tentador fazer um trabalho com o mesmo título e tudo, fugindo à análise e compreensão do próprio Golfe. Bastava reproduzir algumas “frases feitas”, em referências bibliográficas, sobre as potencialidades do Golfe e partir para um trabalho de campo onde recolheríamos uma série de dados (de preferência com uma amostra significativa) que trataríamos com todos os cuidados estatísticos e, posteriormente, apresentaríamos os resultados nos mais variados fóruns. Um tipo de trabalho que diga-se, em abono da verdade, certamente seria mais bem feito por algum colega de outra área científica pois, no nosso caso, teríamos fugido da área em que pretendemos vir a ser especialistas (o desporto).

Contudo, a nossa opção foi por tentar dar um pequeno contributo para que o Golfe possa ser efectivamente compreendido e, conseqüentemente, melhor rentabilizado enquanto pólo de desenvolvimento, pois acreditamos que, *“existindo um conhecimento estruturante, é possível integrar o conhecimento pertinente de qualquer área científica que permita aumentar a precisão com que se trabalhe, seja ao nível da micro ou da macro gestão do desporto.”* (H. Lopes, p.123). Até porque não encaramos esta nossa etapa de formação académica como um simples procedimento para progredir na carreira (no nosso caso o mestrado não tem influência directa), mas sim como um processo de transformação pessoal (um processo de treino), ora, tal como no desporto, treinar é alargar os limites e para alargar os limites temos de ter estímulos suficientemente fortes para provocar as adaptações que são necessárias. Deste modo, não podíamos deixar de assumir o risco, que referimos, de fazer um trabalho desta natureza.

No fundo, a nossa atitude de rotura vem perpetuar o pensamento de Constantino (1994), embora possa ser interpretado e utilizado de múltiplas formas e com diferentes objectivos, com o qual encerramos este capítulo, é necessário conhecer para agir e agir para transformar.

## 8 Sugestões para Futuras Reflexões

Naturalmente, ao longo do processo de realização deste trabalho surgiram aspectos que nos mereceram algumas considerações, porém por não estarem inseridos no âmbito particular da nossa análise não podemos abordá-los da forma que nos mereciam.

Assim, deixamos aqui algumas sugestões que, na nossa opinião merecem ser um pouco aprofundadas e que se inserem no campo de acção da implementação de novos produtos do conhecimento no âmbito da Sistemática das Actividades Desportivas nos mercados de Golfe, para que se possa estabelecer um novo ponto de partida para novas reflexões e análises com o intuito de aprofundar mais a capacidade de utilização destes novos produtos ao longo do tempo.

- ∞ Constante pesquisa bibliográfica que integre o aparecimento de novos conhecimentos das mais variadas esferas do saber promovendo sinergias com o Golfe.
- ∞ Desenvolver trabalhos de campo na área da micro gestão que sustentem o desenvolvimento de instrumentos e o debate teórico aplicado na macro gestão de estruturas de Golfe, no sentido desta modalidade ser ainda mais reforçada como um pólo de desenvolvimento na RAM.
- ∞ Gerir e monitorizar os processos de implementação dos produtos existentes e de novos produtos de Golfe, tendo como suporte o conhecimento adquirido, para que a rentabilização do processo de estruturação do conhecimento seja cada vez melhor.
- ∞ Realizar um projecto-piloto para a implementação do Golfe nas escolas e/ou no desporto escolar, revelando as fraquezas, forças, oportunidades e ameaças (análise SWOT) deste “novo Golfe” que estudamos.
- ∞ Sensibilizar e estimular parceiros económicos públicos ou privados para a implementação de novos campos de menor dimensão com as valências evidenciadas pelo estudo e acompanhar a evolução da implementação deste novo segmento de mercado.
- ∞ Desenvolver estudos que promovam o Golfe em áreas específicas da Saúde, elevando o seu valor na prevenção, e recuperação de enfermidades.

- ∞ Realizar um estudo da aplicação do Modelo Taxonómico dos Desportos Individuais em golfistas de alto rendimento.

## 9 Referências Bibliográficas

- Ahlert, A. (2007). *Reflexões éticas e filosóficas sobre a Educação escolar*. Revista Iberoamericana de Educación (ISSN: 1681-5653) n.º 42/6 – 10 de mayo de 2007 Edição: Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura (OEI)
- Almada, F. (1995). *A Culpa não é do Desporto - Uma Análise da Dialéctica Desporto - Contexto*. Lisboa: Edições FMH.
- Almada, F., Fernando, C., Lopes, H., Vicente, A. & Vitória, A. (2008). *A Rotura – A sistemática das actividades desportivas*. Torres Novas: Edições VML
- Armstrong, M. (2005). *Como ser ainda melhor gestor - Guia completo de técnicas e competências essenciais*. Edição Actual editora - Lisboa
- Bell, J. (1993). *Como realizar um projecto de investigação - Um guia para a pesquisa em ciências sociais e de Educação*. Gradiva - Lisboa
- Bois, J. E., Sarrazin, P. G., Southon, J., Boiché, J. C. S. (2009) *Psychological characteristics and their relation to performance in professional golfers*. *The Sport Psychologist*, 23, 252-270
- Booth, L. (2005) *A physiotherapy perspective on improving swing technique in a professional golfer: a case study*. *Physical Therapy in Sport*, Volume 6, Issue 2, May 2005, pp 97-102
- Boutros-Ghali, B. (1996) *ONU: Uma agenda para o desenvolvimento*. Instituto de Estudos avançados da Universidade de São Paulo.
- Branco M. C. (2005) *Desenvolvimento, subdesenvolvimento e democracia em África*. Universidade de Évora
- Brito, A. P., Pereira, R. G. (2007). *Golfe: Os hábitos alimentares dos jogadores de golfe*. *Revista de Desporto e Saúde da Fundação Técnica e Científica do Desporto* 4, 5 – 10
- Buarque, S. (2008). *Construindo o desenvolvimento local sustentável – metodologia e planeamento*. Garamond – Rio de Janeiro

- Bulbulian R., Ball K. A., Seaman D. R. (2001) *The short golf backswing: Effects on performance and spinal health implications*. Journal of Manipulative and Physiological Therapeutics, Volume 24, cap 9, Novembro 2001, pp 569-575
- Carrageta, M., Leiria J. G., Agrellos M., Gomes J. L., Soares, J., Saraiva, C. B., et al. (2008). *Contributos originais para uma prática saudável no golfe*. Fundação Portuguesa de Cardiologia.
- Carvalho, P. (2008). *Turismo de Prática Desportiva: Um Segmento do Mercado do Turismo Desportivo*. Universidade da Beira Interior - CIDESD; Covilhã, Portugal
- Castro, Z. (2010) *Doenças cardiovasculares matam mais*. Recuperado em 12 Janeiro, 2011, de: [http://sras.gov-madeira.pt/index.php?option=com\\_content&view=article&id=3477:doencas-cardiovasculares-matam-mais&catid=21:imprensa-regional&Itemid=45](http://sras.gov-madeira.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=3477:doencas-cardiovasculares-matam-mais&catid=21:imprensa-regional&Itemid=45)
- CDR - Cooperação e Desenvolvimento Regional (1992) Agência de Desenvolvimento Regional de Setúbal. Consultado a 13 Março de 2009 em <http://www.cdr.pt/Desenvolvimento%20Regional.htm>
- CNIG (2010) *Portugal destino de golfe*. Consultado em 08 de Novembro de 2010, em <http://www.thebestgreensofportugal.com/pdf/Conselho%20Nac.%20Industria%20Golfe.pdf>
- Comissão das Comunidades Europeias (2007). Livro Branco – Livro Branco sobre Desporto. Bruxelas
- Comissão Nacional da UNESCO (2011). Educação física e desporto. Consultado a 12 de Janeiro de 2011 em [http://www.unesco.pt/cgi-bin/educacao/temas/edu\\_tema.php?t=1](http://www.unesco.pt/cgi-bin/educacao/temas/edu_tema.php?t=1)
- Constantino, J. M. (1994) – *Desporto e Municípios*, Editora Livros Horizonte, col. Horizonte de Cultura Física, Lisboa.
- Constituição da República Portuguesa* (s. d.). Recuperado em 29 Março de 2010 de <http://www.idesporto.pt/DATA/DOCS/LEGISLACAO/Doc063.pdf>
- Cooper, C., Fletcher, J., Fyall, A., Gilbert, D., Wanhill, S. (2005). *Turismo – Princípios e práticas*. 3ª Edição Bookman

- Corrêa, J., Maggessi, A., Cantanhede, B., Gonzales, C., Chermont, J., Figueira, L., Santos, L., Bechara, M., Clemen, P., Mathias, R., Meireles, R., Chagas, S. (2009). *Marketing: a teoria em prática*. SENAC – Rio de Janeiro
- Correia A., Mendes J. A. (2006). *Segmentos de mercado no Turismo de Golfe – o caso de Almancil*. Faculdade de Economia. Universidade do Algarve
- Davis, C., Disaia V. (2010) *Golf anatomy*. United States: human kinetics
- Decreto Legislativo Regional n.º 18/2007/M (2007)*. Cria o Instituto de Desenvolvimento Regional. Recuperado em 17 Abril de 2010 de [http://www.idr.gov-madeira.pt/portal/Upload/Anexos/DLR\\_n\\_18-2007-M\\_de\\_12\\_Nov\\_cria\\_IDR.pdf](http://www.idr.gov-madeira.pt/portal/Upload/Anexos/DLR_n_18-2007-M_de_12_Nov_cria_IDR.pdf)
- Decreto-Lei n.º 432/91 de 6 de Novembro (1991)* define o regime aplicável aos contratos-programa celebrados com vista à atribuição de participações financeiras no âmbito do sistema de apoios ao associativismo desportivo recuperado em 28 Março 2010 de <http://www.idesporto.pt/DATA/DOCS/LEGISLACAO/doc031.pd>
- Diário da República, 1.ª série — N.º 235 — 4 de Dezembro de 2009
- DN (2010). *Golfe perdeu 10 mil voltas e cerca de 700 mil euros*. Diário de Notícias da Madeira. Consultado em 09 de Dezembro de 2010 em <http://www.dnoticias.pt>
- Eco, U. (1977). *Como se faz uma tese em ciências humanas*. Editorial Presença 14ª edição 2009 – Queluz de Baixo
- Egret, Cl; Nicolle, B; Dujardin, FH; Weber, J Chollet, D. (2006) *Kinematic analysis of the golf swing in men and women experienced golfers* International Journal of Sports Medicine 27 (6): 463-467 JUN 2006
- Emediato, C. (2005). *Educação e transformação social*. *Análise Social*, vol. XIV (54), 1978-2.º, 207-217
- Farber, A.J.; Smith, J.S.; Kvitne, R.S.; Mohr, K.J.; Shin, S.S. (2009) *Electromyographic Analysis of Forearm Muscles in Professional and Amateur Golfers*. *American Journal of Sports Science and Medicine* 37 (2): 396-401 FEB 2009

- Farinha, N. (2008). *Dossier Especial. Turismo de Golfe* Câmara de Comércio e Indústria Luso-Espanhola.
- Federação Paulista de Golfe (n. d.) *Como jogar*. Consultado a 18 de Dezembro de 2008 em <http://www.fpgolfe.com.br/ojogo/comojogar.asp>
- Federação Portuguesa de Golfe (n.d.). Consultado a 18 de Dezembro de 2008 em <http://www.fpg.pt/>
- Federação Portuguesa de Golfe (n.d.). *Glossário* Consultado a 21 de Maio de 2011 em <http://portal.fpg.pt/web/guest/a-d>
- Fernandes, F. (1999). *Madeira desporto em autonomia - Levantamento e análise da situação desportiva 1976 – 1996*. Edição Desporto Madeira - Funchal
- Fernandes, F. (2009) *Desporto e Autonomia Insular: Factores de desenvolvimento Económico e Social*. 1ª Edição O Desporto Madeira
- Fernandes, M. (2010). *Investimento tem retorno garantido*. *Jornal da Madeira*, pp 24 – 25.
- Fernandes, S. (2007). *Sistemas de informação geográfica na gestão de campos de golfe. Enquadramento teórico e caso de estudo do campo de golfe da Quinta do Lago*. Dissertação de Mestrado. Instituto Superior de Estatística e Gestão de Informação da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, Portugal.
- Fragoso, F. (2008) *A História do Golfe*. Recuperado a 19 Dez 2008 de: [http://www.portugalgolf.pt/golfe/golfe\\_menu.htm](http://www.portugalgolf.pt/golfe/golfe_menu.htm)
- Fragoso, F. (2008) *Valores do Golfe*. Recuperado em 21 Maio 2009 de: [http://www.portugalgolf.pt/paginas\\_28/artigos\\_ff\\_2008\\_02\\_04\\_a.htm](http://www.portugalgolf.pt/paginas_28/artigos_ff_2008_02_04_a.htm)
- Gingrich, N. (2009). *Real change – the fight for America’s future*. Washington: Regnery Publishing, Inc.
- Gluck, G. S. ; Bendo, J. A. ; Spivak, J. M. (2007) *The lumbar spine and low back pain in golf: a literature review of swing biomechanics and injury prevention* *The Spine Journal*, Volume 8, Issue 5, Pages 778-788

- Goeldner, C. R., Ritchie, B. R. J., McIntosh, W. R. (2002). *Turismo – Princípios, práticas e filosofias*. Bookman
- Golf BioDynamics (n.d.) *3D swing analysis*. Recuperado em 12 de Março de 2010 de <http://www.golfbiodynamics.com/programs-3D.html>
- Golf.tur.br (s. d.) *Regras e Normas do Golfe no Brasil*. Consultado a 18 de Dezembro de 2008 em <http://www.golfe.tur.br/regrasenormasdogolfe.php>
- Golfeurope, (2000). *The Golf swing*. December 19, 2008, retrieved, from: [http://www.portugalgolf.pt/instrucao/instrucao\\_fundamentals\\_swing.htm](http://www.portugalgolf.pt/instrucao/instrucao_fundamentals_swing.htm)
- Gonçalves, S. (2003). *Teorias de aprendizagem e práticas de ensino: em busca de um equilíbrio*. Colectânea de textos. Escola Superior de Educação de Coimbra
- Gonzalez (s.d.) A Origem do Golfe. Consultado a 19 Dezembro de 2008 em: <http://www.golfe.tur.br/historiadogolfe.php>
- Gordon, B. S.; Moir, G.L.; Davis, S.E.; Witmer, C. A.; Cummings, D. M. (2009) *An investigation into the relationship of flexibility, power and strength to club head speed in male golfers*. Journal of Strength & Conditioning Research (Lippincott Williams & Wilkins) Aug2009, Vol. 23, pp 1606-1610
- Gouveia, A. (2004) *Internamento por enfarte custa mais de dez mil euros*. Recuperado em 18 Fevereiro, 2011, de: [http://www.srsdocs.com/parcerias/revista\\_imprensa/diario\\_noticias/2004/dn\\_2004\\_09\\_26\\_06.htm](http://www.srsdocs.com/parcerias/revista_imprensa/diario_noticias/2004/dn_2004_09_26_06.htm)
- Gulgin, H; Armstrong, C Gribble, P. (2009) *Hip rotational velocities during the full golf swing*. Journal of Sports Science and Medicine 8 (2): 296-299 JUN 2009)
- Higham, J. (2005). *Sport turismo destinations. Issues, opportunities and analysis*. Elsevier Ltd.
- Hogan, B. (2008) *Las cinco lecciones de Ben Hogan. Los fundamentos modernos del golf*. (1ª ed.). Espanha: editorial Paidotribo.
- Instituto de Desenvolvimento Regional (2009). *Atribuições*. Consultado a 22 Janeiro de 2009

em :<http://www.idr.gov-deira.pt/portal/Conteudo.aspx?IDMenu=1&IDSubMenu=17&Path=17>

Instituto do Desporto da Região Autónoma da Madeira (2008) *Demografia Federada 2006 – 2007* Consultado a 19 Dez 2008 em: [http://www.idram.pt/demografia/06\\_07/1-2.pdf](http://www.idram.pt/demografia/06_07/1-2.pdf)

King, K. ; Yoon, S. W. ; Perkins, N. C. ; Najafi, K. (2007) *Wireless MEMS inertial sensor system for golf swing dynamics*. Sensors and Actuators A: Physical Volume 141, Issue 2, 15 February 2008, pp 619-630

Lei n.º 5/2007, de 16 de Janeiro (2007). Define as bases das políticas de desenvolvimento da actividade física e do desporto. Recuperado em 29 Março 2010 de [http://www.idesporto.pt/ficheiros/file/Lei\\_5\\_2007.pdf](http://www.idesporto.pt/ficheiros/file/Lei_5_2007.pdf)

Lélis, M. (s.d.) A epistemologia popperiana e sua aplicabilidade na teoria neoclássica. Universidade Federal do Rio de Janeiro

Lopes, H. (2005). *Análise das possibilidades de integração nos mercados do Desporto de um produto do âmbito da Sistemática das Actividades Desportivas*. Volume 1

Lopes, J.(2004). *Uma visão “muito particular” da gestão desportiva*. Faculdade de Ciências e Educação Física da Universidade do Porto.

Lopes, S. (2000) *Do Desenvolvimento Regional ao Desenvolvimento Local – Análise de Alguns Aspectos da política Económica Regional*. Gestão e Desenvolvimento, Vol 9 (2000), pp 103-136

LUCAS, J. (2002) Tese de mestrado em Gestão do Desporto, *Acesso generalizado da população à prática desportiva na Região Autónoma da Madeira*, Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Motricidade Humana.

Machado, P., Cassepp-Borges, V., Dell’Aglia, D., Koller, S. (2004). *O impacto de um projecto de Educação pelo esporte no desenvolvimento infantil - Impacto de um projecto de Educação pelo esporte* Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE) • Volume 11 Número 1 Janeiro/Junho 2007 • 51

Mackenzie, S. J Sprigings, E. J. (2009) *A three-dimensional forward dynamics model of the golf swings*. Sports Engineering Volume 11, Number 4 / September, 2009

- Martins, M. e Correia, A. (2004) - *O Golfe no Algarve – O Presente e o Futuro*. Universidade do Algarve
- Mather, J. S. B.; Smith, M. J.; Jowett, S.; Gibson, K. A. H. e Moynihan, D. (2000). *Application of a photogrammetric technique to a golf club evaluation*. Sports Engineering 3, 37 – 47
- Matos, N. (Junho 2008). Desporto com Saúde. Forever, pp. 14 e 15
- McCord, R. (s.d.) A História do Golfe no Mundo [em linha] [Consulta a 19 Dez 2008] Disponível em: <http://www.golfe.tur.br/historiadogolfe.php>
- McHardy, A. J. ; Pollard, H. P. ; Luo, K. (2007) *Golf-related lower back injuries: an epidemiological survey*. Journal of Chiropractic Medicine, Volume 6, Issue 1, March 2007, Pages 20-26
- McRitchie, M.; Curran M.J. (2007) *A Randomised Control Trial for evaluating over-the-counter golf orthoses in alleviating pain in amateur golfers*. The Foot, Volume 17, cap. 2, Junho 2007, pp 57-64
- Mill, R. (2001). *Resorts – administração e operação*. Bookman – São Paulo
- Milne, R. D.; Davis, J. P. (1992) *The role of the shaft in the golf swing*. Journal of Biomechanics, Volume 25, Issue 9, Setembro 1992, pp 975-983
- Miraglia, J. (2008). *Olimpíada: Um espaço de Ensino - Aprendizagem para o desenvolvimento Humano – O relato de uma experiência*. Instituto Sedes Sapientiae
- Monteiro, J. P. ; Costa M. S. ; Martins R. (s.d.) *Modelação do actual e futuro impacto do Golfe nos Aquíferos do Algarve (Portugal)*
- Montenegro E., Retondar, J., Montenegro P. (2007). *Imaginário e Representações sociais: corpo, Educação física, cultura e sociedade*. Edufal – Maceió 2007
- Montenegro, L. M. (2002) *A prática do golfe em indivíduos idosos. Repercussões no gasto energético diário*. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física. Universidade do Porto

- Motion Golf (n.d.). *Game improvement using full body 3-D motion capture*. Recuperado em 9 de Fevereiro de 2010 de <http://www.motiongolf.com/>
- Nesbit, SM (2009) *Kinematic analyses of the golf swing hub path and its role in golfer/club kinetic transfers*. *Journal of Sports Science and Medicine* 8 (2): 235-246 JUN 2009
- Neto, C (1997) *Mudanças Sociais, Desporto e Desenvolvimento Humano*. Faculdade de Motricidade Humana. Universidade Técnica de Lisboa
- Neumann, D. L. and Thomas, P. R. (2009) *The relationship between skill level and patterns in cardiac and respiratory activity during golf putting*. *International Journal of Psychophysiology* 72, 276-282
- Novelli, P. G. (2001) *The Hegelian concept of education*, *Interface*. vol.5, n.9, p.65-88, 2001.
- Nunes C. C.; Westarb, E. F. F. A.; Silva, M. F. (2004) *A prática do golfe, riscos ambientais e retorno social no norte da Iha de Santa Catarina*. *Motrivivência* Ano XVI, Nº 22, P. 115-133
- Nunes, F. P. (2005) *Portugal destino de Golfe*. Concelho Nacional de Industria do Golfe
- Nunes, P. (2009) *Ciências Económicas e Empresariais*. Consultado a 11 de Novembro de 2010 em <http://www.knoow.net/cienceconempr/economia/produto.htm>
- Peregrino, M. G. (1977). *Individualização e Socialização na Pedagogia de Maria Montessori*. Departamento de Psicologia Social do IJNPS.
- Pickering, W. M. and Vickers, G. T. (1999). *On the double pendulum model of the golf swing*. *Sports Engineering* 2, 161 – 172)
- Pires, G. (1996). *Desporto e política – paradoxos e realidades*, Edições Desporto Madeira, Funchal
- Pitaki, S. (2010) *Golfe para Médicos*. Recuperado em 9 Janeiro, 2011, de:<http://www.revistasaudesa.com.br/wp-content/uploads/2010/09/golfe-para-%C3%A9dicos.pdf>
- Place 21 (2010) *Gestão de alunos – demografia*. Consultado a 16 de Novembro de 2010 em: <http://place.madeira->

du.pt/(b0gnalieowoop255t4zifc55)/entities/public/Public\_LO\_DLG\_Login.aspx

Popper, K. (1972). *A lógica da pesquisa científica*. Editora pensamento – cultrix – São Paulo

Popper, K. (1978). *Three worlds – the tanner lecture on human values*. Delivered at The University of Michigan

Preâmbulo da Constituição da Organização Mundial de Saúde, adoptado pela conferência internacional da Saúde, Nova Iorque, de 19 a 22 Junho de 1946, Assinada a 22 Julho de 1946, entrando em vigor a 7 de Abril de 1948, Registos Oficiais da OMS, nº2, p. 100

Reis, L. (2008). *Produção de monografia – da teoria à prática, o método educar pela pesquisa*. SENAC - Brasília

Rodrigues, W., C. (2007). *Metodologia Científica*. FAETEC/IST Paracambi.

Romanelli, R. A. (2000). *A Pedagogia Waldorf: Contribuição para o Paradigma Educacional Actual sob o ponto de vista do Imaginário, Cultura e Educação*. SP, USP, Faculdade de Educação, Dissertação de Mestrado, Ago./2000.

Romanelli, R. A. (2006). *A Arte de Educar e a Arte na Educação – Um Estudo sobre a Arte Aplicada ao Ensino numa Escola Waldorf*. Universidade do Estado de Mato Grosso – Depto. de Letras.

Sá, D., Sá C. (2009). *Sports Marketing – As novas regras do jogo*. Edições IPAM, Porto

Sachis, I. (1927). *Caminhos para o desenvolvimento sustentável*. Garamond 2002 – Rio de Janeiro

Sachs, I. (1998) *O desenvolvimento enquanto apropriação dos direitos humanos*. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo.

Salomon, D. V. (1999). *Como Fazer Uma Monografia*. São Paulo: Martins Fontes.

Salomon, D. V., (1977) *Como Fazer uma Monografia - Elementos de Metodologia do Trabalho Científico*. Belo horizonte: interlivros.

Saneto, R. P.; Samples, S.; Kinkel, R. P. (2000). *Traumatic Intracerebral Venous Thrombosis*

- Associated With an Abnormal Golf Swing*. Headache 40:595-598
- Santos, A. (2006) *Golf para o Público*. Recuperado em 21 Setembro 2010 de :  
[http://www.portugalgolf.pt/revista/revista\\_acs\\_PUBLICO.htm](http://www.portugalgolf.pt/revista/revista_acs_PUBLICO.htm)
- Santos, N. (2006). *A aprendizagem segundo Karl Popper e Thomas Kuhn*. Revista do Serviço de Psiquiatria do Hospital Fernando Fonseca.
- Sarkar, P. R. (2000). *Neo-Humanist Education*. Documentation on Neo-Humanist Education Propound by Prabhat Rainjan Sarkar. Avtk. Ananda Rama Ac.
- Scott, A.; Walker, M.; Powell, M. (2009) *Adam Scott's 5 Keys for EASY POWER*. Golf Magazine Aug 2009, Vol. 51, pp 92-98
- Sen, A. (2001). *Development as freedom*. Oxford University Press
- Shoemaker, F. (1996). *Extraordinary Golf: The Art of the Possible*. G. P. Putman's Sons edition
- Sieger, R. (2010) *Silent mind golf – how to empty your mind and play golf instinctively*. London: aurum press ltd.
- Silva, A. (2006). *Algarve – A land of golfe*. BTL Lisboa 2006
- Silva, j. (2004). *Amartya Sen – Desenvolvimento como liberdade*. Faculdade de Economia do Porto.
- Silveira, F. L. (1996). *A filosofia de Karl Popper: O racionalismo crítico*. Caderno Catarinense de Ensino de Física, Florianópolis, v.13, n.3
- Smith A. M. et al. (2003) *Sports Med* 2003; 33 (1): 13-31
- Soucie, D. (2002) – *Administración, Organización y Gestión Deportiva*, Editora INDE, Barcelona.
- SRAS (2003). *Plano de Saúde*. Funchal 2003. Recuperado em 3 de Maio de 2010 de  
<http://iasaude.sras.gov-madeira.pt/Documentos/WEB/Anexos/Plano.pdf>
- Standeven, J.; Knop, P. (1999). *Sport tourism*. Human Kinetics, United Kingdom

- Steiner R. (1919). *A Pedagogia Waldorf*
- Suttie, J. (2009) *HOW TO Fix a Faulty Swing Path*. Golf Magazine Aug 2009, Vol. 51, p 55
- Suzuki, S. and Inooka, H. (1999) *A new golf-swing robot model emulating golfer's skill*. Sports Engineering 2, 13 – 22
- Teu, K. K.; Kim, W.; Fuss F. K.; Tan J. (2006) *The analysis of golf swing as a kinematic chain using dual Euler angle algorithm*. Journal of Biomechanics, Volume 39, Issue 7, 2006, Pages 1227-1238
- The First Tee, (1997). The First Tee Nine Core Values retrieved May 15, 2010 from [http://www.thefirsttee.org/club/scripts/view/view\\_insert.asp?grp=0&pg=section&IID=13113&NS=TFTLSGE&APP=106](http://www.thefirsttee.org/club/scripts/view/view_insert.asp?grp=0&pg=section&IID=13113&NS=TFTLSGE&APP=106)
- The Physics of Golf (s.d.) *Physics of the Golf Swing*. Consultado a 25 de Julho de 2009 em [http://ffden-2.phys.uaf.edu/211\\_fall2002.web.dir/josh\\_fritts/swing.html](http://ffden-2.phys.uaf.edu/211_fall2002.web.dir/josh_fritts/swing.html)
- Thompson C. J. and Osness W. H. (2004). *Journal of Aging and Physical Activity*, 11, 144-156
- Toffler, A. (2001) *Os novos poderes*. Coleção vida e cultura. Edição livros do Brasil - Lisboa
- Toffler, A. (2003) *A terceira vaga*. Coleção vida e cultura. Edição livros do Brasil - Lisboa
- United Nations - World Health Organization (1946). *Official records of the World Health Organization*. Nº 2 New York
- Univille (1965). Consultado a 20 janeiro de 2010 em <http://www.univille.edu.br/contentId/cover/51914>
- USGA (2008). *Rules and Decisions*. Retrieved in December 17th 2008 from <http://www.usga.org/Rule-Books/Rules-of-Golf/Rules-and-Decisions/>
- Veiga, J. (1948). *Desenvolvimento sustentável: o desafio do século XXI*. Garamond 2008 3ª edição – Rio de Janeiro

- Vieira, P. (2010). Impacto económico de 400 mil euros. *Diário de Notícias da Madeira*, p 42.
- Vieira, P. (2010). Profissionais rendidos a talento amador. *Diário de Notícias da Madeira*, pp 38-39.
- Webster C. A. (2009). *Expert Teachers' Instructional Communication in Golf*. *International Journal of Sport Communication*, 2, 205-222
- Weed, M. (2008). *Sport & tourism: A reader*. Routledge

## 10 Anexos

Os anexos agora expostos servirão de complemento para a base de informação que foi referida no trabalho. Pretende-se expor aqui alguma informação que julgamos importante mas que, uma vez exposta directamente no trabalho, poderia tornar o mesmo importuno.

### **Lei n.º 5/2007, de 16 de Janeiro**

#### **Lei de Bases da Actividade Física e do Desporto**

A Assembleia da República decreta, nos termos da alínea c) do artigo 161.º da Constituição, o seguinte:

#### **CAPÍTULO I**

##### **Objecto e princípios gerais**

##### **Artigo 1.º**

##### **Objecto**

A presente lei define as bases das políticas de desenvolvimento da actividade física e do desporto.

##### **Artigo 2.º**

##### **Princípios da universalidade e da igualdade**

1 - Todos têm direito à actividade física e desportiva, independentemente da sua ascendência, sexo, raça, etnia, língua, território de origem, religião, convicções políticas ou ideológicas, instrução, situação económica, condição social ou orientação sexual.

2 - A actividade física e o desporto devem contribuir para a promoção de uma situação equilibrada e não discriminatória entre homens e mulheres.

---

**Artigo 3.º****Princípio da ética desportiva**

- 1 - A actividade desportiva é desenvolvida em observância dos princípios da ética, da defesa do espírito desportivo, da verdade desportiva e da formação integral de todos os participantes.
- 2 - Incumbe ao Estado adoptar as medidas tendentes a prevenir e a punir as manifestações antidesportivas, designadamente a violência, a dopagem, a corrupção, o racismo, a xenofobia e qualquer forma de discriminação.
- 3 - São especialmente apoiados as iniciativas e os projectos, em favor do espírito desportivo e da tolerância.

**Artigo 4.º****Princípios da coesão e da continuidade territorial**

- 1 - O desenvolvimento da actividade física e do desporto é realizado de forma harmoniosa e integrada, com vista a combater as assimetrias regionais e a contribuir para a inserção social e a coesão nacional.
- 2 - O princípio da continuidade territorial assenta na necessidade de corrigir os desequilíbrios originados pelo afastamento e pela insularidade, por forma a garantir a participação dos praticantes e dos clubes das Regiões Autónomas nas competições desportivas de âmbito nacional.

**Artigo 5.º****Princípios da coordenação, da descentralização e da colaboração**

- 1 - O Estado, as Regiões Autónomas e as autarquias locais articulam e compatibilizam as respectivas intervenções que se repercutem, directa ou indirectamente, no desenvolvimento da actividade física e no desporto, num quadro descentralizado de atribuições e competências.
- 2 - O Estado, as Regiões Autónomas e as autarquias locais promovem o desenvolvimento da actividade física e do desporto em colaboração com as instituições de ensino, as associações desportivas e as demais entidades, públicas ou privadas, que actuam nestas áreas.

---

## CAPÍTULO II

### **Políticas públicas**

#### Artigo 6.º

#### **Promoção da actividade física**

1 - Incumbe ao Estado, às Regiões Autónomas e às autarquias locais, a promoção e a generalização da actividade física, enquanto instrumento essencial para a melhoria da condição física, da qualidade de vida e da Saúde dos cidadãos.

2 - Para efeitos do disposto no número anterior, são adoptados programas que visam:

- a) Criar espaços públicos aptos para a actividade física;
- b) Incentivar a integração da actividade física nos hábitos de vida quotidianos, bem como a adopção de estilos de vida activa;
- c) Promover a conciliação da actividade física com a vida pessoal, familiar e profissional.

#### Artigo 7.º

#### **Desenvolvimento do desporto**

1 - Incumbe à Administração Pública na área do desporto apoiar e desenvolver a prática desportiva regular e de alto rendimento, através da disponibilização de meios técnicos, humanos e financeiros, incentivar as actividades de formação dos agentes desportivos e exercer funções de fiscalização, nos termos da lei.

2 - Junto do membro do Governo responsável pela área do desporto funciona, de forma permanente, o Conselho Nacional do Desporto, composto por representantes da Administração Pública e do movimento associativo desportivo.

3 - No âmbito da administração central do Estado, funciona a Autoridade Antidopagem de Portugal, com funções no controlo e combate à dopagem no desporto.

4 - As competências, composição e funcionamento dos órgãos referidos nos números anteriores são definidos na lei.

## Artigo 8.º

**Política de infra-estruturas e equipamentos desportivos**

1 - O Estado, em estreita colaboração com as Regiões Autónomas e com as autarquias locais e entidades privadas, desenvolve uma política integrada de infraestruturas e equipamentos desportivos com base em critérios de distribuição territorial equilibrada, de valorização ambiental e urbanística e de sustentabilidade desportiva e económica, visando a criação de um parque desportivo diversificado e de qualidade, em coerência com uma estratégia de promoção da actividade física e desportiva, nos seus vários níveis e para todos os escalões e grupos da população.

2 - Os instrumentos de gestão territorial devem prever a existência de infra-estruturas de utilização colectiva para a prática desportiva.

3 - Com o objectivo de incrementar e requalificar o parque das infra-estruturas desportivas ao serviço da população o Estado assegura:

a) A realização de planos, programas e outros instrumentos directores que regulem o acesso a financiamentos públicos e que diagnostiquem as necessidades e estabeleçam as estratégias, as prioridades e os critérios de desenvolvimento sustentado da oferta de infra-estruturas e equipamentos desportivos;

b) O estabelecimento e desenvolvimento de um quadro legal e regulamentar que regule a edificação e a utilização dos espaços e infra-estruturas para actividades físicas e desportivas, bem como a concessão das respectivas licenças de construção e utilização;

c) A adopção de medidas adequadas à melhoria efectiva das condições de acessibilidade, de segurança e de qualidade ambiental e sanitária das infraestruturas e equipamentos desportivos de uso público.

4 - A comparticipação financeira do Estado na edificação de instalações desportivas públicas e privadas, carece de parecer prévio e vinculativo do membro do Governo responsável pela área do desporto.

5 - As comparticipações financeiras públicas para construção ou melhoramento de infra-estruturas desportivas propriedade de entidades privadas, quando a natureza do investimento o justifique, e, bem assim, os actos de cedência gratuita do uso ou da gestão de património desportivo público às mesmas, são condicionados à assunção por estas de contrapartidas de interesse público.

6 - Nos termos da lei, e observadas as garantias dos particulares, o Governo pode determinar, por períodos limitados de tempo, a requisição de infra-estruturas desportivas de propriedade de entidades privadas para realização de competições desportivas adequadas à natureza daquelas, quando o justifique o interesse público e nacional e se verifique urgência.

#### Artigo 9.º

### **Carta Desportiva Nacional**

1 - A lei determina a elaboração da Carta Desportiva Nacional, a qual contém o cadastro e o registo de dados e de indicadores que permitam o conhecimento dos diversos factores de desenvolvimento desportivo, tendo em vista o conhecimento da situação desportiva nacional, nomeadamente quanto a:

- a) Instalações desportivas;
- b) Espaços naturais de recreio e desporto;
- c) Associativismo desportivo;
- d) Hábitos desportivos;
- e) Condição física das pessoas;
- f) Enquadramento humano, incluindo a identificação da participação em função do género.

2 - Os dados constantes da Carta Desportiva Nacional são integrados no sistema estatístico nacional, nos termos da lei.

#### Artigo 10.º

### **Investigação**

O Estado, em colaboração com as instituições de ensino superior, promove e apoia a realização de estudos e trabalhos de investigação sobre os indicadores da prática desportiva e os diferentes factores de desenvolvimento da actividade física e do desporto.

(...)

---

## CAPÍTULO IV

### **Actividade física e prática desportiva**

#### SECÇÃO I

### **Actividade física e prática desportiva**

#### Artigo 28.º

#### **Estabelecimentos de Educação e ensino**

1 - A Educação física e o desporto escolar devem ser promovidos no âmbito curricular e de complemento curricular, em todos os níveis e graus de Educação e ensino, como componentes essenciais da formação integral dos alunos, visando especificamente a promoção da Saúde e condição física, a aquisição de hábitos e condutas motoras e o entendimento do desporto como factor de cultura.

2 - As actividades desportivas escolares devem valorizar a participação e o envolvimento dos jovens, dos pais e encarregados de Educação e das autarquias locais na sua organização, desenvolvimento e avaliação.

3 - As instituições de ensino superior definem os princípios reguladores da prática desportiva das respectivas comunidades, reconhecendo-se a relevância do associativismo estudantil e das respectivas estruturas dirigentes em sede de organização e desenvolvimento da prática do desporto neste âmbito.

#### Artigo 29.º

#### **Pessoas com deficiência**

A actividade física e a prática desportiva por parte das pessoas com deficiência é promovida e fomentada pelo Estado, Regiões Autónomas e autarquias locais com as ajudas técnicas adequadas, adaptada às respectivas especificidades, tendo em vista a plena integração e participação sociais, em igualdade de oportunidades com os demais cidadãos.

## Artigo 30.º

**Jogos tradicionais**

Os jogos tradicionais, como parte integrante do património cultural específico das diversas regiões do País, são fomentados e apoiados pelo Estado, Regiões Autónomas e autarquias locais.

## Artigo 31.º

**Desporto na natureza**

1 - A actividade física e a prática desportiva em espaços naturais devem reger-se pelos princípios do respeito pela natureza e da preservação dos seus recursos, bem como pela observância das normas dos instrumentos de gestão territorial vigentes, nomeadamente das que respeitam às áreas classificadas, de forma a assegurar a conservação da diversidade biológica, a protecção dos ecossistemas e a gestão dos recursos, dos resíduos e da preservação do património natural e cultural.

2 - As actividades mencionadas no número anterior devem contribuir para a divulgação e interpretação do património natural e cultural, a sensibilização e Educação ambientais e a promoção do Turismo de natureza.

**Decreto Legislativo Regional n.º 30/2009/M****Reestruturação do Instituto do Desporto da Região****Autónoma da Madeira, IP -RAM**

A consagração da autonomia político-administrativa teve reflexos no sector do desporto, permitindo o seu desenvolvimento e crescimento. Em consequência deste crescimento desportivo, bem como das restantes transformações socioculturais ocorridas na Região Autónoma da Madeira, foi fulcral redefinir e adaptar toda a orgânica global do sistema desportivo regional, surgindo assim, para a execução da política desportiva regional, o Instituto do Desporto da Região Autónoma da Madeira, criado pelo Decreto Legislativo Regional n.º 19/93/M, de 17 de Setembro.

Considerando o Decreto Legislativo Regional n.º 17/2007/M, de 12 de Novembro, que estabelece os princípios e normas a que deve obedecer a organização da administração directa e indirecta da Região Autónoma da Madeira, que adaptou à Região Autónoma da Madeira a Lei n.º 3/2004, de 15 de Janeiro, alterada pela Lei n.º 51/2005, de 30 de Agosto, pelo Decreto-Lei n.º 200/2006, de 25 de Outubro, pelo Decreto-lei n.º 105/2007, de 3 de Abril, e pela Lei n.º 64 -A/2008, de 31 de Dezembro, que aprova a lei-quadro dos institutos públicos, importa proceder à reestruturação do Instituto do Desporto da Região Autónoma da Madeira, de forma a dotá-lo dos meios necessários a assegurar a efectiva concretização das políticas governamentais, nomeadamente o fomento do desporto, o reforço da sustentabilidade organizativa e financeira do movimento associativo de cariz desportivo e a garantia da transparência na gestão desportiva.

Assim: A Assembleia Legislativa da Região Autónoma da Madeira aprova, nos termos da alínea a) do n.º 1 do artigo 227.º e da Constituição da República Portuguesa, das alíneas c) e i) do n.º 1 do artigo 37.º e do n.º 1 do artigo 41.º do Estatuto Político -Administrativo da Região Autónoma da Madeira, aprovado pela Lei n.º 13/91, de 5 de Junho, na redacção dada pela Lei n.º 130/99, de 21 de Agosto, e pela Lei n.º 12/2000, de 21 de Junho, do Decreto Legislativo Regional n.º 17/2007/M, de 12 de Novembro, e cumpridos os formalismos da Lei n.º 23/98, de 26 de Maio, o seguinte:

---

## CAPÍTULO I

### **Natureza, tutela e sede**

#### Artigo 1.º

#### **Natureza e tutela**

1 — O Instituto do Desporto da Região Autónoma da Madeira, IP -RAM, adiante designado por IDRAM, IP -RAM, é uma pessoa colectiva de direito público, com autonomia administrativa, financeira e património próprio, integrada na administração indirecta da Região Autónoma da Madeira, adiante designada por RAM.

2 — O IDRAM, IP -RAM prossegue as suas atribuições sob a tutela da Secretaria Regional de Educação e Cultura, adiante designada por SREC, de acordo com a alínea a) do n.º 1 do artigo 6.º da orgânica aprovada pelo Decreto Regulamentar Regional n.º 1/2008/M, de 17 de Janeiro.

#### Artigo 2.º

#### **Jurisdição territorial e sede**

O IDRAM, IP -RAM tem a sua sede no Funchal, no território da RAM.

## CAPÍTULO II

### **Missão e atribuições**

#### Artigo 3.º

#### **Missão**

O IDRAM, IP -RAM tem por missão fomentar e apoiar o desenvolvimento desportivo na RAM, promovendo a criação de condições técnicas, logísticas, financeiras e materiais, com vista a incrementar os hábitos de participação na prática desportiva, a estimular a adesão da juventude a programas de iniciação e formação desportivas e a incentivar a elite de praticantes desportivos.

---

## Artigo 4.º

### Atribuições

1 — São atribuições do IDRAM, IP -RAM:

- a) Propor medidas em matéria desportiva, em conjunto com outras entidades públicas ou privadas, em ordem a suscitar o desenvolvimento desportivo integrado;
- b) Promover o apoio técnico, material e financeiro às instituições e indivíduos que, nas diversas vertentes desportivas, apresentem projectos passíveis de suscitar o desenvolvimento desportivo regional;
- c) Promover e acompanhar a política de formação inicial e contínua dos agentes operantes no sistema desportivo regional;
- d) Dar parecer sobre todos os projectos de construção e remodelação de infra - estruturas desportivas promovidas por entidades públicas ou privadas;
- e) Promover medidas tendentes à adopção generalizada dos exames de aptidão e de controlo médico-desportivo aos praticantes e demais agentes inseridos no sistema desportivo regional;
- f) Implementar mecanismos necessários à aplicação de um sistema de seguro desportivo obrigatório;
- g) Promover campanhas de divulgação da prática desportiva, enquadradas permanentemente pelos princípios de salvaguarda e promoção da Saúde, e do espírito desportivo;
- h) Manter actualizado o atlas desportivo da Região;
- i) Pronunciar -se sobre as normas de segurança desportiva a observar em todos os recintos desportivos da RAM.

2 — Compete ainda ao IDRAM, IP-RAM exercer as demais atribuições que lhe forem legalmente cometidas.

3 — O IDRAM, IP -RAM, de forma a prosseguir as suas atribuições, colabora com outras entidades públicas ou privadas, regionais, nacionais ou internacionais, através de celebração de protocolos, acordos ou contratos-programa.

---

**Quadro de Referência dos preços médios praticados nos campos de Golfe do Algarve**


---

<b>Campos de Golfe (Algarve)</b>	<b>Preço médio por Green Fee (€)</b>
Benamor Golf	80
Boavista Golfe	71
Castro Marim	70
CS Álamos Golf	72.5
Herdade dos Salgados Golf	67.5
Monte Rei	190
Morgado Golf	72.5
Ocean Course Vale de Lobo	165
Oceânico Faldo Course	132.5
Oceânico Millennium	78
Oceânico O'Connor Course	126
Oceânico Old Course	115
Oceânico Pinhal	74.5
Oceânico Victoria	137.5
Palmares Golf	71
Parque da Floresta	80
Penina Golf & Resort	100
Pestana Alto Golf	70
Pestana Vale da Pinta	75
Pine Cliffs	55
Pinheiros Altos	110
Quinta da Ria	89
Quinta do Lago Sul	157
Quinta do Vale	80
Royal Course Vale de Lobo	165
San Lorenzo	165
Vila Sol	106
<b>Média Total</b>	<b>€ 105</b>

---

Fonte: FPG (2011)

S.  R.  
REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA  
GOVERNO REGIONAL  
SECRETARIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA

Relatório demográfico escolar (alunos) agrupado por estabelecimento e concelho, para o ano lectivo 2010/2011

Dados actualizado em 16-11-2010 23:41:17	2º Ciclo					3º Ciclo					Secundário					Total		Obs.									
	5ªA	6ªA	CEF	CEFA	Total	Rec	7ªA	8ªA	9ªA	CEF	CEFA	Total	Rec	10ªA	11ªA	12ªA	Total		CH	T	Totais por tipo de curso						
	Rec	7ªA	8ªA	9ªA	CEF	CEFA	Total	Rec	10ªA	11ªA	12ªA	Total	CH	T	Pro	CEF	CEFA		Rec	Ensin. normal	Ensin. Actual	Rec.					
Estabelecimento Via Mar-M	T	10	10	10	10	18	18	18	18	18	18	18	18	18	18	18	18	18	18	18	37	28					
Básica 23 de Santo António	M	86	80	165	74	65	57	196													45	36	VC				
	T	162	162	304	141	117	96	333													332	361					
Escola básicas 2º e 3º Ciclos dos Louros	M	96	74	170	78	61	47	16	202												581	637	VC				
	T	189	135	294	132	115	88	34	367												334	372					
Escola Básica e Secundária Gonçalves Zarco	M	117	111	228	130	97	88	27	343	14	73	50	29	152	115	15	22				21	710	723	35			
	T	222	218	440	237	189	168	53	635	23	167	82	65	314	254	23	37				44	1379	1389	67	VC		
Escola Básica 2ª e 3ª Ciclos Dr. Horácio Bento Gouveia	M	166	143	298	166	178	157	9	508												758	806					
	T	276	301	577	362	311	344	18	1035												1544	1612	VC				
Escola Básica 23300 Roque	M	62	61	14	127	60	48	67	42	17	232	28	18	46							40	405	55				
	T	87	113	18	218	120	92	116	59	29	416	53	25	78							78	769	712	103	VC		
Escola Básica do 3º Ciclo Municipal	T																				108						
Escola Secundária Dr. Angelo A. Silva	M	68	62	120	60	50	44	18	172	105	98	87	290	147	143						7	582	589				
	T	113	105	218	106	88	84	44	322	188	187	171	556	326	230						26	1039	1122	VC			
Escola Secundária Jaime Cortesão	M									54	455	370	283	1108	814	294					63	51	54	1106	1171	108	
	T									83	885	783	694	2282	1800	422					96	95	102	2271	2378	185	VC
Escola Secundária Francisco Franco	M									11	354	288	300	942	648	294					51	51	105	1177	983	118	
	T									11	667	638	635	1970	1541	429					80	79	189	2456	2050	200	VC
Escola Básica 23 Barthelemy Perestrelo	M	98	140	239	108	119	108	12	348													572	587				
	T	226	233	458	217	227	202	12	658													1072	1116	VC			
Conservatório + Escola Profissional de Artes	M																					38					
	T																					73					

Legenda: CEF: Curso de Educação Formação; Rec.: Ensino Recorrente; Pro.: Profissionalizante; CH: Científico-Humanístico; T.: Tecnológico; Ant.: Ano Anterior (não inclui o Rec.); VC: Valores consistentes; VPC: Valor provavelmente consistente;  
Gerado em: 16-11-2010 15:51:18

  
**S. R.**  
**REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA**  
**GOVERNO REGIONAL**  
**SECRETARIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA**

**Relatório demográfico escolar (alunos) agrupado por estabelecimento e concelho, para o ano lectivo 2010/2011**

Dados actualizado em 16-11-2010 23:4:17	2º Ciclo				3º Ciclo				Secundário								Total		Obs.										
	5ªA	6ªA	CEF	CEFA	Total	Rec	7ªA	8ªA	9ªA	CEF	CEFA	Total	Rec	10ªA	11ªA	12ªA	Total	CH		T	Pro	CEF	CEFA	Rec	Ensino normal A.Art.	Ensino Actual	Rec.		
Direcção Regional de Qualificação Profissional	M																								96	26			
	T									22	22	44													150	44			Val em dívida
Escolas Profissionais Hoteleira e Turismo da Madeira	M																								145				
	T															4	4								270	4			Val em dívida
<b>Total : Funchal</b>	1234	1257	13	18	2522		1315	1139	1083	266	51	3853	117	1890	1715	1509	5204	3981	1104	119	202	277	438	12473	11781	555			
<b>Total Regional (Funchal)</b>	1234	1257	13	18	2522		1315	1139	1083	266	51	3853	117	1890	1715	1509	5204	3981	1104	119	202	277	438	12473	11781	555			

Legenda: CEF: Curso de Educação Formação; Rec.: Ensino Recorrente; Pro: Profissionalizante; CH: Científico-Humanístico; T: Tecnológico; A.Art: Ano Anterior (não inclui o Rec.); VC: Valores consistentes; VPC: Valor provavelmente consistente;  
Gerado em: 16-11-2010 15:51:18



  
**S. R.**  
 REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA  
 SECRETARIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA

**Relatório demográfico escolar (alunos) agrupado por estabelecimento e concelho, para o ano lectivo 2010/2011**

Dados actualizado em 16-11-2010 23:41:17	2º Ciclo					3º Ciclo					Secundário					Total					Obs.					
	5ª	6ª	CEF	CEFA	Total	Rec	7ª	8ª	9ª	CEF	CEFA	Total	Rec	10ª	11ª	12ª	Total	CH	T	Totais por tipo de curso		Rec	Ensin. A.Ant.	Ensin. A.Actual	Rec	
	Santa Cruz													CH	T	Pro	CEF	CEFA	Rec	A.Ant.		A.Actual	Rec			
Escola Básica e Secundária de Santa Cruz	M	89	74			163	75	62	59	48	13	257	9	44	28	28	100	80	20		27	48	513	520	57	
	T	158	129			287	138	117	118	77	27	477	23	89	78	66	233	183	70		46	89	980	997	112	VC
Escola Básica 23 Campo	M	126	110			236	93	63	81	26		263											485	499		
	T	221	202			423	198	162	150	48		558											985	981		VC
Escola Básica 23 Ur. Alfredo F. Nobrega Junior	M	50	67	9		126	52	51	30	27	8	168	9								5	19	292	294	28	
	T	93	115	12		220	98	88	69	40	9	304	15								13	35	527	524	50	VC
Total : Santa Cruz		472	446	12		930	434	367	337	165	36	1339	38	89	78	66	233	183	70		69	124	2465	2502	182	
Total Regional (Santa Cruz)		472	446	12		930	434	367	337	165	36	1339	38	89	78	66	233	183	70		69	124	2465	2502	182	

Legenda: CEF: Curso de Educação Formação; Rec.: Ensino Recorrente; Pro: Profissionalizante; CH: Científico-Humanístico; T: Tecnológico; Aant: Ano Anterior (não inclui o Rec.); VC: Valores consistentes; VPC: Valor provavelmente consistente;  
 Gerado em: 16-11-2010 16:14:07





## Motivações da viagem à Madeira

Estudo do gasto turístico

### Motivos pessoais por mercado emissor

	UK	Portugal	Alemanha	França	Holanda	Escandinávia	Espanha	Países Leste	Outros Europa	Outros
Contacto com a Natureza	<b>30%</b>	<b>24%</b>	<b>38%</b>	<b>27%</b>	<b>41%</b>	<b>39%</b>	<b>36%</b>	<b>40%</b>	<b>29%</b>	<b>17%</b>
Sol & Mar	<b>27%</b>	<b>14%</b>	<b>21%</b>	<b>16%</b>	<b>21%</b>	<b>22%</b>	<b>14%</b>	<b>15%</b>	<b>22%</b>	<b>19%</b>
Cultura	<b>9%</b>	<b>9%</b>	<b>13%</b>	<b>22%</b>	<b>12%</b>	<b>10%</b>	<b>18%</b>	<b>12%</b>	<b>16%</b>	<b>17%</b>
Visita a familiares/amigos	<b>7%</b>	<b>27%</b>	<b>5%</b>	<b>14%</b>	<b>3%</b>	<b>5%</b>	<b>6%</b>	<b>7%</b>	<b>7%</b>	<b>28%</b>
Gastronomia	<b>9%</b>	<b>13%</b>	<b>9%</b>	<b>11%</b>	<b>5%</b>	<b>10%</b>	<b>12%</b>	<b>16%</b>	<b>7%</b>	<b>3%</b>
City & Short Break	<b>6%</b>	<b>5%</b>	<b>7%</b>	<b>5%</b>	<b>9%</b>	<b>5%</b>	<b>9%</b>	<b>6%</b>	<b>11%</b>	<b>3%</b>
Descanso/lazer/ferias	<b>8%</b>	<b>2%</b>	<b>2%</b>	<b>1%</b>	<b>4%</b>	<b>5%</b>	<b>1%</b>	<b>2%</b>	<b>3%</b>	<b>3%</b>
Outros	<b>2%</b>	<b>4%</b>	<b>3%</b>	<b>4%</b>	<b>3%</b>	<b>4%</b>	<b>5%</b>	<b>1%</b>	<b>3%</b>	<b>3%</b>
Fim de Ano	<b>1%</b>	<b>3%</b>		<b>1%</b>					<b>1%</b>	<b>6%</b>
Touring	<b>2%</b>			<b>1%</b>		<b>1%</b>			<b>1%</b>	<b>3%</b>
Goife	<b>1%</b>		<b>1%</b>	<b>1%</b>	<b>1%</b>				<b>1%</b>	<b>3%</b>

Os principais motivos de viagem variam também com o país, verificando-se:

- Os Ingleses, Alemães, Holandeses, Escandinavos e restantes Europeus deslocam-se pelo contacto com a Natureza e Sol & Mar
- Os Portugueses para visitar familiares e amigos e pelo contacto com a Natureza
- Os Franceses e Espanhóis pela Natureza e Cultura
- Os Países de Leste pelo Contacto com a Natureza, Sol & Mar e Gastronomia

**Hóspedes Entrados, Total de Hóspedes e Dormidas nos Estabelecimentos Hoteleiros, por mês**  
*Registered Guests, Total Guests and Nights in Hotel Establishments, by month*

Meses	Hóspedes Entrados			Hóspedes <sup>1</sup>			Dormidas		
	2008	2009	Variação %	2008	2009	Variação %	2008	2009	Variação %
<b>Total</b>	<b>1 013 281</b>	<b>911 345</b>	<b>-10,1</b>	<b>1 176 437</b>	<b>1 058 410</b>	<b>-10,0</b>	<b>6 208 144</b>	<b>5 496 926</b>	<b>-11,5</b>
Janeiro	54 508	46 087	-15,4	70 057	61 482	-12,2	385 313	337 043	-12,5
Fevereiro	71 540	63 599	-11,1	83 164	72 919	-12,3	443 346	371 317	-16,2
Março	98 587	80 362	-18,5	113 646	92 571	-18,5	560 943	473 879	-15,5
Abril	99 947	92 310	-7,6	113 316	105 913	-6,5	574 615	525 648	-8,5
Maiο	101 219	89 040	-12,0	115 526	103 200	-10,7	578 922	510 850	-11,8
Junho	90 825	85 714	-5,6	105 728	96 894	-8,4	548 283	501 923	-8,5
Julho	93 730	81 511	-13,0	108 028	94 596	-12,4	605 631	523 383	-13,6
Agosto	104 805	99 156	-5,4	121 621	115 031	-5,4	688 895	623 297	-9,5
Setembro	96 834	81 189	-16,2	110 267	94 665	-14,1	577 442	517 222	-10,4
Outubro	81 292	75 569	-7,0	95 071	86 634	-8,9	507 067	454 129	-10,4
Novembro	61 537	60 849	-1,1	72 733	69 947	-3,8	395 395	350 155	-11,4
Dezembro	58 457	55 959	-4,3	67 280	64 558	-4,0	342 292	308 080	-10,0

<sup>1</sup> Inclui os hóspedes que transitaram do mês anterior.

## Glossário do Golfe

**ALBATROZ:** Expressão usada para indicar a concretização de 3 pancadas abaixo do Par (apenas 2 num Par 5 ou 1 num Par 4).

**APPROACH:** Pancada de aproximação para colocar a bola no green.

**BACKSPIN:** Efeito que a bola ganha no contacto com a face do taco de golfe quando é batida. As ranhuras (grooves) da face do taco em contacto com as inúmeras pequenas concavidades (dimples) da bola ajudam a impelir a bola para o ar, produzindo o efeito de rotação contrária da bola. Se esse efeito não fosse criado, a bola, ao cair no green, dificilmente parava.

**BACKSWING:** 1ª parte do swing. É o arco que o taco descreve, em sentido ascendente até atingir o topo. Quando atinge esta posição inicia-se o downswing.

**BIRDIE:** Resultado que consiste em se conseguir fazer uma pancada abaixo do Par de um determinado buraco.

**BOGEY:** Este resultado corresponde a uma pancada acima do Par de um determinado buraco.

**BUGGY:** Carro de golfe para transporte de jogadores e material de jogo.

**BUNKER:** Obstáculo de areia num campo. São normalmente fundos e/ou estrategicamente colocados junto aos greens, à frente, nos lados e atrás.

**CADDIE:** Pessoa que ajuda o jogador. Nomeadamente carregando os seus os tacos, pode também dar informações úteis sobre o campo, dicas como executar certo tipo de pancadas, taco a utilizar etc. Ao nível do golfe profissional exerce uma função de grande responsabilidade e está intimamente ligado aos êxitos dos jogadores. A este nível já ganha muito bem. Além do ordenado ganha uma percentagem de cerca de 10% sobre o valor do prize-money.

**COURSE:** Campo de golfe.

**CUT:** Numa competição de vários dias pode haver uma pré-qualificação em que as primeiras voltas qualificam jogadores para as últimas, essa qualificação é feita pela ordem de classificação até um limite definido pelo regulamento da prova. No caso de algumas

competições de profissionais os que conseguem essa qualificação, ou seja, os que fazem o cut, já ganham dinheiro.

**DIVOT:** Pedaco de relva que é normalmente arrancado do chão quando se dá a pancada na bola. Em Portugal há quem lhe chame "bife" e deve ser repostu no sítio onde ficou a pelada para que a relva volte a criar aí raízes.

**DOGLEG:** buraco que curva à esquerda ou à direita em forma de cotovelo.

**DORMIE:** Num jogo por buracos (match-play) diz-se que um lado está Dormie quando está tantos buracos acima quantos os que faltam jogar.

**DOWNSWING:** 2º parte do Swíng. Depois de completado o backswing inicia-se o movimento descendente do taco com o objectivo de bater a bola.

**DRAW:** Ordem de jogo em competição, normalmente é divulgada com antecedência para que cada jogador possa programar a hora de chegada ao campo e tempo de aquecimento.

**DRIVER:** Taco especial com uma cabeça mais volumosa utilizado quando se pretende atingir a máxima distância. Os melhores profissionais do mundo conseguem bater a bola a cerca de 300 metros de distância, o equivalente ao comprimento de três campos de futebol.

**DRIVING RANGE:** Campo de treino para se treinarem as pancadas e as distâncias atingidas por cada taco.

**DROP:** Acto de esticar o braço à altura do ombro e deixar cair a bola na área determinada pelas regras.

**EAGLE:** Resultado que consiste em fazer duas pancadas abaixo do Par de um determinado buraco.

**FAIRWAY:** Zona de relva bem tratada e de corte baixo, que separa o tee de saída (ponto de partida) do green.

**FERRO COMPRIDO:** Existem três tipos de tacos de golfe, madeiras, híbridos e ferros. Os ferros compridos têm uma vareta mais comprida, sendo a face do taco mais fechada (menos anglo), permitindo assim bater a bola com um voo

mais baixo e atingir maiores distâncias.

FINISH: É a posição final no Swing de Golfe.

FOLLOW-THROUGH: É a passagem da cabeça do taco em baixo depois de bater na bola.

FORE: Quando ouvir este grito proteja-se. Ele significa que uma bola vai "perdida" no ar, podendo atingir alguém.

FOURSOME: É uma partida em que dois jogadores jogam contra outros dois e em que cada lado joga uma bola. Os parceiros jogam alternadamente dos pontos de partida e alternadamente durante o jogo de cada buraco.

GREEN: Superfície de relva especialmente tratada e de corte muito baixo, onde se encontra o buraco assinalado com uma bandeira.

GREEN FEE: É o que cada golfista paga para ter direito a jogar no campo.

GRIP: Expressão técnica que define as formas como colocamos as mãos na pega do taco. Corresponde também à pega do taco normalmente em couro ou borracha.

GROSS: É o resultado total do número de pancadas no final do jogo antes de lhe ser deduzido o handicap de cada golfista.

GUR: Iniciais da expressão inglesa Ground under repair que significa terreno em reparação. Corresponde a qualquer parcela de campo marcada como tal pela Comissão Técnica ou assim classificada por um seu representante autorizado.

HANDICAP: Abono atribuído a um golfista em função do seu nível de jogo. O máximo de handicap permitido em competições é de 36 pancadas na categoria de clube para senhoras e homens. Quanto mais alto é o handicap, pior é o nível de jogo.

HANDICAP DE JOGO: Cada jogador deve encontrar o seu handicap de jogo para o campo onde vai jogar ou competir. Para isso deve utilizar seu handicap EGA e as tabelas de transformação do campo em causa.

HOLE IN ONE: Resultado que consiste em terminar um buraco com apenas uma pancada.

HOOK: É o nome dado a uma pancada com a bola a descrever uma súbita curva da direita para a esquerda.

**LIE:** Corresponde à posição da bola no campo. Quando se fala de equipamento, o significado passa então a ser o ângulo que a cabeça do taco forma com a respectiva haste.

**LINKS:** Campo de golfe situado nos terrenos entre o mar e os terrenos de cultivo.

**LOFT:** Expressão que designa o ângulo da face do taco. Este ângulo influencia a trajectória da bola (altura e comprimento). Quanto maior for o loft (ângulo) mais alta e mais curta será a trajectória da bola

**MATCH PLAY:** Competição por buracos.

**NETT:** É o resultado referente ao número de pancadas no final do jogo depois de deduzido o handicap de cada golfista.

**OUT OF BOUNDS:** Fora dos limites. É qualquer zona para além dos limites do campo ou qualquer parte do campo marcada como tal pela comissão técnica.

**OVER-SWING:** Ocorre quando um jogador perde o controlo do taco no top-swing, entre o fim do backswing e o início do downswing. O taco pode ultrapassar a horizontal e não ocorrer overswing e, por outro lado, pode não chegar à horizontal e ocorrer overswing.

**PAR:** Iniciais da expressão inglesa Professional Average Result. É o número de pancadas definido para cada um dos buracos de um campo de golfe, em função do comprimento desse buraco. Um buraco «Par 3» mede até 229 metros, um buraco «Par 4» mede entre 201 e 457 metros e um «Par 5» mede mais de 402 metros. O somatório dos «Par's» dos 18 buracos define o «par do campo» que em geral, é de 72 pancadas.

**PITCH-WEDGE:** Um dos 14 tacos que compõem um set de golfe. Designa-se também por ferro curto. Tem uma vareta mais curta e a face do taco é mais aberta. É utilizado para pancadas a distâncias mais curtas e de maior precisão. O ângulo da face (cerca de 48 graus) dá origem a um voo da bola mais alto.

**PLAY-OFF:** Competição extra usada como sistema de desempate. Buraco a buraco no caso de competição em Match play, ou por pancadas no caso de Stroke play.

**PUTT:** Pancada efectuada com um taco especial, o putter, quando a bola se encontra no green.

**PUTTING-GREEN:** Uma das infra-estruturas de treino nos campos de golfe. Serve para

treinar o Putt, ou o Chipp.

PRO-AM: Competição em que participam profissionais e amadores. Jogando na mesma formação

ROUGH: Relva densa e de corte alto que ladeia o fairway.

SAND-WEDGE: Um dos 14 tacos que compõem um set de golfe. Faz também parte dos ferros curtos. Tem a vareta mais curta e a face do taco tem um grande loft. É essencialmente utilizado para pancadas de dentro dos bunkers ou outras situações de dificuldade.

SET-UP: Postura ou posição do jogador quando está colocado à bola, preparado para iniciar o swing.

SHANK: Pancada defeituosa com o taco e que é considerada a pior no jogo de golfe: a bola viaja totalmente para a direita.

SHOT: Pancada.

SLICE: Os principiantes incorrem frequentemente neste erro em que a bola descreve uma curva para a direita.

STABLEFORD: Tipo de competição em que o resultado é encontrado por pontos. Os pontos são atribuídos por comparação com o resultado fixado para cada buraco (Par). Duas ou mais pancadas acima do Par = 0; Uma pancada acima do Par = 1 ponto; Par = 2 pontos; uma pancada abaixo do Par = 3 pontos e assim sucessivamente.

STANCE: Posição dos pés.

STROKE PLAY: Competição por pancadas.

SWING: Movimento completo de rotação do corpo, durante o qual o taco descreve um arco, culminando com a batida na bola.

TEE: Pequena base em madeira ou plástico onde se apoia a bola na primeira pancada de cada buraco.

TEE DE SAÍDA: Ou ponto de partida é uma área normalmente elevada, assinalada com marcas de várias cores (brancas, amarelas e vermelhas), onde é

executada a primeira pancada de cada um dos buracos do campo de golfe. Esta área é delimitada pelos limites exteriores das duas marcas (frente e lados) e pela profundidade de dois tacos de golfe.

THREESOME: É uma partida em que um jogador joga contra outros dois e em que cada lado joga uma bola. Os parceiros jogam alternadamente dos pontos de partida e alternadamente durante o jogo de cada buraco.

Fonte: FPG (2011)